

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

JOANA PEREIRA DOS SANTOS BANDEIRA DE MELO

**O CHORO CALADO DE UMA CRIANÇA AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM
TORNO DA VOZ E SUA MELODIA.**

Recife

2014

JOANA PEREIRA DOS SANTOS BANDEIRA DE MELO

**O CHORO CALADO DE UMA CRIANÇA AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM
TORNO DA VOZ E SUA MELODIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Glória Maria Monteiro de Carvalho

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª Andrea Siqueira

Recife

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M528c Melo, Joana Pereira dos Santos Bandeira de.
O choro calado de uma criança autista : estudo de caso em torno da voz
e sua melodia / Joana Pereira dos Santos Bandeira de Melo. – 2014.
111 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória Maria Monteiro de Carvalho.
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Siqueira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, 2014.
Inclui referências.

1. Psicologia cognitiva. 2. Psicanálise. 3. Autismo em crianças. 4. Música.
5. Melodia. I. Carvalho, Glória Maria Monteiro de (Orientadora). II.
Siqueira, Andrea (Coorientadora). III. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-268)

JOANA PEREIRA DOS SANTOS BANDEIRA DE MELO

O CHORO CALADO DE UMA CRIANÇA AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM TORNO
DA VOZ E SUA MELODIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal de Pernambuco, para obtenção do título
de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 24 / 02 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Luciane De Conti (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo (Examinador Externo)
Universidade Católica de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pois, sem Ele, eu não estaria aqui. Por sua presença constante em minha vida, por ser a minha fonte de luz e paz. Obrigada, Senhor, por nunca me faltar.

À minha família, meus amados pais e irmãos, pelo apoio e compreensão durante o meu ingresso no Mestrado, pela paciência diante de momentos de frustração e ansiedade e pelas falas de acalento que me ajudaram a seguir em frente.

A Felipe, meu noivo e porto-seguro, minha base e minha força, quem sempre acreditou que este trabalho fosse possível. Meu interlocutor, aquele que tem sempre uma palavra de inspiração, motivação e esperança para oferecer. Companheiro meu que, em meio à tantos nomes desconhecidos, viu as nossas conversas serem tomadas abruptamente por teorias, conceitos e hipóteses psicanalíticas. Mas que esteve sempre lá, pronto para escutá-las. A você, meu amor, obrigada.

À Andrea Siqueira, minha mestra, orientadora e professora de Graduação em Psicologia pela FBV-IMIP. Por onde minhas dúvidas, críticas e inquietações sempre iam buscar resposta. Exemplo de ética profissional e ser humano, quem me apresentou, pela primeira vez, o mundo do autista por quem devo sempre me deixar ser surpreendida. Sem ela, também, este trabalho não seria possível.

À Glória Carvalho, minha orientadora, por quem sempre se manteve disposta, interessada e atenta a minha pesquisa e que me possibilitou alcançar resultado final deste trabalho.

À minha também professora de Graduação, Deborah Foinquinos, que me apresentou ao mundo confuso e magnífico do Inconsciente, contribuindo para o meu contínuo amadurecimento enquanto pesquisadora e psicóloga.

À minha paciente autista de quando eu ainda terminava o meu último ano de Graduação em Psicologia, quem me motivou a levantar questões clínicas e me fez escutar para além do que não se diz.

Aos meus colegas da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), por me incentivarem a estudar Freud e me atualizar constantemente nos estudos psicanalíticos.

A Edigleisson Alcântara, meu colega e companheiro de leituras, que nunca esteve distante o bastante para acolher um pedido de socorro de uma mestrandia em apuros. Aquele que me apresentou autores e livros que transformaram o meu olhar sobre a clínica do autismo e da psicanálise.

À Fernanda, que, ao ceder os seus dados, possibilitou o encontro com o “choro calado” e o mundo de Nando.

A todos os meus colegas do curso de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva (UFPE), que de uma forma ou de outra, compartilharam a experiência de engrenar no curso de Mestrado e que dividiram, em sala de aula ou nos corredores do oitavo andar do CFCH, seus tão preciosos conhecimentos.

À Carolina Henriques, minha analista, pelas suas tão necessárias e apropriadas intervenções, sempre marcantes e geradoras de reflexões e transformações.

A Lígia e Fernando Andrade, meus queridos professores de inglês, que ajudaram na correção e preparação do *abstract* deste trabalho.

*“Eis, a alcance de um grito, elas, que atentam
O impelido baixel, canoro entoam:
‘Tem-te, honra dos Aqueus, famoso Ulisses,
Nenhum passa daqui, sem que das bocas
Nos ouça a melodia, e com deleite
E instruído se vai. Consta-nos quanto
O Céu vos molestou na larga Tróia,
Quanto se faz nos consta n’alma terra.’
Destarte consonavam: da harmonia
Encantado, acenei que me soltassem;”*

(HOMERO, 2009, p. 136)

RESUMO

O presente trabalho de Dissertação de Mestrado pretende abordar a questão da música e do autismo à luz da psicanálise. Supomos que a música – enquanto melodia presente na voz (Outro) – possui características estruturantes para a construção psíquica da criança como sujeito. Indagamos o papel da música enquanto aquela que possibilitará a retomada do processo de Alienação e, em consequente, o da Separação, processos imprescindíveis na constituição do sujeito do inconsciente. Logo, com a contribuição dos teóricos psicanalíticos, são abordadas temáticas referentes à linguagem, à constituição do sujeito, o autismo e as relações da melodia musical com a voz, objeto da pulsão invocante. Para tal, utilizamos do método de Estudo de Caso que possibilita um encontro mais apropriado entre as propostas metodológicas deste estudo e dos objetivos que o mesmo comporta. Os Dados que comportam a análise deste trabalho, foram adquiridos através de filmagens, os quais foram transcritos, cedidos pela pesquisadora responsável. Tais registros fazem parte do Banco de Dados do CEMPI - Centro Médico Psicopedagógico Infantil, da cidade do Recife. O sujeito escolhido para o estudo, foi uma criança que, na época das filmagens, tinha 11 anos e apresentava o diagnóstico de autismo. Todos os registros foram autorizados pelos pais das crianças e pela instituição. Foram utilizadas as transcrições das sessões em grupo ou individuais, com destaque as manifestações melódicas (por exemplo, onomatopeias) e as produções verbais (por exemplo, ecolalia) do sujeito. O estudo constatou que falas puderam servir de sentido a partir da relação dialógica possibilitada pela escuta psicanalítica entre o sujeito e as suas terapeutas. Além disso, identificamos que uma quantidade considerável de estereotípias e ecolalias, tais como os movimentos repetitivos de balançar os braços e repetições de palavras como “chora” ou “ir embora”, e onomatopeias, encontraram, nas terapeutas, boas entendedoras do som, ao mesmo tempo que possibilitavam supor na criança um sujeito de desejo, como saída de um estado de pura necessidade, saída que marca os processos de Alienação e Separação.

Palavras-chave: Autismo. Psicanálise. Música. Melodia. Pulsão Invocante.

ABSTRACT

This Master's Thesis work aims at addressing the issue of music and autism in the light of psychoanalysis. We assume that music - while melody present in the voice (Other) - has structural characteristics for the psychic construction of the child as a subject. We asked what the role of music is as one that will allow the resumption of the Alienation process, and therefore the Separation, essential processes in the constitution of the subject of the unconscious. Thus, with the contribution of psychoanalytic theorists, themes relating to language, the constitution of the subject, autism, and relations of musical melody with the voice - as the object of invoking drive - are addressed. For this purpose, we used the method of case study that enables a more appropriate match between the methodological proposals of this study and the objectives therein contained. Data involving the analysis of this study were acquired through filming transcribed by the researcher assigned responsibility. These records are part of Database CEMPI - Children Psychopedagogical Medical Center, in the city of Recife. The subject chosen for the study was a child who, at the time of filming, was 11 and had a diagnosis of autism. His parents and the institution committed all records. Transcripts of sessions in group or individual, considering the melodic manifestations (e.g., onomatopoeia) and verbal productions (e.g., echolalia) of the subject were used. This study found that speech could convey meaning through the dialogical relationship, which made possible by psychoanalytic listening between the subject and their therapists. Furthermore, we identified that a considerable number of stereotypies and echolalia, repetitive movements, such as swinging arms and repetitions of words like "cry" or "go" and onomatopoeia, found in the therapists, good listeners. They made the supposition of the child to become the subject of desire possible while leaving a state of pure necessity - characteristic of the Alienation and Separation process.

Keywords: Autism. Psychoanalysis. Music. Melody. Invoking Drive

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 MÚSICA E MUSICALIDADE	14
2.2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICANALÍTICO	18
2.2.1 A teoria Psicanalítica de Jacques Lacan: “o inconsciente estruturado como linguagem” ..	19
2.3 O CONCEITO PSICANALÍTICO DE PULSÃO	27
2.3.1 Em Freud e Lacan.....	27
2.3.2 Circuito Pulsional.....	29
2.3.3 A Pulsão Invocante.....	31
2.3.4 O manhês.....	42
2.4 MÚSICA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	44
2.4.1 A voz que ressoa	47
2.5 UMA ESCUTA PSICANALÍTICA DO AUTISMO	50
2.5.1 Música e o autismo	59
2.5.2 A teoria dos autistas verbosos	61
3 MÉTODO	72
3.1 PARTICIPANTES	72
3.2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS	73
3.2.1 Análise dos dados	73
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	75
4.1 O QUADRO CLÍNICO DE NANDO	75
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

O autismo é uma temática bastante frequente na sociedade contemporânea em geral. Ele tem sido alvo de vários autores consagrados na academia e na clínica [(BALBO e BERGÈS, 2003); (BANDIM, 2010); (CATÃO, 2009); (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007); (TREVARTHEN, AITKEN, *et al.*, 1998)], principalmente por ser um diagnóstico que está sendo cada vez mais comum em clínicas psiquiátricas e psicológicas.

Os pesquisadores Colwyn Trevarthen *et al.* (1998) relatam no livro *Children with autism: diagnosis and interventions to meet their needs*, o quanto o número de casos de autismo tem variado desde que foi incluído nos sistemas de diagnósticos DSM-III ou CID-9. De acordo com esses relatos, o número de casos com diagnóstico de autismo tem variado demasiadamente durante os últimos anos, em virtude de vários fatores, dentre os quais se destacam: a diversidade de critérios utilizados para a sua avaliação, como também a falta de esclarecimento quanto a sua causa; a falta de um consenso quanto aos sintomas que devem ser levados em conta e aqueles que devem ser descartados no momento em que se propõe a diagnosticar como autista, uma criança, adolescente ou adulto.

O antropólogo Roy R. Grinker (GRINKER, 2010) buscou juntar diversas referências de artigos e pesquisas científicas para compreender melhor essa síndrome que entrou na sua casa quando sua filha foi diagnosticada como autista. Segundo ele, apesar de todas as publicações e de todas as pesquisas em torno desse tema, o autismo ainda se encontra num campo obscuro e conturbado, pois parece que não se chegou ainda a nenhum consenso quanto à sua causa e, conseqüentemente, quanto ao tratamento mais eficiente. Logo no início do seu livro *Autismo: um mundo obscuro e conturbado* (GRINKER, 2010), Grinker apresenta dados de pesquisas de 1994, ano em que a sua filha foi diagnosticada como autista, época em que afirmavam que esta síndrome (rara) acometia apenas três em cada 10 mil crianças. Hoje, sabemos que o quadro está bastante diferente do que há mais de 15 anos atrás. Em suas pesquisas bibliográficas, o autor relata que, nos tempos atuais, as pesquisas científicas constataam que o autismo surge em 60 de cada 10 mil crianças.

Várias são as hipóteses para explicar tal situação [(BANDIM, 2010); (BALBO e BERGÈS, 2003); (TREVARTHEN, AITKEN, *et al.*, 1998)]. A mais plausível, contudo, é a de que não só as pesquisas atuais têm influenciado no modo pelo qual os médicos e psicólogos identificam o autismo, como também se pode suspeitar da existência, na cultura ocidental, de

um modismo social estigmatizado, pondo o autismo como a síndrome da “moda”. Nessa perspectiva, é preciso estar atento aos sintomas próprios que cada diagnóstico comporta, lembrando-se da relevância de se fazerem diagnósticos diferenciais, muitas vezes, esquecidos (KUPFER, 2000).

Esse é, portanto, o quadro no qual o Autismo se encontra, indicando o porquê de ser ele um tema que muito tem chamado a atenção de profissionais de áreas de conhecimento que estudam o funcionamento psíquico, como a psicologia e a psicanálise.

Vale destacar que, em meio à dificuldade de se recortarem os sintomas que definiriam o autismo, os autores parecem concordar num ponto: algum obstáculo se manifesta em relação à linguagem de pessoas a quem, provavelmente, seria atribuído aquele diagnóstico, conforme vai ser discutido nos capítulos que se seguem neste trabalho.

Diante disso, abordaremos, a partir de um estudo de caso, algumas questões, no que toca a linguagem de uma criança autista numa perspectiva psicanalítica. O interesse pela linguagem no autismo surgiu durante o acompanhamento terapêutico de uma criança de 9 anos que realizei, no ambulatório de uma instituição que atendia através do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade do Recife, Pernambuco, por um período de 10 meses, quando fazia parte do programa de estágio curricular nessa Instituição.

Durante os atendimentos, foi observado que, enquanto a criança apresentava graves dificuldades em se comunicar através da linguagem verbal – produzindo palavras impossíveis de serem identificadas pelos pais e pelas pessoas com quem convivia – quando cantava, tal dificuldade não existia. As palavras cantadas eram produzidas de forma tão nítida e clara que era fácil identificar a música que a criança estava cantando. Além disso, a criança apenas cantava quando surgia alguma situação na qual ela precisava de ajuda, ou melhor, precisava entrar em contato com alguém que, neste caso, era a terapeuta. Por sua vez, a terapeuta interpretava esses comportamentos como um apelo a ela endereçado, no processo de tratamento de orientação psicanalítica, sob a supervisão de um profissional. Naqueles momentos, interrogava-se o papel que a música exerceria na linguagem da criança, considerando suas manifestações melódicas como uma forma de apelo ao outro. Nessa direção, propusemos que a música teria algum efeito sobre as verbalizações da criança com diagnóstico de autismo, considerando suas manifestações melódicas como formas de apelo ao outro.

Coloca-se, portanto, em discussão perspectivas defendidas por autores como Vilas, Carlos, Diogo & Siqueira (VILA, DIOGO e SIQUEIRA, 2009); Gomes, Rota, Pedroso & Fleming (GOMES, 2003) e Gikovate (GIKOVATE, 2009), que apontam dentre vários sintomas característicos do autismo, a hipersensibilidade auditiva, ressaltando o seu caráter anormal enquanto funcionamento psíquico, pois este seria perturbador e causador de sofrimento. Gomes (2003) cita Rosenhall et.al (1999) e O’Neil & Jones (1997) ao relacionarem a hipersensibilidade auditiva no autismo como anormalidade e característica do diagnóstico-clínico:

ROSENHALL *et al.* (1999) afirmam que a hipersensibilidade ao estímulo sonoro e a tendência em realizar estimulação sonora e/ou atitudes motoras estereotipadas são sinais clínicos comuns no Transtorno do Espectro Autista. (GOMES, 2003, p. 26)

[...] A presença de respostas sensoriais anormais está relacionada aos aspectos comportamentais dos autistas, bem como ao aspecto social e às dificuldades de comunicação desses sujeitos (O’Neil & Jones, 1997). (GOMES, 2003, p. 28-29)

Nesse sentido, os autores mencionados compreendem a hipersensibilidade auditiva, apenas, como uma característica negativa do Autismo. Em outras palavras, com fundamento na perspectiva psicanalítica lacaniana assumida neste trabalho, propõe-se que uma provável hipersensibilidade auditiva, sobretudo no que diz respeito à produção sonora, poderia ser realçada por meio de uma abordagem positiva do autismo. Nessa perspectiva, supõe-se que a música – em sua dimensão de produção melódica –, possui características estruturantes para a construção psíquica da criança como *sujeito* ((BALBO e BERGÈS, 2002); (CATÃO, 2009); (FERREIRA, 2011); (LAZNIK, 2004) e (QUEIROZ, 2005); (VIVÈS, 2009); (MALEVAL, 2012); (AZEVEDO, 2011); (MELGAÇO, 2001); (DIDIER-WEILL, 1999) entre outros).

Assim, com fundamento em Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999), destacamos que a música possui um caráter de apelo que ocupa um lugar fundamental na estruturação subjetiva, na medida em que poderia constituir uma via de encontro entre a criança e os significantes. Por sua vez, esse autor assume a proposta dominante no campo da psicanálise, segundo a qual é necessário que a criança esqueça a música da voz materna (a *sonata materna*), para que ela possa aceder à fala, ou seja para que ela possa aceder à condição de sujeito.

Podemos, então, indicar um paradoxo, por meio da seguinte indagação: como é possível propor que a música poderia constituir uma via de encontro entre a criança autista e os

significantes, se acabamos de assumir a proposta psicanalítica segundo a qual a criança deve esquecer a música para passar à fala?

Na perspectiva psicanalítica, considerando o apelo inerente à música, assumimos que esse apelo se atualizaria por meio da repetição ou da insistência de uma palavra (provavelmente ainda não significante) que podemos chamar de *índice do apelo*. Entendemos então que, para esquecer a música, o *índice do apelo* deveria se subtrair à massa sonora, ligando-se a outros índices, ligação essa que os transformaria em significantes. Assim, por mais paradoxal que possa parecer, seria pela insistência do *índice do apelo*, por meio do qual o *apelo musical* se atualizaria, que a música (da voz materna) poderia ser esquecida, ou seja, poderia o índice se transformar em significante, relacionando-se a outros significantes.

Com fundamento no que foi colocado, o **objetivo geral** desta Dissertação consiste em **investigar a relação entre música e autismo** e seus **objetivos específicos** podem ser formulados nos seguintes termos:

- Investigar se manifestações musicais da criança autista constituiriam um apelo, segundo a concepção psicanalítica
- Investigar se esse apelo se atualizaria por meio da repetição ou insistência de uma palavra (*índice do apelo*).
- Investigar se essa palavra se relacionaria com outras palavras – sobretudo no que toca a semelhança sonora entre elas –, nas produções verbais da criança, fornecendo, assim, alguma indicação de seu processo de mudança em significante.

Esses objetivos serão fundamentados teoricamente, por meio de propostas, que se situam no campo da psicanálise sobre temas a eles relacionados e, metodologicamente, por meio de um Estudo de Caso. Antes, porém, necessária se faz uma abordagem do conceito de música, a fim de indicarmos o sentido em que ela é usada nesse campo de estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MÚSICA E MUSICALIDADE

A música pode ser apresentada levando em consideração dois aspectos: estrutural e histórico. No que diz respeito ao aspecto estrutural da música, ou seja, o timbre, a harmonia, melodia e o ritmo, tomaremos como base o trabalho de Maria de Lourdes Sekeff - em *Da música, seus usos e recursos* (SEKEFF, 2007) - que define a música a partir de duas características que lhe são essenciais: aconceituamento e indução.

O aconceituamento diz respeito à incapacidade de conceituação da música devido a sua ambiguidade, incapacidade na formação de ideias claras e categóricas, pela sua polissemia, por ser dotada de sentido e não de significação¹. Aconceitual, pois encontra-se no campo do inconsciente, o que surge na consciência, são os substitutos inconscientes que respondem aos mesmos processos primários (deslocamento e condensação) descritos por Freud (1916/1996) ao estudar os sonhos. A indução faz referência ao fato de a música ter o carácter de induzir atividades motoras, afetivas e intelectuais, possibilitado pelos elementos que a constitui. Sekeff (SEKEFF, 2007) descreve esses elementos como: ritmo, **melodia**, harmonia e timbre.

Sendo fundamentalmente ação, o ritmo faz parte da consciência motriz, estruturando-se enquanto forma no e com o movimento. Por isso, não lhe falta o carácter disciplinador, servindo como recurso que “é percebido, aceito, dominado e experienciado em cada nova escuta musical” (SEKEFF, 2007, p. 45). Ele também se destaca pela relação com a emoção, visto que, enquanto ação, o ritmo se configura como provocador de emoções, emoções disciplinantes, estimulando áreas perceptivas como o ouvido. Não obstante, também age no sistema muscular que será induzido a responder ao ritmo assim como o sistema nervoso pois, possibilitará ao sujeito colocar-se perante tempo e espaço.

A melodia é considerada como a “sucessão temporal de sons e silêncios” (SEKEFF, 2007, p. 45) tendo sentido e direcionalidade. Toda melodia tem o ritmo como denominador comum. Para a autora, a árdua busca por sua teorização envolve tantos campos da física e da acústica, quanto da psicologia e da lógica, mas também da teoria pelo que se ouve e se sente. No que diz respeito à psicologia, a melodia toca o sujeito na sua afetividade. Um detalhe que

¹ Significação no que diz respeito aquilo que é conceituado, definido de forma clara, como se fosse possível haver um único significado para todas as músicas. Por isso, a significação perde lugar para a busca de um sentido, um significante para o sujeito, ou seja, responder o que é a música é responder o que é a música para aquele que a ouve e atribui sentido a ela. Com isso, estamos falando da música enquanto significante e não significação.

deve ser destacado para depois ser relacionado com essa afetividade – e que nos interessa e muito nesse trabalho – é voltada para a sua natureza física. Nela, a autora dirá que o trabalho da melodia possibilita prazer/desprazer e, em suas próprias palavras “falam à sensibilidade, facultando ao receptor ‘ressoar’ os referidos estímulos;” (Sekeff, 2007, p. 46 *grifo nosso*). Significa dizer que, no que toca a afetividade e a física, a melodia se constitui tanto no aspecto do que pode proporcionar prazer/desprazer quanto do que os seus sons cheios de sentidos afetam o sujeito em sua afetividade. Além disso, Sekeff destaca dois elementos primordiais da melodia: duração e intensidade, e que estes corresponderiam àquilo que providenciará o encontro do sujeito (ouvinte) consigo mesmo. A melodia age, portanto, no tocante ao emocional, promovendo um encontro do sujeito com os seus significantes o que resultará num movimento íntimo e subjetivo. Por isso, a melodia fala de uma “fisionomia sentimental característica de cada indivíduo” (SEKEFF, 2007, p. 47) o que significa dizer que ao tratarmos da melodia, estamos fundamentalmente tratando de questões particulares de como o sujeito responde emocionalmente às relações com o mundo e as pessoas, sem esquecer, é claro, da cultura em que este se desenvolve.

A Harmonia diz respeito ao modo como os sons estão acordados e em como a frequência desses sons se combinam. Assim, som, ritmo e melodia se juntam para darem forma à harmonia. O acorde é que possibilitará essa junção, considerado obra do homem ocidental no que tange os seus aspectos *sensorial, afetivo e mental* (SEKEFF, 2007).

Por fim, o timbre possibilita que sons da mesma altura possam ser produzidos por diferentes instrumentos musicais. Ao falarmos de timbre estamos, necessariamente, falando de intensidade e altura.

Outras áreas do conhecimento denunciam, da mesma maneira, o fato de haver na música tantas modificações tanto em seus aspectos estrutural quanto formal. Em pesquisas na área da Psicanálise, por exemplo, essas modificações circulam entorno de seu aspecto técnico formal, expressivo e composicional.

Segundo Renata Mattos de Azevedo (2011), é possível conceituar a música com base nas mudanças ocorridas durante a sua história. Nessa historicidade musical, encontramos a música em três formações: modal, tonal e pós-tonal (atonal)².

² Para que não haja confusões entre termos, escolhemos, neste trabalho, utilizar o termo “pós-tonal” em lugar de “atonal”, assim como o fez Azevedo (AZEVEDO, 2011), referência da literatura que servirá de base nesta parte do trabalho.

Começamos pelo primeiro momento histórico onde podemos encontrar a música na sua dimensão modal. Nesta dimensão, encontramos uma predominância da música no seu carácter mais ritualístico. Ela é, por esse carácter, passível de ser apreendida e compartilhada. No carácter composicional, ela se destaca por adquirir uma pré-configuração bem clara de suas notas musicais. Essas notas apresentam uma relação tão determinada que terminam por formar um modo – por isso o nome – tão fixado, capaz de orientar toda uma peça musical, sendo também o mesmo modo pela qual as notas se remetem entre si.

O que mais é observado na música modal é a sua característica cíclica. Devido a ela, a música modal é convocada à repetição, podendo ser mantida por toda a peça mesmo sofrendo algumas variações. De todo modo, também é passível de mudanças. Segundo Azevedo, a música é arte, uma vez que “é próprio à arte a abertura, e esta se mostra como uma via para que o sujeito possa se encontrar com o que escapa ao sentido, com a surpresa, com o desconhecido” (AZEVEDO, 2011, p. 13).

No que tange o aspecto tonal da música, nota-se que esta característica é observada nos modos medievais do Ocidente. Diz respeito à sistematização e ao estudo de certas regras que regeriam a forma de utilização da linguagem musical dando origem a uma nova forma de organização dos sons, sons musicais. Assim, haveria uma formalidade que responderia a regras de utilização dos mesmos.

Com isso, a relação entre as notas musicais difere da música modal já que, na música tonal, esses sons respondem a uma organização própria, ou seja, a uma estruturação prévia e variável. Possibilita, portanto, o estabelecimento de funções para essas notas e funções entre elas. É possível que a relação entre as notas musicais responda à função de uma única nota, sendo esta, a nota que “organizaria” as outras. De acordo com Azevedo (AZEVEDO, 2011), a música tonal não seria caracterizada como um modo ou um modelo e sim, como uma escala.

Consonante com os pensamentos de Azevedo (AZEVEDO, 2011), algumas considerações precisam, antes de tudo, serem postas no que diz respeito à música pós-tonal. A primeira delas faz menção ao compositor Arnol Schönberg (*apud* Azevedo, 2011), que teria a sua música conhecida e reconhecida originalmente enquanto música pós-tonal, historicamente marcada como uma mudança paradigmática no âmbito musical. Segundo, que esta mudança se deve à característica triunfal dada à música que é de ir mais além, compreendendo que é essa linguagem musical que enquadra todos os sons dissonantes e pré-estabelecidos em todas as formas musicais existentes. Tal mudança é devidamente mais acentuada na música pós-tonal,

colocando situando-a num espaço histórico onde pressupõe uma nova escuta. Escuta do que não se pode ouvir, que se abre radicalmente ao Real³ e aos efeitos singulares que tocam cada sujeito. Estamos falando de uma música onde, independente dos seus sons e de como as suas notas estejam relacionadas, o que vai tocar o sujeito é aquilo que não pode ser escutado e sim, experienciado por esse sujeito que dará o tom, a forma e o modo musical a ela. A linguagem musical pode ser encontrada num formato no “Real” do sujeito, naquilo que se apresenta a ele enquanto real e ao mesmo tempo subjetivo. Em outras palavras, “a criação de um novo objeto disponibilizado pela cultura que dará a ouvir um manejo possível do real cunhando, com isso, um inédito, um nunca ouvido” (AZEVEDO, 2011, p. 14).

Ademais, com fundamento em Haroldo de Campos (CAMPOS, 1994), indicamos que os elementos essenciais da música consistem em melodia e ritmo. Falando sobre a música na poesia, Campos (CAMPOS, 1994) afirma que a *melodia* instaura a linearidade, a horizontalidade, poderíamos dizer, instaura a continuidade temporal, sendo o *ritmo* aquilo que rompe essa continuidade, pelo cadenciamento, pela alternância. Temos, portanto, como principais dimensões da música, a *melodia*, o *ritmo* e a *harmonia* que consiste na combinação simultânea de sons, ou melhor, no delicado equilíbrio de matizes sonoras, sendo a “teoria da harmonia, em música, que matiza (‘colore’) com incidências na vertical o desenvolvimento horizontal da linha melódica (...)” (CAMPOS, 1994, p. 55).

Portanto, consideraremos mais um aspecto: a música enquanto melodia e a musicalidade que escapa à voz (Outro). Esse conceito não nos diz sobre uma musicalidade que tem como objeto central a criação musical, de uma canção ou cantiga. Não estamos tratando de um aparato musical, como propõe a musicoterapia. Esta diz respeito ao tratamento psicológico através de estímulos que a música promove afetando esferas psíquicas como afeto e intelecto. A musicoterapia utiliza o emprego de materiais e método próprios, objetivando a reabilitação do paciente para que saia de um estado de desagregação psíquica para um estado comum (SEKEFF, 2007).

Não é disso que estamos nos reportando. Precisamos nos desvincular da concepção de musicalidade enquanto aquilo que movimentará uma criatividade musical ou uma mudança comportamental. Falamos de uma musicalidade partindo das ferramentas para a sua escuta,

³ Termo descrito por Lacan e que constituiria um dos registros por onde o sujeito se organiza psiquicamente: real, imaginário e simbólico. Este assunto será aprofundado nos tópicos a seguir.

próprias da técnica psicanalítica, a dizer, a escuta clínica, aquela que buscará escutar o discurso por trás do sujeito do inconsciente.

É do carácter musical, psíquico e inconsciente que estamos tratando o conceito de musicalidade. É com base nesse conceito, possibilitado pela música pós-tonal, que podemos escutar aquilo que ressoa da música e que está “além do que se intenciona dizer” (AZEVEDO, 2011, p. 15), ou seja, daquilo que o sujeito do inconsciente diz quando o sujeito (consciente) defende que não diz. Partindo do pressuposto que o inconsciente é aquele que detém de todos os desejos mais próprios do sujeito, compreendemos também que este mesmo sujeito é “tentado” interruptamente por esses mesmos desejos. Nossa escuta estará voltada, portanto, para a musicalidade inconsciente e constitutiva do sujeito.

Ao utilizarmos do conceito de musicalidade, viabilizamos a articulação e desarticulação dos restos daquilo que foi possível ser ouvido pelo sujeito, ainda em constituição através do Outro. Como será discutido em seguida, o sujeito se constitui a partir da presença do Outro capaz de oferecer-lhe atributos suficientes para a sua sobrevivência e inserção no campo do simbólico e, assim, na linguagem. No que tange às crianças autistas, essa perspectiva da musicalidade possibilita o levantamento de várias interrogações, algumas das quais abordaremos nesta Dissertação.

Com o intuito de focar tais questões, é que enfatizamos a discussão sobre a formação do sujeito do inconsciente e o papel que a melodia da voz – enquanto musicalidade – desempenha. Nos próximos tópicos, discutiremos sobre a compreensão da formação do sujeito inconsciente a qual o presente trabalho se ancora.

2.2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICANALÍTICO

É importante, neste momento, indicarmos a concepção de sujeito que norteia este trabalho. Destaquemos, então, que no referencial psicanalítico que assumimos, as noções de sujeito e de linguagem estão intimamente ligadas. Chemama define o sujeito da psicanálise como o “ser humano submetido às leis da linguagem que o constituem e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente” (CHEMAMA, 1995, p. 208). Essas formações do inconsciente são os atos falhos, os sonhos, os sintomas que escapam ao controle do sujeito, constituindo, assim, brechas pelas quais o inconsciente se manifesta e surpreende o consciente, revelando assim a divisão do sujeito.

Trata-se, portanto de um sujeito submetido à linguagem que o antecede e o constitui, situando-se, portanto, numa posição bem diferente do sujeito epistêmico assumido, por exemplo, pelo construtivismo piagetiano, segundo o qual a criança ao construir conhecimentos sobre a linguagem, passa a dominá-la.

2.2.1 A teoria Psicanalítica de Jacques Lacan: “o inconsciente estruturado como linguagem”.

No referencial psicanalítico, Lacan insiste na proposta de uma subversão do sujeito à linguagem, lançando mão do estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, 2006), para atribuir estatuto teórico a posição de um sujeito psíquico constituído pela linguagem. Para esse linguista o signo linguístico seria uma unidade composta de duas partes: o conceito (ou significado) e a imagem acústica (ou significante). Posteriormente concebe – por meio da formulação de sua teoria do valor – que cada termo do sistema linguístico apenas adquire seu valor quando relacionado com os outros termos desse sistema. Seriam, portanto, relações diferenciais que definiriam cada termo da língua concebida como uma estrutura.

Devido à renúncia ao estruturalismo de Saussure e a partir da sua releitura do sujeito da psicanálise, foi necessário a Lacan fazer algumas modificações nessa teoria como, por exemplo, separar o significante do significado, isto é, quebrar a unidade entre eles e, considerando a primazia do primeiro sobre o segundo, propor que seria do encadeamento de significantes que surgiria, como efeito, o significado.

Saussure foi o primeiro a estudar a língua sob uma perspectiva estruturalista, enfatizando a dimensão sincrônica no campo linguístico (DOR, 1989). Nesta perspectiva, buscou revelar propriedades pertencentes a língua, como exemplo a arbitrariedade, o signo linguístico e a discrepância entre os conceitos de significado e significante. Com o desenvolvimento do primeiro princípio, “o arbitrário do signo”, o autor levanta características próprias do significante e do significado, sendo o signo como o seu resultado final. O termo “arbitrário” é sujeito à observação do autor ao negar que o significante dependeria de uma escolha por aquele que se utiliza da linguagem, mas, sim que é “arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhuma ligação natural na realidade” (SAUSSURE, 2006, p. 86). Nas palavras de Joel Dor, o autor estaria querendo dizer que, “quer um mesmo significado pode encontrar-se associado a qualquer significante; quer, inversamente, um mesmo significante pode encontrar-se associado a qualquer significado” (DOR, 1989, p. 30). Diante

disso, fica claro quando ao usar a palavra “casa”, por exemplo, que ela não se restringe a uma única forma de signo visto que também é possível ter o seu significado encontrado em “house”, no inglês, e “maison”, no francês.

Tal trabalho de Saussure será relido pelo psicanalista Jaques Lacan em “*O Discurso de Roma*” (1953/2003), e servirá de base para a construção de uma hipótese geral sobre o inconsciente enquanto estruturado pela linguagem. No Seminário 2 (1954/1996), Lacan afirma que a linguagem advém da necessidade de nomear aquilo que não está presente, visto que nenhum objeto é infinitamente durável. Além disso, a linguagem toma um conceito central na sua teoria quando o autor afirma que “o inconsciente é estruturado como linguagem” (DOR, 1996, p. 267).

Para que possamos compreender o significado dessa máxima lacaniana, consideraremos a constituição subjetiva do sujeito assim como Lacan o descreve, ao passo que damos seguimento a sua construção teórica. Nesse sentido, voltemos a nossa atenção para os processos que abarcam a teoria da constituição do sujeito, assim como propõe Lacan, a dizer, a Alienação, Separação e o Estádio do Espelho.

2.2.1.1 Alienação, Separação e Estádio do Espelho

Para que o bebê se desenvolva bem e que o seu aparelho psíquico seja construído tipicamente, existem momentos críticos que perpassam o primeiro ano de vida do ser humano. É quando as primeiras experiências com o outro não só garantirão a sua sobrevivência como também o desenvolvimento de um sujeito psíquico comum. Segundo Graciela Crespín (2004), o ser humano ao nascer precisa do outro para garantir a sua sobrevivência, diferentemente das outras espécies. Não basta somente satisfazê-lo fisiologicamente, pois sozinho, ele não resistirá mais de cinco horas. É neste período que um outro, não sendo outro bebê, com conhecimentos semelhantes a de um adulto, por exemplo, exerça uma função de representante do mundo para garantir a este bebê condições para sobreviver aos seus primeiros meses de vida. A essa função, que implica o conceito de grande Outro, Lacan denominou de função materna, pois está relacionada à função de cuidado socialmente imposta às mães. Não se trata de uma função que se prende ao real do sexo biológico, visto que num mesmo sujeito é preciso que as funções materna e paterna se façam presente. Essa relação aos termos “materno” e “paterno” surge como forma de destacar as posições que cada função designa ao sujeito. É importante frisar que esta função não é única da progenitora ou da mãe de um bebê, mas, sim de alguém que se presta a assumi-la como tal.

Isto se dá devido ao fato de que, no que tange o funcionamento do inconsciente, a função materna é exercida por qualquer adulto, não sendo única e exclusivamente determinada pela gestação ou pelo sexo feminino. É por este motivo que se faz possível encontrarmos pais, avôs, avôs, tios e tias assumindo o papel que a função materna carrega.

Consideramos de grande importância para a compreensão teórica do qual este trabalho se ancora, o conceito de grande Outro. Em virtude de explicarmos melhor o que condiz a noção de grande Outro em Lacan, abriremos, neste momento, um pequeno parêntese, uma vez que, de acordo com Andrès (1996), o conceito de grande Outro pode ser definido da seguinte forma:

Essa noção de “grande Outro” é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; trata-se de uma realidade discursiva de que Lacan fala no Seminário 20; o conjunto dos termos que constituem esse espaço remete sempre a outros e eles participam da dimensão simbólica margeada pela do imaginário. A instância imaginária do eu se forja em função do que faz falta no Outro.

É nesse sentido que Lacan chamará o Outro de “tesouro dos significantes”, como bem nos lembra D’Agord (2009). Assim, podemos compreender o Outro como aquele ocupado por alguém que se identifica com a função materna, visto que, como já foi apresentado, será ela que atribuirá significantes, oferecendo sentido aos comportamentos do bebê.

Ademais, através da função materna, o bebê é tomado pela imagem da mãe. Significa dizer que, mesmo havendo a ruptura da ideia imaginária materna de que mãe-bebê se constituem um único ser, é necessário, pelo menos nesta hora, que ela o tome ainda como um pedaço de si mesma. Assim, a mãe dá início ao movimento de conferir pensamentos, que lhe são próprios, para o bebê. Se ele chora, ela lhe diz que é fome, ou cólica, ou sono, etc. A mãe, ou a sua função, estando neste lugar atributivo, não só possibilita que este bebê sobreviva às mudanças climáticas ou a fome, como também, e principalmente, está atribuindo conteúdos psíquicos à criança. Este fato é relevante para que futuramente ele possa se constituir sujeito. É através desse lugar o qual a mãe se encontra que ela **sabe** sobre o seu bebê. Estando nesta fase de *loucura necessária das mães* (WINNICOTT, 2000), imprescindível a qualquer advir de um bebê para sujeito, que ela fornecerá o substrato necessário para a constituição psíquica característica da posição transitiva da função materna, assim como defendidos por Bergès & Balbo (BALBO e BERGÈS, 2003).

É importante ressaltar que, tanto a função materna quanto a função paterna estão, e devem estar, presentes em todo sujeito. Em se tratando da relação indissociável mãe-bebê,

Lacan (1964/2008) denominou este período de Alienação: a mãe aliena a criança de que ela e os seus desejos são completamente satisfeitos. É na Alienação que a função materna precisa se fazer mais presente, pois quando o momento da Separação (LACAN, 1964/2008) acontecer, a criança já terá condições de suportar a dicotomia mãe-bebê e estará mais preparada para enfrentar o ambiente externo.

Durante a Alienação, a mãe permanece no lugar atributivo e designa significantes ou condições subjetivas às expressões de necessidade fisiológica do bebê, como um movimento interpretativo. Desse modo, essas necessidades - que dizem sobre um real biológico - toma direção para uma condição simbólica, já que é através da atribuição desses significantes que, depois, o bebê tomará como seus. Neste momento, o grito e o choro são entendidos pela mãe como formas de apelo ao seu cuidado.

Portanto, para a mãe, essas expressões fisiológicas assumem uma característica de demanda do bebê ao Outro, no caso ela, como uma mensagem a qual ela deverá decodificar através dos sentidos que serão atribuídos às necessidades, tornando-se demanda e deixando de ser o puro grito e passando para, como fala Porge (2012, p. 76), um *cri appel* (um grito de apelo). Diante deste processo, o bebê não só sai do lugar de pura necessidade, mas passa a assumir o lugar hipotético de sujeito. Neste lugar, ele será introduzido a sentidos e significantes que a mãe fará uso para acolher o apelo dirigido a ela. Não existirá mais o choro como uma simples reprodução sonora, mas sim, um apelo devido à fome, à cólica, ao desejo de algo que falta.

Assim, dizemos que o desejo do bebê se apresenta, antes de tudo, como desejo do outro, um desejo impossível de ser significado. Por isso, o objeto de desejo se configura enquanto um objeto “eternamente faltante” (BLEICHMAR e BLEICHMAR, 1992, p. 161), ou como a teoria se propõe chamar, objeto *a* que produz, ao mesmo tempo em que é produzido, a falta.

Nesse sentido, nota-se que não é o bebê quem diz à mãe o que sente, mas ela, a mãe, que se encontra identificada com essa posição de Outro, assumindo um saber sobre os sentidos posteriormente atribuídos aos comportamentos do bebê.

Sabemos também, que este momento deve ser seguido pelo processo de Separação, caracterizada pela marcação da metáfora paterna, enquanto significante da Lei e Nome-do-Pai, momento fundamentalmente possibilitado pela função paterna. A Separação é caracterizada pelo movimento ativo da função paterna. O seu papel é de servir como o corte desta relação

unificada. É, segundo Cavalcanti e Rocha, “a capacidade separadora do pai e à sua função reguladora da onipotência primordial da mãe” (CAVALCANTI e ROCHA, 2007, p. 29).

A função paterna, portanto, é compreendida enquanto aquela que dará o corte na relação fusional mãe-bebê, agindo para separá-los e trazer à tona o sujeito barrado, sujeito marcado pela falta, marcado pela castração psíquica. O nome-do-pai é, portanto, para Lacan, o herdeiro vivo do Complexo de Édipo e assim, aquele que introduzirá o sujeito ao campo do simbólico.

A metáfora paterna só será possível, contudo, se a função materna permitir o corte, reconhecendo em si mesma a sua própria castração e limite, dando a possibilidade do sujeito constituir-se enquanto sujeito de desejo, dando passagem pelas fases do Espelho assim como Lacan serão apresentados mais adiante.

A Separação também é caracterizada pelo movimento constituinte do sujeito que é, advindo da castração simbólica, a falta e, com isso, dando origem ao movimento do circuito pulsional em seus três tempos como será apresentado juntamente com o conceito de pulsão. Essa falta nos fala sobre um objeto perdido, objeto representativo psicologicamente do gozo primordial, gozo este que Freud se refere, para sempre perdido. O gozo seria proveniente da experiência primária de satisfação, a dizer, a amamentação, sendo o seio o seu objeto de satisfação. Contudo, Lacan retomará este momento e dirá que o objeto primordial que introduzirá a falta e marcará a ausência do objeto para sempre perdido será a voz (VIVÈS, 2009).

Ressaltemos que este período de loucura inerente a toda relação favorável entre a mãe e o seu bebê (Alienação), do mesmo modo que se inicia através do lugar que a mãe ocupa (lugar de grande Outro), deve ser terminado também por ela (Separação). Isto significa que a criança só irá experienciar o processo de Separação se a mãe abrir caminho para o interdito, o corte, a Lei, uma vez que, ao passar pela fase do identificatória do estágio do espelho, o bebê se encontra alienado na imagem da mãe, aquele que assume a função materna e lugar de Outro (BLEICHMAR e BLEICHMAR, 1992).

Portanto, quem assumirá essa função de mediador entre a relação Outro-bebê será aquele que exercerá a função paterna, característica da marca da entrada da criança no simbólico, como também, no mundo dos significantes possível pela marca do recalçamento primário, ou seja, pela metáfora paterna. Essa função atua enquanto mediador do gozo perante a relação e só será possível com o consentimento da função materna. Para isso, contudo, é

essencial que a mãe possa se fazer de eco da Lei do Pai que corta, no simbólico, a ilusão, tanto para a mãe quanto para o bebê, de que uma detém o objeto de gozo; e do outro, o bebê, que se confunde como o próprio objeto de desejo. Ou seja, é preciso que esta mãe seja, antes de tudo, um sujeito castrado, atravessado pela metáfora paterna que dita a lei onde ela não detém o “falo”⁴ e que, por isso, não detém o objeto de desejo.

A função paterna parte do princípio de que o bebê não faz parte do corpo paterno, visto que nessa relação não é possível que haja a experiência de **real biológico** (como no caso das mães que geraram os seus filhos). Ao contrário, desde o princípio para o pai – o referencial paterno -, o bebê é visto como um corpo separado da mãe e dos outros. Desse modo, ele é desde sempre um outro, com desejos que lhes são próprios, com necessidades próprias e subjetividade própria. Assim, a metáfora paterna promoverá a identificação do bebê como aquele que renunciará a posição de “ser” o falo, para o ingresso na “dialética da negociação” de quem terá o falo (BLEICHMAR e BLEICHMAR, 1992). É por este motivo que para os homens assumir a função paterna é mais fácil que para as mulheres, visto que o bebê não assume o lugar de continuum do seu próprio corpo (CRESPIN, 2004). Com isso, a função paterna visa trazer dados da realidade dando fim à sensação de onipotência e onipresença materna, facilitando para esse bebê a saída do lugar de objeto de desejo do Outro e a passagem à constituição como sujeito desejante, em outras palavras, sujeito de falta.

É por causa deste período alienatório entre mãe-bebê que Lacan formulará a tese do Estádio do Espelho (1949/1998). Segundo o autor, o Estádio do Espelho se configura como uma identificação, ou seja, como uma transformação do sujeito ao se deparar com a sua própria imagem. Nas palavras de Lacan, o Estádio do Espelho se dá quando o ser humano é ainda um bebê que não adquiriu uma linguagem, ou como nos reportamos, um *infans*:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio *infans* parece-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1948/1998, p. 97).

⁴ Na teoria lacaniana, o falo assume uma posição que não deve ser confundida com o pênis. De acordo com Bleichmar & Bleichmar (BLEICHMAR e BLEICHMAR, 1992), o falo nada mais é do que o significante por excelência: “Assim como o conto de Poe, os papéis são definidos, em relação à posse ou carência deste significante primordial. Não há outra forma de definir o papel que cabe mais a um do que a outros e esta relação está, por sua vez, firmada pelo falo, indicador do lugar correspondente a cada um, na estrutura” (1992, p.155).

De acordo com Nasio (NASIO, 1993), o Estádio do Espelho diz respeito ao processo de formação do corpo no registo imaginário. O autor nos relembra que, para Lacan, existiriam três noções de corpo: real, simbólico e imaginário. No primeiro, o corpo está no campo real pois é por onde ele goza. O corpo, neste sentido, é um corpo sexual e, como tal, é sexualmente que ele goza. Nas palavras do autor, “o gozo, efetivamente, só pode ser sexual, porque a meta ideal a que ele aspira é sexual” (NASIO, 1993, p. 148). A segunda noção de corpo, a simbólica, faz referência a um corpo falante, um corpo que não se tem carne nem osso, mas que é marcado por um conjunto de significantes.

Por fim, o corpo como imagem, do qual tratar-se-á o Estádio do Espelho, não diz respeito à imagem do corpo de si mesmo refletida no espelho. Para além disso, Nasio (NASIO, 1993) fala de um o corpo como imagem remetida pelo outro, outro no sentido de algo encontrado no mundo, no fora, externo. Essa imagem de fora retorna em virtude de oferecer consistência ao corpo que goza. Por fim, ele define como:

Assim, denomino corpo – terceira definição – qualquer imagem do corpo que reúna duas características: primeiro, que provenha do exterior, de um outro ser humano ou de qualquer objeto circundante que tenha uma forma que me fale; e segundo, que seja prenhe e se preste a abarcar os focos de meu gozo. (NASIO, 1993, p. 150)

Desse modo, o corpo, para a psicanálise, não poderá ser, jamais, um corpo completo e totalizante. Este corpo que goza, não goza, portanto, em sua completude e para sempre. O corpo do qual a psicanálise nos fala é uma parte, que provém o seu gozo através dos diversos objetos que as pulsões parciais apresentam, sendo nunca cessado.

É diante dessa noção de corpo que se trata o Estádio de Espelho. Lembremos que, mesmo que o bebê tenha travessado todos os estádios, ao fim, ele não terá alcançado um corpo totalizado e completo. Segundo Bleichmar & Bleichmar, a imagem do corpo nada mais é para o *infans* do que “a imagem antecipatória da coordenação e integridade que não possui naquele momento” (1992, p. 143) e que se configura a partir de uma experiência de identificação fundamental, uma identificação com o que não é. Desse modo, o sujeito, que é suposto na mãe, surge ao ser identificado pelo *infans* como seu, como o que ele está para se tornar. Assim, o estádio do espelho se passa por três tempos:

- a) No primeiro, a criança reconhece um corpo como espelho. Este corpo é um corpo reconhecido devido à capacidade que o ser humano tem e traz como herança genética

de reconhecer outro de sua própria espécie. Nesse momento, a criança não reconhece esse corpo como sendo seu, mas sim, simplesmente um corpo, um outro ser real. Aqui, vemos a marca da instância do eu, ou, como bem traz Lacan (LACAN, 1948/1998, p. 97), de um [eu]-ideal. Além disso, em *A agressividade em Psicanálise* (LACAN, 1948/1998), ele dirá que nesse momento identificatório, é possível observar na criança reações emocionais e testemunhos em processo transitivo, no que nos faz compreender o feitiço de uma “criança que bate diz ter sido batida, a que vê a outra cair, chora” (1948/1998, p. 113). Por tanto, nesse e em todo os tempos do estádio do espelho, a criança estará registrando essas experiências no que Lacan chamará de registro imaginário.

- b) Esta se caracteriza por ser a etapa decisiva do processo de identificação. Nesse momento, a criança faz uma descoberta: este corpo outro não é real. Este corpo outro é uma imagem, é virtual. Assim, a criança descobre que o que vê não é a realidade, o que ela vê é uma imagem da realidade. E isso é fundamental para que ela possa dar o fechamento do Estádio do Espelho no tempo seguinte.
- c) Aqui, a criança vê a imagem de um corpo que não é real, mas que está sujeito à algo real, a um objeto externo a ela. Assim como a mãe que está ao seu lado surge como uma imagem no espelho, a criança perceberá que aquele corpo que vê é a imagem de si mesma, dando fim à ideia de reflexo do seu próprio corpo. É exatamente diante desse fato e dessa constatação que a criança, agora não tão infans assim, - Lacan [19] dirá que o estádio do espelho se configura até os 18 meses de idade – encontra recuperado o corpo que antes se encontrava esfacelado⁵ e que agora encontra uma totalidade unificada. Ela agora tem uma representação do seu próprio corpo, de sua própria imagem.

É mesmo a identificação da criança com o seu próprio corpo se dá no momento em que a criança, esfacelada em suas pulsões parciais autoeróticas, encontra uma saída no modelo de corpo parental. Os autores Bleichmar & Bleichmar (1992) nos lembram da importância da passagem do Estádio do Espelho para a formação do Complexo de Édipo, sendo o Estádio do Espelho concomitante ao primeiro dos três tempos que se configura o Édipo. É devido a constante luta e interação entre o que Lacan chamará de eu-ideal e ideal do eu, que o complexo

⁵ Na teoria psicanalítica, desde Freud e agora retomado por Lacan, o infans, a princípio, é um corpo esfacelado, ou seja, sem formas e contornos. O bebê não reconhece os pés, as mãos, os dedos, por exemplo, como parte do todo que é o seu corpo até a passagem completa pelo estádio do espelho, onde essas partes desconexas se juntam e dão fechamento a uma antecipação da imagem de um corpo estruturado, fechado.

de Édipo tratará de encontrar uma identificação possível para o sujeito. A discussão sobre o Complexo de Édipo, contudo, não será foco desta Dissertação.

Diante dessa função de Outro assumida pela mãe, a criança começa a experienciar satisfações diversas providas pelos significantes que a mãe atribui aos seus apelos. Isso significa dizer que a mãe, ao exercer a função materna, se coloca enquanto sujeito da pulsão, oferecendo objetos pulsionais por onde a criança irá experienciar a satisfação através da realização em obtê-los, ou pelo menos, em ter a ilusão de que os possui, ou melhor, o possui. Segundo Freud, o objeto primordial, aquele que designará o primeiro objeto pelo qual o bebê irá experienciar satisfação, seria o seio, pois ele serviria para satisfazer o instinto (*Instinket*) da fome e daria início ao primeiro registro da pulsão oral, o sugar.

2.3 O CONCEITO PSICANALÍTICO DE PULSÃO

A concepção de pulsão e objetos pulsionais tomam formatos diferentes e que merecem uma considerável atenção. Assim, ao tratarmos do conceito de circuito pulsional, imprescindível para a compreensão da constituição do sujeito, marquemos as diferenças entre os conceitos de pulsão em Freud e Lacan.

2.3.1 Em Freud e Lacan

Na concepção freudiana, a pulsão (*Trieb*) consiste num conceito que se situa na fronteira entre o somático e o mental, devendo-se destacar que ela nunca se dá por si mesma, deixando-se conhecer, apenas, por meio de seus representantes: a ideia e o afeto. Freud, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), coloca:

Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (FREUD, 1905/1996, p. 173-174)

Em alguns textos traduzidos para a língua portuguesa, verifica-se uma confusão entre pulsão e instinto, na medida em que o primeiro termo – em alemão *Trieb* – fora traduzido por instinto biológico. No entanto, os dois termos rotulam concepções diferentes. Segundo Garcia-

Roza (2007), a diferença fundamental entre os dois conceitos consiste em que o instinto designa um comportamento hereditariamente fixado o que implica um objeto de satisfação e objetivos fixos, enquanto que a pulsão não designa nem comportamento pré-formado, nem uma fixidez no que toca o objeto de satisfação e os objetivos. É, portanto, a variação do objeto de satisfação e dos objetivos que marcam a concepção psicanalítica de pulsão e que a diferencia também da necessidade, que embora implique, assim como a pulsão, uma tensão interna que impele o organismo numa determinada direção, distingue basicamente, segundo ainda Garcia-Roza (GARCIA-ROZA, 2007), reside em que essa tensão é de ordem física e biológica. O que significa dizer que a necessidade encontra sua satisfação por meio de uma ação específica, visando a um objeto específico que permite a redução da tensão. A partir dessa diferença, vários autores [por exemplo, Nasio (NASIO, 1993)]descrevem a distinção entre o corpo concebido como organismo, sendo guiado pela necessidade e o corpo pulsional, cuja concepção de corpo é assumida na proposta psicanalítica.

As pulsões teriam como característica geral a sua zona erógena localizada na superfície do corpo. Assim, por exemplo, a pulsão oral se localiza na boca, a pulsão escópica, nos olhos. A pulsão oral, por exemplo, implica como superfície pulsional, a boca a qual, segundo Pommier (2004) é um lugar conflituoso, no sentido de que a boca, de um lado, come e, de outro lado, fala.

Em *Os Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1996), Freud descreve dois tempos iniciais que caracterizariam a inserção do bebê no circuito pulsional. O primeiro deles, nos remete ao bebê auto-erótico que encontra satisfação e excitação sexual num órgão ou numa parte do seu corpo, sem que seja preciso o investimento em um objeto externo. Esse é um período do desenvolvimento libidinal da criança que surgiria antes mesmo do narcisismo primário. Além disso, Freud pôde observar que antes desse momento, a pulsão sexual, ao se distanciar do instinto (*Trieb*), precisou fazer “apoio” na pulsão de auto-conservação que tem como objeto o seio:

Nosso estudo do ato de sugar o dedo ou sugar sensual já nos forneceu as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Em sua origem ela se apoia em uma das funções somáticas vitais; ainda não sentem objeto sexual e é, assim, auto-erótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena. (FREUD, 1905/1996, p. 187)

O segundo momento observado por ele é caracterizado pela busca de satisfação num objeto de qual receberá nome. Configura-se, portanto, as *fases da organização da libido* (fase oral, anal-sádica e fálica).

De acordo com Telma Corrêa de Queiroz (QUEIROZ, 2005), Freud caracteriza o seio como o primeiro objeto faltante da criança, pois é através da experiência da primeira mamada que o bebê vivenciará o seu único momento de gozo pleno. Esta sensação de completude não poderá nunca mais se repetir, pois nunca será satisfeito para a criança. Será, portanto, sempre falha, no sentido de que não realizará plenamente o desejo do sujeito. É importante dar-se conta de que tal saciação não se encontra no campo das necessidades fisiológicas, mas do inconsciente. É a partir da primeira experiência de angústia frente à falta do gozo que a criança se constituirá sujeito da linguagem.

Na teoria lacaniana, porém, o objeto primordial, aquele que, assim para Freud, nunca será recuperado, não seria o seio, mas sim a voz, objeto do registro da pulsão invocante e seria através das experiências de satisfação que a voz (Outro) invoca que o *infans* entrará no circuito pulsional. Para Lacan (1964/2008), portanto, a voz é considerada como a experiência mais próxima do inconsciente, adquirindo a função de objeto *a*.

Na sua releitura, Jacques Lacan considera as pulsões a partir da referência à linguagem em seu caráter simbólico, concebendo-as como “efeito da incidência da linguagem sobre o vivo” (CATÃO, 2009, p. 116). O caráter linguístico e representacional da pulsão é, então, mais estudado e elaborado nos trabalhos do psicanalista que dá especial destaque à pulsão invocante que antecede a pulsão oral e possui a voz como seu objeto. Com isso, a pulsão invocante ganha um espaço privilegiado ao tratarmos sobre a constituição do sujeito psicanalítico, permitindo-nos um melhor aprofundamento no conhecimento sobre as primeiras relações do *infans* com o Outro.

2.3.2 Circuito Pulsional

Relembremos que em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/1996), Freud ainda não tinha “descoberto” a pulsão como o fez em *As pulsões e vicissitudes* (FREUD, 1914-1916/2010). No primeiro trabalho, Freud afirma que, não só a primeira zona erógena é a boca como também que o chupar toma a zona como objeto. Mais tarde, Lacan (LACAN, 1964/2008) dirá que nenhum objeto de nenhuma necessidade poderá satisfazer a pulsão. Isto significa dizer, contrariando o pai da psicanálise, que não é o chupar e nem o alimento que satisfará a pulsão. Em outras palavras, é o seio que se resume ao objeto de satisfação da

necessidade alimentar, pois, como bem mostra Lacan, a satisfação da pulsão encontra-se em outro registro. Com isso, podemos compreender o motivo pelo qual ele introduziu o olhar e a voz como objetos pulsionais. É Lacan quem tira as pulsões parciais e todo o registro da necessidade do campo pulsional.

Mas o impossível está presente também no outro campo, como essencial. O princípio do prazer se caracteriza mesmo por isso que o impossível está ali tão presente que ele jamais é reconhecido como tal. A idéia de que a função do princípio do prazer é de se satisfazer pela alucinação está aí para ilustrar isto – é apenas uma ilustração. A pulsão apreendendo o seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão. (LACAN, 1964/2008, p. 163)

Com essa nova concepção da pulsão, que se encontra no registro fora da necessidade, é que se formulará o conceito de circuito pulsional, pois, como o termo denota, a pulsão se configura enquanto circuito, um movimento que encontra o fim no mesmo local onde se tomou origem.

Segundo Laznik (LAZNIK, 2004), à pulsão não cabe seguir um objeto de necessidade que a satisfaça e, sim, de encontrar um objeto que a cause. Isso significa dizer que a pulsão nunca será satisfeita completamente, encontrando o seu fim naquilo que a causa e, desse modo, dando movimento ao percurso de circuito. Além disso, como bem nos ensina Lacan (LACAN, 1964/2008), a pulsão pode se satisfazer sem alcançar o seu alvo, pois “seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/2008, p. 176).

É nesse sentido que compreendemos a configuração do circuito pulsional em três tempos específicos e que podem ser observados clinicamente.

No primeiro tempo do circuito pulsional o bebê é ativo e busca o objeto oral (seio ou mamadeira). Este é um momento bastante importante e é consideravelmente procurado por médicos ao checarem se o bebê mama convenientemente, segundo Laznik (LAZNIK, 2004).

O segundo tempo se configura quando a criança se apresenta como sua própria fonte pulsional sem a necessidade da busca pela satisfação alimentar através do leite materno, ou seja, a criança busca no seu próprio corpo fonte de prazer pulsional e não num objeto externo, nesse caso, o seio. Desse modo, ela se faz abandonar o objeto pulsional, constituindo-se o protótipo da sexualidade oral para Freud, por exemplo, o chupar o dedo torna-se o objeto que

proporcionará à criança experiência de satisfação pulsional. É nesse sentido que dizemos que ao “alimentar-se de si mesma”, a criança parra a ser “autônoma”.

Nesse sentido, compreendemos que a satisfação da fome nada tem a ver com a realização do desejo da pulsão. O momento que Freud denominou de “*auto-erotismo*” é onde a criança encontra, em si mesmo, no seu próprio corpo, objeto de satisfação pulsional.

Segundo Laznik (LAZNIK, 2004), só é considerado o terceiro tempo em que há uma devida satisfação pulsional quando a criança encontra no Outro a forma de gozar. Este, sim, o terceiro tempo, já mencionado por Freud, é aquele no qual a criança se faz objeto de um novo sujeito. Neste momento, a criança se torna assujeitado ao Outro (Lacan). Na clínica com bebês é possível observar que estes se emprestam à mãe, por exemplo, ao passo que se deixam ser comidos por ela frente um encontro lúdico. Ao entregar o seu dedinho à boca da mãe, a mesma responde-lhe com sorrisos, gozando da experiência que se reflete no bebê quando este se apresenta sorridente e também gozador da experiência de satisfação compartilhada. Vemos, assim, a busca da criança pelo gozo materno, o gozo do Outro materno.

Há quem se interrogue sobre tal “passividade” do bebê. Para a autora, este se mostra, ao contrário, bastante ativo ao prestar-se objeto perante o Outro. Ele é ativo ao “fazer-se objeto do Outro”. Contudo, é preciso que num determinado momento, a mãe se mostre falha e não se sucumba ao desejo de que esta relação permaneça neste enredo e que, assim, mostre-se castrada ao dizer que um terceiro, normalmente o Pai, não a deixará “engoli-lo” ou “comê-lo”, marcando o processo de Separação. É preciso que, após a experiência da Alienação, a mãe, enquanto função materna, dê espaço para que a Separação aconteça e introduza a Lei, pois, como já mostramos, o bebê também precisará ser um sujeito de falta, do mesmo modo que a sua mãe o é.

Essa experiência deixará traços mnêmicos na criança que, quando não estiver na presença do Outro e nem do seu gozo, poderá, ao chupar o seu dedo, por exemplo, reviver tal satisfação e, assim, suportar essa separação.

A partir do que foi exposto, como podemos compreender o movimento da pulsão invocante que tem a voz como objeto da pulsão?

2.3.3 A Pulsão Invocante

Em *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz* (1999), Paul-Laurent Assoun nos apresenta a perspectiva freudiana sobre a função da voz. O autor faz uma

considerável distinção entre a voz e o som, no que diz respeito aos seus significados propriamente ditos, ou melhor, no que há de diferença entre os seus conceitos.

Ao se tratar dos conceitos de voz em Freud, Assoun (ASSOUN, 1999) considera que à voz (*Stimme*) estaria designada a função de não só produzir sons (*Laute*), como também, o conjunto desses sons produzidos no momento em que eles como uma externalização do resultado de um esforço das cordas vocais do homem. O que o autor busca enfatizar é que a voz produz sons, mas que, no entanto, isto não seria o que dá a sua condição de existir. Nesse sentido, apresenta dois meios pela qual pode-se considerar a voz: *Stimme* e *Phone*. Não confundamos os dois termos. *Stimme* designa o efeito significante que transmite a voz (em grego *vox*) ao apelo, ou como o autor chama, “vociferações” (ASSOUN, 1999, p. 53). Já *Phone* emprega o que é chamado de “paradigma da fonia”, podendo ser cessada e calada como é visto em casos de afonia, perder a sua função como nos casos de disfonia e até ser confusa como é visto em casos de cacofonia. Segundo ele, a voz enquanto *Phone* designa um registro onde o som é prioritário. Assim, significa dizer que ao som, não lhe cabe nenhum efeito significante ao passo que, à voz, todo efeito significante é transmitido enquanto “vocação” e “invocação” (VIVÈS, 2009, p. 53).

No mesmo sentido, Vivès afirma que “pode-se apreender a voz como o suporte corporal e, portanto, pulsional de um enunciado, independentemente da modalidade sensorial utilizada por ele” (VIVÈS, 2009, p. 13). O que torna possível falarmos sobre voz em surdos pois a voz não está presa ao som e nem aos estímulos sensoriais auditivos.

Assoun nos faz recordar do valor proferido por Freud à voz. Para ele, a voz seria considerada, primeiramente, não mais que um elemento característico daqueles que sofrem de “delírios a serem notados” (FREUD, 1914) presentes em casos de paranoia, pois, na clínica das neuroses, Freud pôde identificar nessas vozes persecutórias que as mesmas resultam num efeito de controlar o sujeito, como também o de invadi-lo, surgindo como falas na terceira pessoa. Como mostra o seguinte recorte:

Os delírios de estar sendo vigiado apresentam esse poder numa forma regressiva, revelando assim sua gênese e a razão por que o paciente fica revoltado contra ele, pois o que induziu o indivíduo a formar um ideal do ego, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais (transmitida a ele por intermédio da voz), aos quais vieram juntar-se, à medida que o tempo passou, aqueles que o educaram e lhe ensinaram, a inumerável e indefinível corte de todas as outras pessoas de seu ambiente - seus semelhantes - e a opinião pública. (FREUD, 1914, p. 102)

É, portanto, pelo intermédio da voz que o comparecimento dos pais se faz presente na constituição do sujeito, configurando-se a presença do Outro. Para Freud, esses pacientes estavam submetidos aos delírios de observação, configurados como sendo aqueles nos quais o paciente se vê como o único ponto de interesse de todas essas “vozes” que o cercam, vozes as quais o autor denomina de “agente de censura” (FREUD, 1914, p. 102) caracterizando para a teoria lacaniana, portanto, o Outro que o invoca constantemente. É nesse sentido que Freud articulará o superego à questão da voz, primeiramente, à neurose e, no decorrer da construção da psicanálise, à psicose (ASSOUN, 1999).

Não obstante, Freud configura a questão de “ação” às vozes que buscariam desafiar “as leis da interioridade psíquica” (ASSOUN, 1999, p. 55). É através dessa nova atribuição à voz que Freud desenvolve o conceito de “autoridade parental”, nicho que o diferencia, em parte, da teoria futuramente desenvolvida por Jacques Lacan ao redor da atribuição da voz enquanto objeto pulsional. Seguindo este raciocínio, Assoun (ASSOUN, 1999) afirma uma passagem onde Freud revelaria em *Novas conferências de introdução à psicanálise*, que:

A incitação à forma do eu ideal, de que a consciência tem sido o preposto guardião, nasceu, com efeito, da *influência crítica dos pais, mediada pela voz*. (Freud *apud* Assoun, 1999, p. 55)

Aqui, é possível observar que nessa perspectiva, a voz em Freud é caracterizada enquanto instrumento de mediação, ou seja, mediador da relação “influência parental” e sujeito, que terá repercussão na relação deste com os seus semelhantes e com a sociedade. Desse modo, é possível compreender quando Assoun (ASSOUN, 1999) afirma que, para Freud, a voz tem um lugar o qual se situa entre as realidades parental e psíquica do sujeito. Com isso, o ser humano é um sujeito de vozes, pois este não só depende dos seus pais, enquanto “vozes” interiorizadas, como também é resultado da experiência edípica.

Afirmar que o sujeito seja um sujeito de “vozes”, é justificado pelo fato de que alguém já falava dele e sobre ele antes mesmo deste existir. Nesse sentido, o que buscamos explicitar é que, ao falar de um “alguém” estamos nos referindo ao Outro (parental). Entretanto, Assoun nos fala que as vozes do superego seriam vozes acústicas dos pais e que, porém, estas seriam lembranças operadas pelo mecanismo pulsional. Aqui, podemos perceber a questão pulsional que nos convida a pensar no trabalho de Lacan ao conferir à voz o carácter de objeto pulsional. Convém-nos ressaltar, contudo, que não existe como afirmarmos que Lacan teria dado

continuidade aos trabalhos freudianos, mas, somente que é possível encontrar um ponto de ligação em que os dois pensamentos poderiam dialogar.

Em consequente, buscamos apresentar, na história da Psicanálise, em que momento e com que objetivo, a “voz” foi apreendida para podermos dar início ao conceito de voz tomado no presente trabalho de Dissertação, a dizer, o conceito de objeto da pulsão invocante desenvolvido pela teoria psicanalítica lacaniana e pós-lacaniana.

Em *A voz na Clínica Psicanalítica*, Jean-Michel Vivès (VIVÈS, 2009) retoma a questão do *nascimento do sujeito em articulação com a voz do Outro*. E isso nos interessa, pois, enquanto voz do Outro, estamos falando sobre a pulsão invocante. Ele nos lembra da proposta de Lacan em conceber a voz como objeto pulsional assim como o fez com o olhar, configurando, portanto, uma nova dialética das pulsões. Freud, ao introduzir o conceito de pulsão, apresentou o objeto oral e anal, articulados à demanda (o primeiro à demanda ao Outro e o segundo, à demanda do Outro). Significa dizer que, com os novos objetos pulsionais concernentes ao desejo, compreendemos o olhar, enquanto desejo pelo Outro, e a voz, desejo do Outro (VIVÈS, 2009). No que diz respeito à pulsão invocante em relação ao que caracteriza os três tempos do circuito pulsional, Vivès revela que:

O circuito da pulsão invocante declinar-se-á, pois entre um “ser chamado”, um “fazer-se chamar” (como ocorre a todos os nomes ...), um “chamar”. Mas para chamar, é preciso oferecer a voz, depô-la como se depõe o olhar diante de um quadro (Lacan, 1964, p.93). Para isso, é preciso que o sujeito a tenha recebido do Outro, que terá respondido ao grito interpretado como uma demanda, depois que tenha esquecido para poder dispor de sua voz sem ser obstaculizado pela voz de Outro. (VIVÈS, 2009, p. 187)

Desse modo, no momento em que a mãe supõe estados emocionais e desejos ao seu bebê, pois ela se encontra identificada com do Outro, dizemos que ela está também supondo uma demanda por ele, num primeiro momento, e que, após o bebê ter vivido os três tempos descritos por Vivès à cima, é que ele, o bebê, poderá fazer um apelo a ela. Desse modo, o apelo se diferencia da demanda uma vez que o primeiro nos revela um ato de um sujeito de desejo, enquanto que o segundo faz menção a um desejo da mãe atribuído ao bebê ainda como *infans*.

Com base nisso, a voz é o objeto da pulsão articulado ao desejo do Outro. Isso se dá devido ao fato de a voz do Outro ser, segundo o Vivès (VIVÈS, 2009), tanto a manifestação do seu desejo quanto o desejo que se tem dele. Reflitamos melhor sobre isso. A mãe quando fala (manhês) para o seu bebê, não só expressa os desejos sobre ele como também sobre os desejos

que tem sobre o próprio bebê, ou seja, os desejos que possui sobre o que ele é e será o que nos retrata à função assumida por ela enquanto Outro, enquanto tesouro de significantes⁶ característico do processo de Alienação apresentado em tópicos anteriores. Ela não só o faz quando “sabe” os momentos em que o mesmo chora por fome, como também quando “sabe” que ele tem desejos próprios, desejos estes que, na verdade, são extensões do seu próprio desejo enquanto Outro.

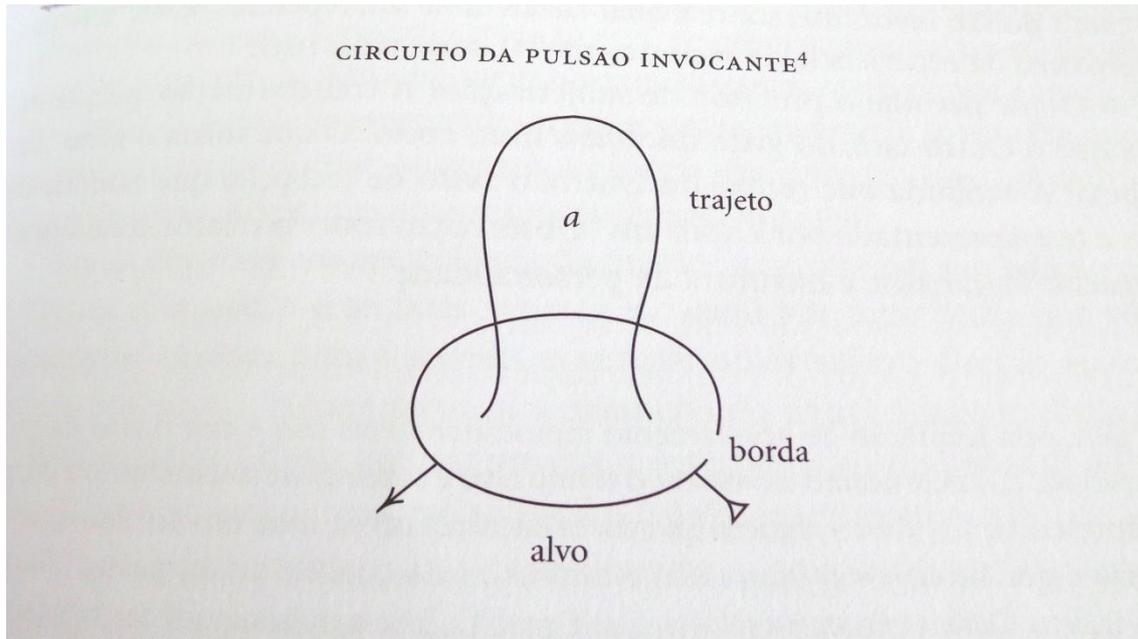
Afirma Lacan (LACAN, 1964/2008), que, se é sendo desejo do Outro que se faz existir o desejo do sujeito, é, portanto, porque esse desejo se manifesta no âmbito da voz. A voz é, segundo ele, instrumento pelo qual o desejo do Outro se manifesta e não só um mero objeto causal entre um som que sai da boca para um ouvido que escuta.

Para Vivès, a voz toma um sentido maior ainda, uma vez que “Com efeito, a voz é um objeto inteiramente particular na lista dos objetos pulsionais, pois concerne menos à demanda do que ao desejo do Outro” (VIVÈS, 2009, p. 19).

Além disso, devido à sua musicalidade, ou melhor, ao seu aparato melódico e sedutor (ASSOUN, 1999), a voz é considerada o instrumento pelo qual se transmite a linguagem e a fala. Nesse momento, é interessante lembrarmos o gráfico do Circuito da Pulsão Invocante apresentada por Lacan no Seminário 11 (LACAN, 1964/2008).

Figura 1: Circuito da Pulsão Invocante

⁶ Assim como apresenta D'Agord (2009, p.91)



Fonte: Lacan, Jaques (1960)

Nele, é possível perceber, logo próximo à “borda”, um espaço, um furo, uma falha. Tal deslize não se trata de um mero erro por parte do autor, mas sim marquemos a questão do vazio e, o “se ensurdecer” ao qual nos reportaremos. Nesse sentido, o autor explica tal furo ao afirmar que, para o *infans* vir a falar, é preciso que este, antes de tudo, “faça-se esquecer dessa voz”. Isso ocorre visto que,

O circuito da pulsão invocante implica a presença do Outro: após haver ressoado, no timbre do outro, o sujeito, ao longo do processo de recalque originário, simultaneamente assume e rejeita esse timbre. Com efeito, ele o assume em razão de um “sim” ter acolhido a voz arcaica (*Bejahung*) e também a rejeitado (*Ausstossung*), devendo o sujeito tornar-se surdo para adquirir a própria voz. Aqui, pode-se balizar como o não está a serviço do sim. A rejeição da voz do Outro permite responder ao seu chamado. Na ausência desse não, o sujeito não pode responder ao apelo, sendo tomado por essa voz da qual não pode se livrar. (VIVÈS, 2009, p. 20)

Assim, fica mais fácil entender a afirmação que diz “para se constituir sujeito, é preciso que este se deixe ensurdecer perante a voz primordial”. A isso, Vivès denominou de o ponto surdo da pulsão invocante. Segundo ele, aquele que não se deixa “esquecer” a voz original será tomado pela voz do Outro, permanecendo, dessa forma, sob os seus efeitos e suspenso a ela.

Em outras palavras, o sujeito deve poder, depois de ter aceitado a voz originária, esquecê-la, sem que, por isso, o ato de esquecer seja esquecido, enodando-se aí, em sua função de subjetivação, a pulsão invocante, sobre a

qual Lacan disse ser, repetidas vezes, ‘a mais próxima da experiência do inconsciente’ (Lacan, 1964:163). (VIVÈS, 2009, p. 20)

Contudo, o processo de subjetivação só será possibilitado a partir da transformação do puro grito do *infans* em sentido através do Outro. O som do puro grito, por ser necessidade biológica e orgânica, transforma-se, portanto, num apelo construído e dirigido somente pelo e ao Outro e interpretado por este enquanto demanda. Foi por meio do caso de Daniel (1960/1998), que Lacan pôde compreender o processo pelo qual o grito se torna apelo:

Antes, ele (o sujeito) se comprazera em encontrar ali as marcas de resposta que puderam transformar seu grito em apelo. Assim, ficam circunscritas na realidade, pelo traço do significante, as marcas em que a onipotência da resposta se inscreve. (Lacan, 1960/1998, p. 686, *grifo nosso*)

Isso posto, podemos dar continuidade ao efeito de se ensurdecer. Esse efeito de se tornar “esquecido” da voz fica mais claro de ser compreendido quando alguém toma a palavra. De acordo com o autor, somos capturados, inicialmente, pelas características da voz (sua entonação, musicalidade, por exemplo), antes mesmo de prestarmos atenção para o que é dito. Só buscamos o sentido do som, ou seja, o seu significado, se, antes de tudo, formarmos-nos surdo à experiência de escutar aquilo que, de início, nos fez ser capturados. Isso significa dizer que o sujeito, para vir a ser sujeito, precisa antes se fazer surdo ao canto da sereia, assim como se reportam Vivès (VIVÈS, 2009), Assoun (ASSOUN, 1999) e Laznik (LAZNIK, 2004) sobre a Odisseia de Homero, ao som hipnotizante que é o som da voz do Outro. O mesmo ocorre com os bebês que, ao escutar a voz primária, se encantam e se deixam ser capturados por ela, mas, quando estes se deixam ensurdecer com a mesma voz, é que eles começam a se formar sujeito e, por isso, passam a falar. Em outras palavras, é necessária que a voz originária se torne falha, obscura e perdida para que o sujeito possa advir; emergir no *infans* (aquele que não fala). Seguindo esse pensamento, Vivès afirma ser a fala aquela que velará a voz. O autor ainda ousa ir além:

O canto, a música, o que se poderia chamar aqui de lirismo, sempre são interferências da enunciação linguageira, cujo efeito é tornar a voz opaca para que ela seja percebida, na maior parte das vezes, como um objeto estético a ser apreciado. (VIVÈS, 2009, p. 14)

Em consequente, a voz, assim como ela é tomada pela psicanálise, excede os agentes da significação. Para o autor, existiriam dois princípios bastante claros que elucidam tal afirmativa: o primeiro diz respeito à questão da diferenciação entre cantar e falar. É como nos diz a metáfora do pássaro, por exemplo. Segundo Vivès (VIVÈS, 2009), não é correta a afirmação de que o pássaro canta. Ora, se por cantar buscamos dizer emitir som, essa não é, porém, a correta utilização do termo. O pássaro é desprovido da capacidade de cantar, para outro da sua espécie, seja para anunciar um local de alimentação, para demonstrar cortejo à fêmea ou disputa pelo território. Por isso, “as modulações e a melodia de sua enunciação sonora participam do enunciado significativo” (VIVÈS, 2009, p. 14). Além do mais, o pássaro é incapaz de exercer qualquer tipo de modificação nessa mensagem em detrimento de um novo objetivo que não seja o que a natureza o obrigue a fazer. Ele não pode mudar a tonalidade, a altura, a enunciação do seu som, razão pela qual consegue fazê-lo sem se deixar ficar afônico. Diferentemente, o ser humano tem a voz como objeto de gozo, e é por esse motivo também, que ela se configura como um destino para construções sintomáticas.

O segundo princípio, em concordância com o que foi apresentado anteriormente, deve-se ao fato de que, se construções sintomáticas são possíveis, também é possível afirmar que “toda relação de comunicação linguageira se efetua em duas modalidades: acústica e gestual” (VIVÈS, 2009, p. 14-15), visto que sabemos que o objeto da pulsão invocante, ou seja, a voz, não se configura somente no que se diz respeito ao som. Isso fica claro quando percebemos, ao nos comunicarmos com alguém que fala outra língua e vive numa cultura diferente da nossa, quando estes apresentam gestos diferentes também enquanto falam. Esses gestos não são significantes, podendo variar, mas expressam algo. De acordo com Lacan, a voz não se prende somente ao campo do registro sonoro, como também pode se expressar no campo escópico (olho). É nessa perspectiva que Vivès nos apresenta a questão da dimensão áfona da voz:

Essa dimensão áfona, embora paradoxal, é também a que nos afasta de uma psicofonologia, tornando possível situar a voz não do lado de suas variações imaginário-simbólicas (altura, ritmo), e sim do lado do real e da estrutura. A compreensão da voz como algo potencialmente silencioso nos faz perceber o que está em jogo no discurso sem fala, bem como definir determinado tipo de silêncio. (VIVÈS, 2009, p. 15)

Corroborando com essa mesma perspectiva, para Pommier (POMMIER, 2004), a voz possui um estatuto especial entre os objetos pulsionais; a voz é, geralmente, considerada sob seu aspecto musical, ou ainda, sob seu aspecto de pulsão invocante que, segundo ele, se

transforma em fala. É essa proposta psicanalítica que nos interessa, especificamente, nessa Dissertação. Uma proposta que considera o fato do grito do bebê não ser simplesmente um grito, na medida em que ultrapassa a mera necessidade, já implicando uma subjetividade ou, melhor dizendo, uma subjetividade potencial. Conforme diz Freud, o bebê lembra-se mais do grito do que daquilo que o fez gritar. Assim, o encadeamento de dois gritos já é um ato de um sujeito que se produz ao mesmo tempo em que recalca aquilo que o fez gritar: o objeto da pulsão. A esse recalque, segundo a perspectiva freudiana, chama-se recalque originário. Para entendermos melhor esse recalque, colocá-lo-emos nas palavras de Pommier:

Tento escapar à objetivação pulsional falando. Viro para fora esse bombardeio pulsional graças à pulsão invocante. Isso significa que metamorfoseio a significação fálica do corpo em significação das frases: esqueço meu corpo falando. Quando falamos, esquecemos nosso corpo. Existo ao transferir o ser do corpo ao ser das frases. (POMMIER, 2004, p. 122)

Desse modo, há uma literalização do objeto pulsional vocal: o som ligado a outro som transforma esses sons em Letras. Cada letra perde, portanto, seu valor pulsional ao se concatenarem a outras letras, formando, portanto, significantes os quais, por sua vez, formam as palavras. O referido autor alerta, entretanto, que uma palavra continua cheia de seu valor pulsional, até quando ela é definida por outra palavra, pelo ato de nomear, perdendo sua música. Dizendo de outro modo, seu valor pulsional invocante é recalcado, é esquecido em proveito do sentido da frase. Nas palavras do autor: “O recalque trabalha na superfície das palavras” (POMMIER, 2004, p. 125) e, ainda: “As Letras metamorfoseiam a música em sentido.” (POMMIER, 2004, p. 125). Ao falar, portanto, o sujeito esquece seu corpo pulsional ou, como destaca Didier-Weill (1999), para falar, a criança precisa esquecer a musicalidade da voz, para que o sentido possa advir. Assim, a passagem à fala requer, necessariamente, o esquecimento da música.

Essa afirmação conduz nosso trabalho a um aparente paradoxo: como podemos propor que a música poderia constituir uma via de encontro entre a criança autista e os significantes, se acabamos de assumir a proposta psicanalítica segundo a qual a criança deve esquecer a música para passar à fala?

Será em torno desse paradoxo que girarão nossas considerações em torno da proposta deste trabalho, na parte final do item sobre linguagem, autismo e música. Antes, porém, fazem-se necessárias ainda algumas colocações que tornem mais clara a relação entre música e fala, lembrando que um aprofundamento de tal relação tem lugar no decorrer do trabalho.

Evoquemos, então, a proposta de Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999) que em consonância com as proposições até agora colocadas, considera como fundamental no estudo desse tema, a questão da musicalidade da voz materna (Outro). Sobre musicalidade, buscamos enfatizar as características melódicas que a voz, enquanto objeto pulsional que invoca, convoca e seduz o *infans*, convidando-o a posição de “deixar escutar” como é ressaltado por Assoun (ASSOUN, 1999). Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999), portanto, encontra-se muito próximo à intuição de Levy Strauss, na medida em que é levado a entender que a transmissão mais primitiva do simbólico à criança se faria através da voz maternal. Segundo o autor, “na origem, a voz é pura sonoridade para além de todo sentido” (DIDIER-WEILL, 1999, p. 67).

Segundo Assoun (ASSOUN, 1999), a voz intervém como uma experiência de sedução, pois, assim como o Canto das Sereias, contém o carácter irresistível devido a beleza que a melodia de sua voz suscita no ouvinte. Para o autor, estas vozes ferozes, que irrompem o silêncio convocando de nada buscam dizer. Sua sedução não está no campo do dito e muito mais no fato da pura “captação” pelo que produzem naquele que se permite escutá-las. Assim como os viajantes de Homero, que se aventuram a desafiar o encontro com as Sereias, o *infans* também se encontra ameaçado de “cair de amores por uma voz”, pois eis o que elas buscam dizer:

É verdade que estas vozes dizem algo: elas querem inicialmente bajuladoras (“Ulisses, o tão Celebrado! Honra da Acaia!”...). Além disso, prometem algo de precioso, ou seja, a aquisição de um “saber”, saber da infelicidade e do destino: “pois dali se sai contente e mais rico de saber” (depois de ter ouvido “as does árias que saem de nossos lábios”). (ASSOUN, 1999, p. 81)

Assim como as vozes das Sereias, a voz da mãe suscita uma melodia, uma sedução que provém da sua musicalidade e que captura e invoca o *infans* a beber do tesouro de significantes oferecidos pelo Outro, através do qual o bebê se alienará uma vez que é o grande Outro que deterá as ilusões das quais farão o *infans* crer que todos os seus anseios serão atendidos e de que todas as suas satisfações serão alcançadas. A mãe, assim, se ilude ao acreditar ser onipotente e onipresente ao mesmo tempo que desfruta do gozo de se sentir completa e como aquela que terá todos os saberes sobre o *infans*. É desse movimento que a Alienação será constituída: pela mãe, enquanto aquela que detém o saber absoluto, que sabe de todos os mistérios e desejos mais profundos do seu bebê e, por outro lado do bebê, de que, ao ser capturado por essa voz, encontrará o gozo pleno, a resposta para o fim de toda experiência desagradável, angustiante. É nesse sentido que Assoun (ASSOUN, 1999) afirma que a voz, com sua melodia, musicalidade

e poder de invocação, seduz muito mais do que as suas palavras buscam expressar; ela é para além do significado. Segundo ele, essas vozes têm o poder de “acordarem e perpetuarem um desejo de ouvir, interminavelmente” (ASSOUN, 1999, p. 81). Isto é visto claramente em bebês que ao ouvirem o som da voz materna, ficam estatelados, paralisados, hipnotizados restando a eles o único direito de escutar.

Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999) indica a dupla face – continuidade e descontinuidade – da materialidade fônica da voz maternal, falando, então “num primitivo do contínuo melódico sonoro que antecipa a segmentação, mas que não é substituído por ela.” (DIDIER-WEILL, 1999, p. 26). Segundo essa proposta, a música conteria, inevitavelmente, um apelo que ficaria em suspenso enquanto não fosse assumido por uma alteridade.

No caso do referencial psicanalítico, o apelo é dirigido a um sujeito do inconsciente. Nessa perspectiva, a mãe não responde verdadeiramente à demanda de seu filho; ela não responde senão ao que ela supõe ser sua demanda, em virtude de um desconhecimento que ela tenta reduzir através das suposições no seu discurso (BALBO e BERGÈS, 2002).

Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999) refere o *apelo musical*, no quadro em que essa expressão foi utilizada, parecendo haver uma redundância, tendo em vista que a música, contém, originalmente, como traço essencial, um apelo que precisaria ser respondido.

Continuando sua proposta, esse autor formula quatro tempos da pulsão invocante:

O primeiro tempo corresponderia ao impulso inicial “pelo qual o som, o sentido e o corpo formam um contínuo posto em movimento por essa causalidade externa que é o som musical que encontrou um destinatário especificado por ser um bom entendedor do som.” (DIDIER-WEILL, 1999, p. 69).

No segundo tempo, haveria uma interrupção da pulsão por meio da vivência, pela criança do que ele chama de *trauma* que poderia ser aproximadamente concebido como a vivência de uma ausência (primeira) da mãe. Para esse autor, o sujeito é traumatizado, pois ainda não dispõe do recurso da fala, única a poder simbolizar o trauma.

No terceiro tempo, a pulsão invocante, cujo empuxo à simbolização teria sido interrompido pelo trauma, volta a ser posta em jogo pela possibilidade própria ao outro (no caso, à mãe) de insistir em sua manifestação simbólica. Em outras palavras, a possibilidade, para o sujeito, de ser arrancado ao trauma, requer um significante especial que está para além do som musical.

A esse significante, o autor citado denomina *significante siderante*, o qual detém um poder que a música não possui. Trata-se, portanto do quarto tempo, momento em que se realiza o recalque originário ou, convocando Pommier (POMMIER, 2004) e Vivès (VIVÈS, 2009), momento em que a nomeação realiza, propriamente, o esquecimento da musicalidade da voz, daquilo que a faz ser tão sedutora e melódica, fazendo o sujeito ascender à fala. Esse esquecimento, para sempre perdido, é que nos faz compreender o porquê que no adulto, algumas vozes podem ser desagradáveis (muito aguda ou grave) ou suscitar sensação de extremo prazer, a exemplo alguém que escuta uma Ópera que, mesmo não sabendo o significado das palavras cantadas, talvez por estas serem numa língua desconhecida, são capazes de promover sensações de tristeza ou mesmo de alegria no ouvinte.

2.3.4 O manhês

Corroborando com os pensamentos de Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999), o exercício da pulsão invocante tem uma causalidade externa, na voz do outro (nesse caso, a voz da mãe) que, em sua dimensão de musicalidade, afeta a criança, gerando o que podemos chamar de um movimento em círculo: às expressões vocais da criança, a mãe dirige sua fala, cuja voz faz retornar na criança, sua musicalidade (melodia), formando um contínuo. Desse modo, pode-se dizer que o ponto de apelo das vocalizações da criança (lalações, balbucios, incluindo os gritos e choros) encontra um destinatário, um bom entendedor do som, e podemos dizer que esse caráter de bom entendedor se aplica, reciprocamente, à mãe e à criança.

Essa fala da mãe dirigida ao bebê (*baby talking*) recebeu a atenção de vários estudiosos da aquisição da linguagem, como na Psicologia (FERNALD, 1985) e na Psicanálise (FERREIRA, 2011). Constatou-se que, nos momentos nos quais a mãe se dirige a seu bebê, sua fala sofre várias modificações na sua estrutura e nível ao logo do tempo, como é discutido no trabalho de Cavalcante (2001). Todos esses pontos são possíveis de, de acordo com Ferreira (FERREIRA, 2011, p. 247), serem apresentados como:

A fala materna ganha uma qualidade particular, proveniente:

1. Do uso imoderado da intensidade do som, variação no tempo de emissão, e no timbre de voz, pausas, ritmo, linha melódica, etc. (prosódia).
2. Da repetição de palavras e frequência de diminutivos (nível léxico ou morfológico).
3. Do uso de palavras-frases ou de frases simplificadas (nível sintático).
4. Da ordenação e organização dessas realizações (prosódica, morfológica, sintática) na composição de um texto (diálogo ou texto pragmático-discursivo).

No Brasil, as pesquisas sobre essas modificações na fala materna, que são chamadas de *manhês* têm encontrado um campo fértil, no qual podemos destacar as investigações realizadas pela autora mencionada (Ferreira (FERREIRA, 2011), dentre outros). Ferreira (FERREIRA, 2011) se refere a uma invenção da mãe às interpretações dadas aos sinais do bebê que surgem durante a prosódia do *manhês*. A mãe, ao falar com ele – em condição de *infans*, ou seja, aquele que não fala – não só o faz como também responde por ele, o que nos remete, mais uma vez, ao exemplo do que Winnicott (2000) denominou de “loucura necessária das mães”. É essa “loucura” que nos leva a destacar que as mães, intuitivamente, acentuam a musicalidade de suas produções verbais dirigidas a seus bebês.

É durante os primeiros meses de vida do bebê que se dá início as primeiras experiências dialógicas e onde o *manhês* surge. Esse discurso dá abertura para uma fala atribuída, pois sabemos que o bebê, enquanto *infans* ainda não domina a linguagem de sua cultura. Portanto, a fala atribuída diz respeito ao momento em que a mãe dá “voz” ao bebê, falando “como se”⁷ fosse ele. Com esse intuito que não foi ensinado para a mãe mas que surge espontaneamente no momento que mãe e filho se encontram, faz com que ela modalize a sua própria voz para uma voz falseada, ou seja, que não é sua, e fale de forma infantilizada que se destaca pelas marcas prosódicas delimitando os lugares do discurso de um e do outro, ou seja, uma hora ela fala como ela (mãe) outra “como se” o bebê estivesse falando. Cavalcante (CAVALCANTE, 2001) ressalta que esse deslocamento discursivo entre a voz da mãe para a voz do bebê se apresenta através do que a autora nomeará como *fala interpretativa-comportamental* (quando a mãe atribui uma interpretação de algum comportamento do bebê como um choro, um olhar, etc.) e a *fala passível de deriva* (em que não há nada no comportamento do bebê ou no contexto que sugere algum conteúdo na fala materna). Assim, ela conclui que:

Para fazer sentido enquanto mãe, esta necessita criar um processo especular de forma a subjetivar o bebê. Neste processo, o sujeito busca se ver, aproximando-se do discurso do outro ou das ações desse outro. Isto é, significando o bebê, a mãe está significando a si mesma. Na posição de um outro sujeito – um bebê-mãe ou uma mãe-bebê – instaura-se um funcionamento linguístico-discursivo, para preencher uma falta – a do bebê enquanto falante. Assim, desde o nascimento a criança se encontra imersa num funcionamento simbólico, mesmo sem, de fato, assumir uma posição, ocupar um lugar. (CAVALCANTE, 2001, p. 93)

⁷ Termo apresentado no trabalho de Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (2001) titulado *Melodias materna: um movimento interpretativo da dialogia mãe-bebê*.

Nesse ínterim, sabemos que a voz materna deixa marcas constitutivas no sujeito, sendo caracterizadas por Lacan enquanto *lalíngua*. Lalíngua essa que se pode definir por aquela que, segundo Lacan, faz linguagem e, considerando o inconsciente como um saber, esse mesmo inconsciente também é um saber-fazer com lalíngua. Assim, Haroldo de Campos (2011) descreve-a como sendo:

Ora, LALANGUE, pode-se dizer, é o posto de não-língua, de privação de língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tensionada pela “função poética”, uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação”.¹² Esse *idiomaterno* (recorro a uma cunhagem do meu poema “Ciropédia ou a educação do príncipe”, de 1952) é *lalangue dite maternelle* (“lalíngua dita maternal”), não por nada – sublinha Lacan – escrita numa só palavra, já que designa a “ocupação (*l'affaire*) de cada um de nós”, na medida mesma em que o inconsciente “é efeito de lalíngua”. (CAMPOS, 2011, p. 184)

Essa voz, portanto, deverá, posteriormente, ser reorganizada inconscientemente pelo sujeito inserido na linguagem. É a linguagem que buscará organizar o resto vivo marcado pela lalíngua materna. É com base nesse pressuposto que, assim como Azevedo (AZEVEDO, 2011) ressalta, existirá no sujeito a possibilidade de utilizar poeticamente a música enquanto objeto voz. Significa dizer, em outras palavras, que é preciso, antes de tudo, que essa voz materna, enquanto lalíngua, ressoe no sujeito que ouve e que ainda está em constituição e se faça surdo a ele, posteriormente.

2.4 MÚSICA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Vimos anteriormente, neste mesmo trabalho, como o sujeito do inconsciente é constituído. No entanto, falta-nos investigar a dimensão musical da pulsão invocante que tem a voz como objeto primordial. Assim, devido ao aspecto da música o qual Azevedo (AZEVEDO, 2011) caracterizará como pós-tonal que este trabalho compreenderá qualquer fenômeno musical, ressaltando a importância dessa compreensão entrelaçada ao conceito de sujeito psicanalítico, ao mesmo tempo relacionando-o com os conceitos imprescindíveis para constituição psíquica.

Azevedo (AZEVEDO, 2011) relata sobre possibilidade que a musicalidade abre para giros estruturais no sujeito e que este aspecto seria transmitido pela voz. Essa voz seria nada mais que a voz materna⁸ que ganha uma configuração tão única por promover um diálogo

⁸Ao utilizarmos o termo “materno” não estamos, com isso, fechando as possibilidades de vinculação com outros adultos que não são mães biológicas e sim, nos referindo àquele que, como nos traz Lacan, se posiciona no lugar

característico de uma relação entre a mãe e o seu bebê e que tem como linguagem o manhês (FERREIRA, 2001).

Nesse sentido, consideramos que é exatamente a impossibilidade dessa relação e, conseqüentemente, desse discurso e as implicações que este apresenta na constituição do sujeito, que se caracterizaria o autismo. Seguindo esta linha de pensamento, Ferreira (2001) dirá que os elementos que configuram a fala em manhês se assemelham bastante com os elementos musicais. Segundo ela, a melodia que surge no manhês é simples como a melodia presente nas canções de ninar, assim como os ritmos e os sons são repetitivos. Por esse motivo, o campo sonoro distingue-se como o primeiro campo psíquico para a constituição do sujeito, pois este som se apresenta como vetor das primeiras experiências de prazer da criança. Desse modo, não faz sentido falar do manhês sem mencionar o processo de Alienação, visto que o manhês se revela como uma das faces desse processo. Por fim, Ferreira (FERREIRA, 2001, p. 102) afirma que “emitindo sons, a partir do balbucio, a criança estaria recriando alguma coisa a partir do que ouve da mãe identificando-se com ela”. É claro que essas experiências não fazem parte do corpo da memória utilizada pelo funcionamento psíquico consciente e, portanto, permanecendo sob o domínio do Inconsciente.

Do primeiro momento que o sujeito se encontra em contato com a voz até a possibilidade de este fazer dela objeto de desejo e utilizá-la enquanto criação poética musical, como resposta às mobilizações impostas pela cultura, mundo externo e social, muito acontece e muitos são os caminhos a percorrer. Por ora, nos interessa abordar os momentos iniciais desse contato segundo o qual, necessariamente, é visado pela incidência do ritmo e da temporalidade musical presentificada na fala materna, que será ouvida em sua dimensão de musicalidade para que haja sujeito.

De acordo com esses preceitos que a teoria psicanalítica revela, Azevedo (AZEVEDO, 2011) levanta importante consideração quanto à relação entre a psicanálise e a música quando diz:

O que a música dá a ouvir em diferentes formas ao longo de sua história toca um ponto em comum com a psicanálise, acerca do real, do que escapa ao sentido e à simbolização. Ou seja, sobre aquilo que, inefável e impossível, de ser representado, dito ou musicado, impõe os próprios atos de falar e musicar. (AZEVEDO, 2011, p. 23)

materno, assumindo a função materna, função de cuidado e, principalmente, função de atribuir àquele, o *infans*, a ilusão de um sujeito formado, nomeando-o e introduzindo-o no campo imaginário e simbólico (Outro).

É através da escuta psicanalítica para este inefável e não dito do sujeito, que levantará a possibilidade dele se interrogar sobre este lugar enigmático em busca do objeto perdido (objeto a). É através da música que ele encontrará a abertura para essa resposta enigmática, caracterizada pelo contorno da pulsão no objeto voz. Consideramos, portanto, a música, na sua dimensão de musicalidade, proveniente da voz enquanto objeto da pulsão invocante, como aquela que transmitirá a verdade do sujeito, a verdade sobre essa posição enigmática que o constitui. Essa transmissão não será nada menos que cifrada, o que nos evidenciará a forma de sua organização (AZEVEDO, 2011). Consideraremos o autista, portanto, enquanto um sujeito que, antes de tudo, devido a sua constituição problematizada, mostra-se cifrado em suas relações com o mundo, jogando-nos no lugar daquele que busca compreender a sua organização lançada no real da cifra, no real do não dito, do não transmitido. Mas que, por outro lado, nos apresenta como desconhecido, que nos diz sobre algo para além do que se ouve, ou melhor, não se deixa ouvir.

Assim, compreendemos uma estrutura psíquica enquanto resposta à relação do sujeito com o real. Entretanto, sabemos que esta investigação do sujeito do inconsciente no autismo é demasiadamente marcada por um desconhecido que nos lembra, a todo o momento, do quanto esta realidade psíquica nos é desconhecida. Não existe uma única explicação para o autismo – hipóteses muito variadas inclusive no campo psicanalítico -, mas sabemos que diante da escuta do sujeito, damos movimento à clínica possibilitando que este surja e, com isso, possibilitando mudanças subjetivas e essenciais a ele.

Nesse sentido, como explicar que uma criança autista, que não adquiriu fala com intenção comunicacional possa cantar? E ao cantar estamos falando em nitidez, onde todas as palavras são produzidas do mesmo modo que se exige numa canção e, além disso, que surge a partir de um determinado contexto?

A esse respeito vemos em Azevedo que:

A expressão a que visa Schönberg se apresenta, assim, como expressão do sujeito do inconsciente para além da “personalidade” do compositor, podendo este ser revelado e vislumbrado pelo ato de criação. Em carta ao pintor Kandinsky datada de 24 de janeiro de 1911, Schönberg, que era ele mesmo também pintor, explicita que o trabalho de criação artística exige que o compositor se apague como pessoa para que algo de mais estrutural do sujeito possa irromper para além de uma lógica consciente, já conhecida. (AZEVEDO, 2011, p. 32)

Diante disso, denota-se a existência de um inconsciente capaz de advir enquanto irrupção em casos onde não há a predominância da lógica consciente. Tal perspectiva não só nos diz de um não-consciente, mas, fundamentalmente, do inconsciente psicanalítico.

Esse é o mesmo inconsciente que fundamenta os dizeres teóricos lacanianos, ou seja, o que nos afirma ser o inconsciente estruturado como linguagem. Aquilo que detém todas as informações “esquecidas” e banidas da consciência, respondendo a um tempo e espaço próprios, ou seja, atemporal e tudo que vem do sujeito, sendo o inconsciente nada menos que a fonte de toda angústia psíquica.

Ademais, na escuta clínica psicanalítica, um movimento artístico ou a utilização aparentemente arbitrária do uso de qualquer componente artístico, é em sua essência uma fala do sujeito. Corroborando esta premissa clínica, Azevedo (AZEVEDO, 2011) diz:

Se um analista pode se voltar à música, em suas tessituras para além de uma ordenação pré-estabelecida, de uma configuração tonal que mais acentuadamente se presta à dimensão representacional da linguagem, é na medida em que ela se oferece como paradigma para refletir sobre o sujeito e assim, poder escutá-lo – um a um, no caso a caso – clinicamente. (AZEVEDO, 2011, p. 41)

Com base nessas inquietações é que nos inclinaremos ao trabalho desenvolvido por Azevedo, ressaltando suas contribuições para o entendimento da constituição do sujeito e a sua relação com a musicalidade. Em outras palavras, veremos como é necessária a voz materna se fazer ressoar.

2.4.1 A voz que ressoa

Anteriormente, foi mencionado neste estudo o fato de que para falar se pressupõe que o sujeito tenha ressoado a voz (AZEVEDO, 2011) ensurdecer-se da voz (VIVÈS, 2009) ou seja, esquecer-se da voz (DIDIER-WEILL, 1999). Nesse sentido, consideramos que para que um *infans* venha a se tornar um sujeito de fala (*falasser*), é preciso que este cunhe um “ponto surdo”⁹, fazendo-se esquecer desta e assim, poder entrar no campo da linguagem e adquirir a fala. Nisso que Vivès (VIVÈS, 2009) chama de “ponto surdo” é o que tomaremos como o campo onde a voz ressoa. Diante disso, relembremos a Figura 1: Gráfico do Circuito da Pulsão Invocante que mostra no circuito um buraco, uma falha, um furo. É devido a esse furo que a pulsão se movimenta em torno de um objeto que, nesse caso, é a voz. O que dizemos ao

⁹ Vivès (2011)

ressaltarmos o ponto furo, o esquecer-se e o ensurdecer-se dessa mesma voz é, portanto, o que se torna necessário para que a pulsão invocante se movimente e possibilite a emergência de um sujeito. Sujeito este que, através do ensurdecer, do ressoar dessa voz, se constituirá sujeito de linguagem e assim, sujeito da fala. Por isso, o que ressoa da voz deve ser levado em consideração na clínica psicanalítica que propõe escutar o sujeito do inconsciente que está em sofrimento. Escuta esta que se configura diferenciada, pois, como bem destaca Azevedo, trata-se de uma:

Escuta, pois, associada à ressonância, que não deve ser confundida com consonância, com complementaridade. A ressonância refere-se à característica de um elemento de reverberar sobre ele mesmo – como um som musical que se desdobra e se revira sobre si em seus harmônicos, seu timbre, seu próprio eco. Ainda, ela se define igualmente pela possibilidade de resposta simultânea entre dois ou mais elementos, mantendo-se a heterogeneidade, a alteridade, a singularidade, de cada parte. (AZEVEDO, 2011, p. 42)

Assim, é através da escuta que delimitamos o lugar singular de cada sujeito. Isso que ressoa será, antes de tudo, singular de cada história, para cada um. A escuta e, também, a clínica se constituem enquanto aquela que buscará dar espaço para que isso que ressoa, possa emergir. Se é na música que consideraremos a forma de ressoar, será através da escuta clínica e analítica do que é musicalizado que estaremos interessados.

Na linguagem psicanalítica, encontramos em Lacan (1964/2008, p. 176) o dito de que é preciso deixar que o significante do Outro, enquanto objeto *a* que marca a presença de um cavo, um vazio. Nesse sentido, tomemos a voz, enquanto significante do Outro e objeto *a*, como aquilo que marcará o vazio, ou seja, que irá ressoar (AZEVEDO, 2011) ou, como apresenta Vivès (VIVÈS, 2009), irá marcar um ponto surdo, se fazendo ensurdecer. A ressonância está estreitamente ligada ao objeto *a* e, com isso, à sua perda. Isso significa que, partindo de que a voz – este objeto *a* – ressoa, existirá a instalação de um vazio, dando movimento ao circuito pulsional que, por conseguinte, estará movimentando o sujeito, a princípio, a fazer um endereçamento ao Outro. Endereçamento que será considerado, antes de tudo, um apelo. Isso caracterizará o movimento do circuito pulsional em três tempos¹⁰: passivo, ativo e reflexivo (AZEVEDO, 2011).

¹⁰ Ver no item 2.2.1 A Pulsão Invocante sobre os três tempos do circuito pulsional.

Como bem nos faz lembrar Azevedo (AZEVEDO, 2011), esse endereçamento enlaçará, borromeamente, os três registros psíquicos: real, simbólico e imaginário (RSI)¹¹ e que marcará tanto para o sujeito (Eu) quanto para o Outro, a sua castração, ou seja, reafirmará para o Outro e irá impor ao Eu o seu lugar de sujeito da falta. A autora afirma que este movimento consequente do endereçamento ao Outro, cunha uma mudança de posicionamento do sujeito ainda em maturação, fazendo com que este saia de um lugar de “ensimesmamento”¹² e passe para um outro lugar, um lugar diferenciado, produzido pelo negativo, pela diferença, pelo desejo e, por fim, lugar de demanda.

Ainda segundo Azevedo (AZEVEDO, 2011), a música possibilita a escuta desse sujeito e nos faz compreendê-lo naquilo que descreve Jean-Luc Nancy (2001), dizendo:

O sujeito que se constitui da ressonância, o sujeito-escuta, não é nada ou ninguém senão a música ela mesma, e, mais precisamente, que a obra musical. A obra é isso que reenvia a si, e de uma certa forma todo obrar da obra consiste neste reenvio pelo qual e somente por ele é possível – e necessário – que a obra reenvie e se envie para fora³⁶ (NANCY, 2001, p. 8-9 *apud* Azevedo, 2011, p. 43).

A ressonância é posta como “a característica de um elemento em reverberar sobre si mesmo – como um som musical que se desdobra e se revira sobre si em seus harmônicos, seu timbre, seu próprio eco.” (AZEVEDO, 2011, p. 42). Entretanto, ao tratar de ressonância, também estamos tratando de uma melodia, pois, segundo Sekeff (SEKEFF, 2007), é característico da melodia o fato de aquele que a escuta precisar, antes de tudo, ressoá-la. Ademais, Pommier (POMMIER, 2004) nos fala que é devido ao aspecto musical da voz que possibilita que a mesma se torne fala. Nesse sentido, encontramos um ressoar necessário na melodia que, enquanto característica musical, nos remete à voz e que, por fim, nos remete a um ressoar e assim, ao sujeito em constituição. Desse modo, trataremos da melodia com base nesse diálogo possível com o sujeito psicanalítico.

A partir da relação que a melodia tem com o sujeito, evoquemos a característica da melodia que faz “ressoar” no ouvinte, estímulos afetivos, ou seja, aquilo que fala à sensibilidade

¹¹ Segundo Pierre Kaufmann (KAUFMANN, 1996, p. 459), a teoria dos registros real, simbólico e imaginário se dá através do conceito de nó borromeano onde Lacan apresentará a intervenção de um furo em cada uma dessas instâncias: “Mais precisamente, tratar-se-á de especificar o furo do real, o furo do simbólico, o furo do imaginário. O primeiro, o do simbólico, se definirá pela ‘insistência’ em virtude da qual a cadeia metonímica da fala se desenvolve a partir de suas próprias lacunas; o segundo furo, o do imaginário, se caracteriza pela ‘consistência’ que tem sua primeira ilustração na imagem espelhada de si. O furo do real, se define pela ‘existência’, isto é a referência de todo real a um ‘fora de si’ (...) RSI: a inibição, como projeção do imaginário sobre o simbólico; o sintoma como projeção do simbólico sobre o real; a angústia como projeção do real sobre o imaginário.”

¹² Azevedo (2011, p.43)

do sujeito (prazer/desprazer). Essa sensibilidade, ou melhor, este movimento de prazer/desprazer nos faz retornar ao que a Psicanálise apresenta como os movimentos do circuito pulsional e, especificamente, ao movimento da pulsão invocante e o seu objeto primordial: a voz. Esse ressoar que fala Sekeff (SEKEFF, 2007) não só corrobora com o que traz Azevedo (AZEVEDO, 2011) e Vivès (VIVÈS, 2009) em relação à voz e sua musicalidade mas, também, com o fato que interessa esse trabalho: a voz precisa ressoar no sujeito para que este possa ser inserido no campo do simbólico e, assim, no campo da linguagem. Com base nisso, como compreender a música e o autismo, levando em consideração o aspecto melódico da música e a constituição própria do sujeito autista apresentada anteriormente?

Partindo da compreensão de como o sujeito psicanalítico se constitui, de quais conceitos fundamentam esta teoria e quais são processos imprescindíveis para uma constituição adequada, voltemos a nossa atenção para como a teoria psicanalítica compreende o autismo e como a voz se faz presente nesta discussão.

2.5 UMA ESCUTA PSICANALÍTICA DO AUTISMO

O termo “autista” foi utilizado pela primeira vez em 1906, por Plouller, com o intuito de nomear a tendência de pacientes diagnosticados com demência em atribuírem, a si mesmos, tudo o que acontecia ao seu entorno (Stefan, 1998 *apud* Lima, 2007). Porém, de acordo com Cavalcanti & Rocha (2007) e Bandim (2010), a utilização do termo “autismo” foi primeiramente feita por Bleuler na data de 1911, enquanto buscava descrever um dos sintomas da esquizofrenia no adulto. Para ele, autismo seria definido como sendo a tendência patológica de determinados doentes em se isolar do ambiente.

Entretanto, o autismo só foi oficializado enquanto entidade nosológica em 1943 por Leo Kanner (KANNER, 1943/1997), quando, na clínica de onze crianças, pôde identificar determinados comportamentos e características semelhantes entre as mesmas. Dentro dos diversos comportamentos por ele observados as crianças apresentavam: (a) incapacidade de vincular-se com pessoas e situações; (b) estereotipias gestuais e distúrbios de linguagem como ausência total de linguagem; (c) repetições de palavras sem sentidos; (d) **ecolalia**; (e) incapacidade de manejar pronomes pessoais e (f) neologismos (LIMA, 2007). É necessário frisar que este trabalho, por mais que tenha descrito tais comportamentos, não apresenta nenhuma definição quanto ao termo “autismo”, sendo considerado apenas um termo tomado emprestado de Bleuler.

Na parte em que discorre sobre a discussão dos onze casos de crianças autistas, Kanner (KANNER, 1943/1997) relata que oito das onze crianças adquiriram *capacidade de falar*. Ao usar o termo “falar”, Kanner descreve, em analogia com um papagaio, como sendo “combinações de palavras ouvidas e repetidas” (KANNER, 1943/1997, p. 159). Essas palavras e combinações seriam gravadas e armazenadas na memória da criança em forma de eco, sendo caracterizada como *ecolalia diferida*, o que significa dizer que a criança estaria respondendo a uma questão em forma de repetição literal da mesma questão, desprovido de sentido. Como exemplo, ele descreve o comportamento do menino Donald quando quer que o pai responda a um desejo seu de colocá-lo em cima dos seus ombros. Segundo Kanner, Donald teria “aprendido” por associação que o termo “sim” significaria colocá-lo nos ombros do pai. Desse modo, a palavra “sim” estaria diretamente vinculada à satisfação de um desejo específico de Donald e, para Kanner, seria “somente isso”. Ou seja, Kanner não deu devida atenção ao fato do menino Donald utilizar-se da palavra “sim” como apelo ao pai para que este satisfizesse os seus desejos.

A particularidade dessas crianças em fixar um único significado para uma palavra é bastante comum quando esta palavra é a palavra que designa a ação do Outro para acatar aos desejos da criança. A palavra “sim”, segundo Kanner, seria um conceito que elas demorariam anos para adquirir. Segundo ele, as crianças encontram dificuldades em atribuir diferentes significados a uma única palavra, sendo o sentido dela inflexível e impossibilitado de ser implicado a não ser, com a conotação que primeiro foi adquirida. O mesmo não seria para o uso de plurais e conjurações.

A ausência de frases espontâneas e a repetição ecolalia é, para Kanner, os fenômenos gramaticais mais particulares dessas crianças. Como exemplo de um desses fenômenos, Kanner dá ênfase ao fato dessas crianças apresentarem dificuldades em articular apropriadamente os pronomes pessoais, surgindo somente enquanto repetição. Segundo ele, “os pronomes pessoais são repetidos exatamente como são ouvidos, sem alteração para adaptar-se à nova situação” (KANNER, 1943/1997, p. 160). Além disso, esses “erros” tendem a persistir até em torno dos seis anos de idade, quando essas aprenderiam de forma lenta e gradual, a falar de si mesma e a se referir aos outros. Em outras palavras, seria o momento o qual a criança se identificaria com o Eu e o não-Eu.

Ainda sobre a questão da ecolalia, Kanner ressalta que:

O fato de estas crianças repetirem em eco as coisas que ouviram, não significa que estejam “atentas” quando a palavra lhes é dirigida. É, necessário, com frequência, repetir várias vezes a pergunta ou a ordem antes de se obter, nem que seja uma resposta em eco. É por isso que, pelo menos, sete crianças foram consideradas surdas ou não ouvindo bem. Há nelas uma necessidade poderosa de não serem perturbadas. Tudo o que é trazido para a criança do exterior, tudo o que altera seu meio externo ou interno, represente uma intrusão assustadora. (KANNER, 1943/1997, p. 160)

Essa dificuldade em receber o que vem do externo surge em concordância com a definição de autismo previamente elaborada por Bleuler. Kanner destaca que essa sensibilidade extrema ao que vem do externo apresenta-se nessas crianças desde bebês. Segundo ele, a alimentação seria caracterizada como a primeira experiência de intrusão vinda do exterior para a criança autista. Diferente dos casos de crianças que não conseguiam parar de comer ou que apresentavam certa compulsão alimentar desde cedo, essas crianças, segundo o que os seus pais relataram para Kanner, estariam “desejando ansiosamente rejeitar o mundo exterior” (KANNER, 1943/1997, p. 160) demonstrando essa rejeição primeiramente através da recusa alimentar primária, chegando até (como mostra os casos de Paul e Donald), a vomitar várias vezes o alimento. Segundo ele, as crianças começavam “de uma hora para outra” a comer. Podemos pensar, então, essa recusa alimentar como uma recusa ao seio? Uma recusa à experiência do gozo primordial? Essa questão será retomada na apresentação da concepção do autismo pela psicanálise.

Assim, ao tomar emprestado este termo num sentido diferente do que havia sido o propósito de Bleuler, Kanner teria dado início à “construção das ideias de impossibilidade e de deficiência, presentes nas metáforas utilizadas por vários psicanalistas mais tardiamente” (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007, p. 42) principalmente por repercutir uma grande influência nas atuais definições de autismo. Deste modo, mesmo havendo divergências quanto à conclusão de cada classificação psiquiátrica, a qual é oficialmente reconhecida, a Classificação Internacional de Doenças 10^a. edição (CID-10), a americana no Manual de Diagnóstico (DSM III-R e IV) e a francesa (CFTMEA) partem da mesma proposta que Leo Kanner formulou em 1943 (LIMA, 2007) e (BANDIM, 2010)). É possível perceber, portanto, que desde a sua origem até os tempos atuais, não existe uma conformidade entre teóricos quando se fala de autismo e especialmente em relação à origem dos sintomas que comportam a síndrome autística, como também aos tratamentos adequados a eles.

Fascinado com o desvelar do seu estudo da clínica com essas doze crianças, em “Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo” Kanner (KANNER, 1943/1997) demonstra e ressalta, através dos relatos de seus casos clínicos, como é imprescindível que cada caso seja merecedor de consideração por aqueles que o estudam, devido ao fato destes apresentarem características particulares de cada indivíduo autista.

Ademais, de acordo com Lima (2007) e Cavalcanti & Rocha (2007), o próprio Kanner se mostrou contraditório em suas afirmações sobre as características particulares dessas crianças. Ele, mesmo acreditando que elas não possuíam capacidade para desenvolver uma verdadeira linguagem e, deste modo, impossibilitadas de se comunicarem, encontrava-se bastante surpreso quanto a incrível capacidade de memorização dos seus pacientes (KANNER, 1943/1997). Entretanto, é possível identificar uma contradição em Kanner nesse aspecto, pois ele parece desconsiderar tais fatos através desta passagem do autor apresentada por Cavalcanti & Rocha (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007, p. 165):

O vocabulário incrível das crianças que adquiriram a linguagem, a excelente memória para acontecimentos ocorridos há vários anos, a fenomenal capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de sequências e esquemas complexos, testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito deste termo.

Segundo Lima (2007), Kanner chegou a afirmar que 75% dos autistas aprendem a falar enquanto que o resto permanece mudo. Entretanto, o fato de pronunciarem palavras repetidamente, ecolalicamente, das constantes inversões pronominais são desconsideradas como meio de comunicação pelo mesmo autor, não havendo, portanto, nenhuma diferença entre os autistas que falam e os que não (LIMA, 2007). Cavalcanti & Rocha (2007, p. 43) compreendem que com esta afirmação, Kanner havia tirado a “alma dos autistas”, impondo que não há possibilidade de se quer haver uma forma de se comunicar com eles. As autoras falam sobre uma alquimia feita por Kanner e que “terminou por deixar o mundo interno dos autistas despovoado e vazio de interioridade, ao mesmo tempo que os isolou do mundo externo” (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007, p. 43).

Todavia, mesmo que Kanner tivesse desconsiderado o fato de crianças autistas não fazerem uso da linguagem- levando em consideração suas definições de autismo já apresentadas aqui - três anos depois de ter escrito tais afirmações, o mesmo retoma a questão da linguagem, o que parece ser uma mudança de opinião ao que já havia afirmado no artigo de 1943. Neste

retorno à linguagem, Kanner sugere a impossibilidade de uma afirmação da ausência de sentido da linguagem na síndrome do autismo infantil precoce (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007). Podemos identificar neste momento, diante dessa mudança de pensamento em relação à linguagem em autistas, que haveria o que as autoras Cavalcanti & Rocha (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007) a um “outro Kanner”. O fato de que Kanner chegou a levantar a hipótese de que as crianças autistas não estariam fora do campo da linguagem demonstra-se esquecido pelos autores da atualidade. É nessa hipótese, apresentado por este outro Kanner, que consideramos a criança autista neste trabalho, ou seja, como aquela capaz de linguagem. Nesse sentido, Cavalcanti & Rocha (2007, p. 43) destacam que:

Kanner defendeu que embora pareçam fora do contexto e sem sentido, as palavras e frases emitidas pelas crianças tiveram um sentido quando originalmente pronunciadas, hipótese que ele já havia lançado no artigo anterior.

Ou seja, essas palavras e frases ao serem relacionadas e contextualizadas às situações específicas em que foram primeiramente emitidas, tornam-se incompreensíveis fora de um contexto. As mesmas autoras lembram quando, no caso Donald, uma das primeiras dentre as onze crianças descritas no artigo de 1943, pronunciou a palavra “sim” em uma situação em que o pai brincava de colocá-lo nas costas e passou a usá-la sempre que desejava que o fato acontecesse. Significa que, quem não tivesse conhecimento sobre a situação a qual originou a primeira palavra “sim” pronunciada por Donald, não poderia compreender o seu significado no momento em que tal palavra seria encontrada fora do contexto e desprovida de qualquer significação. Elas buscam explicar como ocorre este tipo linguagem ao retomar Kanner em:

Segundo Kanner, um processo de substituição metafórica, mas, diferente das metáforas utilizadas na poesia e na linguagem convencional, o sentido só pode ser recuperado se for possível o acesso às situações em que as palavras foram originalmente pronunciadas: em geral, situações afetivas vividas pelas crianças. A conclusão final a que chega Kanner é que a linguagem dos autistas é metafórica e seus processos linguísticos não diferem dos empregados pelas pessoas em geral. (CAVALCANTI, e ROCHA, 2007, p. 43)

Desta forma, ao concordar com Marie Christine Laznik (LAZNIK, 2004), é possível dizer que em relação a questão da linguagem existiriam dois Kanner (*apud* Lima, 2007): aquele que nega a linguagem ao autista, em 1943, e o que afirma a linguagem nessas crianças ao defini-la como uma linguagem metafórica em 1946.

Diante desses dados, acreditamos ser incongruente que se diagnostiquem crianças autistas através desses primeiros sintomas, caracterizando-as como aquelas que não possuem habilidades de comunicação.

Faz-se necessário destacar que durante três décadas após a sua publicação, o Autismo descrito por Kanner (KANNER, 1943/1997) permaneceu dentro das classificações de psicose precoce. Surgiram, neste período, muitas controvérsias em relação a sua origem e natureza. Ainda persistia a ideia de que a sua causa estaria atrelada à crianças com pais que respondiam com pouca emoção a seus filhos, hipótese que deu força ao estigma da “mãe geladeira” – atualmente abandonada por falta de indícios empíricos que corroborassem com ela. Todavia, na década de 70, Ritvo (*apud* Bandim, 2010), em 1976, iniciou um trabalho o qual relacionou o autismo a um déficit cognitivo. Com isso, o autismo passou a ser classificado com um transtorno ligado ao desenvolvimento, fugindo do grupo de doenças psicóticas, ocasionando uma mudança significativa no programa terapêutico das crianças autistas, anteriormente mais voltado às abordagens psicanalíticas, para as técnicas de tratamentos pedagógicos e comportamentais (BANDIM, 2010).

Em acordo com esta perspectiva, Bandim (2010) menciona o contemporâneo de Ritvo, Michael Rutter (1978), responsável pela formulação dos quatro critérios necessários para a definição do conceito e diagnóstico o autismo, sendo eles (BANDIM, 2010, p. 13): (a) atraso e desvios sociais não só como função do retardo mental; (b) problemas de comunicação, também não só em função do retardo mental associado; (c) comportamentos incomuns (movimentos estereotipados e maneirismos); e (d) início antes dos 30 meses de idade;

É importante retomar o fato que, após um ano da publicação dos trabalhos feitos por Kanner, Asperger atende ao que denominou como “Psicopatia Autista” sem, contudo, ter conhecimento sobre o trabalho kanneriano (BANDIM, 2010). Em busca de uma causa que pudesse ser explicada através da etiologia do paciente, Asperger cria a hipótese de que os traços de personalidade da patologia eram, em sua característica primária, transmitidos pelos genes do sexo masculino. Além dessa característica, o fato das crianças não apresentarem leve ou nenhum grau de retardo mental seriam dados suficientes para diferenciar a Síndrome de Asperger – como é conhecida atualmente – da Síndrome do Autismo descrito por Leo Kanner em 1943. Segundo Bandim (2010), a categoria de autismo como síndrome ou transtorno, mesmo reconhecida oficialmente pela Organização Mundial de Saúde constado do CID-10 e

pela Associação Americana de Psiquiatria através do DSM-IV-TR, permanece incerta perante muitos especialistas e pesquisadores.

Além disso, a perspectiva organicista ao qual Bandim (2010) defende, explica o autismo como uma síndrome, já que se constitui um conjunto de sintomas que representam a própria doença. Neste sentido, considera-se a pessoa autista um continuum (“**espectro**”) em que seus diversos sintomas variam desde graus mais leves aos mais raros considerados pela síndrome.

Atualmente, estas perspectivas comportamentalistas e organicistas negam as contribuições de técnicas psicanalíticas no tratamento do autismo, pois para eles não existiriam evidências científicas que comprovassem a sua eficácia. É possível compreender este fato, devido ao modo como o modelo cientificista, ainda influenciado por Kanner em 1943, continua ativamente presente em técnicas de tratamento das pessoas diagnosticadas como autistas (BANDIM, 2010).

Em contraposição a este paradigma, ressurge na psicanálise um novo modo de compreensão do autismo que o entende, antes de tudo, em sua singularidade. Essa teoria descarta qualquer concepção reducionista sobre o autismo, e pressupõe que o sujeito autista funciona a partir da “homeostase patológica familiar” caracterizada, a princípio, pelo significado que lhe é atribuído e não por sua base etiológica (ROCHA, 1997).

Nesse sentido, Jerusalinsky (1993) se refere a uma *falha do olhar materno sobre a criança autista*, ou seja, haveria uma ausência desse olhar primordial no processo de subjetivação da criança, ausência essa de que a mãe não se dá conta. A esse respeito, Laznik (2009) propõe que a criança não é introduzida no circuito pulsional que se formaria a partir da relação estabelecida entre ela e a mãe, fundamental para sua constituição subjetiva. Na seguinte passagem, a autora afirma:

Tenho filmes de bebês de algumas horas que imitam o dedo levantado do adulto que se endereça a eles. Mas, o mais extraordinário, é que – passado algum tempo – o bebê vem provocar o adulto para recomençar o jogo. (...) Eis o que não encontramos nos filmes dos bebês que se tornaram autistas. Claro está que a pulsão invocante não se estabelece, mas a meu ver, a pulsão oral também não. Eles não se fazem chupar o pezinho por exemplo. E quando, no trabalho com o analista e a mãe, isto acaba ocorrendo, transforma todo o panorama. (LAZNIK, 2009, p. 15)

Em decorrência desse obstáculo inicial, no que diz respeito à dimensão pulsional do bebê, vários autores, na linha psicanalítica, propõem que não há linguagem no autismo e,

portanto, não há sujeito, no sentido de que a criança fica fora do registro simbólico ou, como propõe Jerusalinsky (JERUSALINSKY, 1993), a criança autista fica *excluída de toda circulação simbólica*.

Propomos, entretanto, uma saída dessa perspectiva de negatividade que predomina em relação ao autismo, mesmo entre os psicanalistas, assumindo que existe uma condição de possibilidade, de *vir-a-ser-sujeito*, no autismo, que necessariamente inscreveria vestígios de subjetividade a despeito das lacunas e especificidades que viessem a marcar tal subjetividade. É importante, contudo, destacar que não temos a pretensão de negar os obstáculos indicados pelos autores no que se refere à constituição do autista como falante. Sugerimos apenas que abordar esses obstáculos do ponto de vista de uma positividade, de um *vir-a-ser* nos levaria a uma maior possibilidade de abordar algumas questões ou enigmas que cercam o autista. Nesse sentido, como o conceito de pulsão psicanalítico, apresentado anteriormente, nos ajuda a compreender o autismo?

Considerando a questão do circuito pulsional, conforme concebido pela psicanálise, destacamos a proposta de Laznik (LAZNIK, 2004), segundo a qual voz é agente ativo na vida da criança mesmo antes desta nascer. Ela é primeira e comanda o olhar, ou seja, a voz é anterior ao olhar primordial, àquele que se instaura quando o bebê reconhece, pela primeira vez, o olhar do Outro, neste caso, o outro materno.

Diante disso e, retomando a teoria psicanalítica, Laznik relata que através de vídeos familiares de bebês que, no futuro, se tornaram autistas fica clara esta relação da voz enquanto comandante do olhar do bebê. Segundo a autora,

Mesmo bebês que recusam habitualmente responder a qualquer apelo e que não olham espontaneamente nenhum adulto, não podem deixar de olhar se ouvirem a invocação de uma voz portadora de uma prosódia particular, que foi descrita pelos psicolinguistas como característica do *manhês*¹³. (LAZNIK, 2004, p. 15)

De acordo com os vídeos e as observações, fica evidente que esta prosódia se torna impossível de ser respondida por um bebê que se tornaria autista. Ela afirma que este poder de invocação quase absoluto poderia ser um dos determinantes da alienação radical do pequeno

¹³ “Conjunto particular de modificações no modo de falar de um adulto que se dirige a um bebê e que consegue captar sua atenção. Como não são apenas as mães que falam assim com seus bebês, mas também os pais que conseguem comunicar com eles, o termo *manhês* tende atualmente a ser substituído por *parentes*.” (LAZNIK, 2004, p. 15)

homem ao desejo do Outro. Assim, para a autora, na clínica precoce, aquela que se caracteriza pela escuta analítica da relação mãe-bebê, é possível identificar sinais que apontem ao psicanalista que algo da relação não está indo em direção para um desenvolvimento típico do psiquismo do *infans*. Estes sinais são apontados como, a exemplo da pulsão escópica, o não-olhar entre a criança e sua mãe indicando problemas primários da relação com o Outro, e a *não-instauração do circuito pulsional completo* (LAZNIK, 2004, p. 25). Tais sinais são possíveis de observação na clínica psicanalítica através da escuta que a mesma desempenha sobre a díade mãe-bebê o que mobiliza o profissional a intervir inevitavelmente para que o autismo não se instale. Isso se deve ao fato de que, uma vez que estes sinais são apercebidos, seja preciso levar em consideração uma hipótese de autismo, mesmo que as estereotípias e comportamentos de automutilações só apareçam no segundo ano de vida da criança.

Seguindo este raciocínio, a autora formula a hipótese de que:

O não olhar entre uma criança e sua mãe (sobretudo quando ela não se apercebe disto) assinala o perigo de problemas precoces na relação com o Outro. O estágio do espelho corre o risco de não se constituir ou então de se constituir mal. Mesmo que este sinal possa alertar o clínico, ele só não basta para dar a segurança de que é preciso intervir, se desejamos prevenir um grave problema do funcionamento mental. Um segundo sinal, observável clinicamente desde os primeiros meses de vida e simples de ser detectado, permite fazer um prognóstico com uma maior segurança do perigo de um tal problema, e então acionar a urgência da intervenção. Trata-se do que vou chamar de *não-instauração do circuito pulsional completo*. (LAZNIK, 2004, p. 25).

Eis, portanto, o que não acontece com a criança autista. Esta não só não se faz assujeitado ao gozo do Outro como também nos parece não buscar satisfação em si mesmo. Segundo Laznik (LAZNIK, 2004), o bebê que se tornou autista não pode ser considerado um bebê que tenha passado pela experiência do autoerotismo, característico do primeiro tempo do circuito pulsional, já mencionado. Ademais, não se pode observar o autoerotismo no que diz respeito à clínica, mas, quando observando experiências do terceiro tempo pulsional - caracterizado por ser aquele o qual a criança busca no gozo do Outro a sua satisfação pulsional -, é que podemos afirmar que a mesma tem passado pelos tempos anteriores.

Diante da observação clínica dessas crianças autistas é que podemos constatar a ausência do terceiro tempo do circuito pulsional. É notável como estas crianças não se fazem objetos de gozo ao Outro e, mais ainda, buscam ofuscar-se diante de tal possibilidade. Nas palavras da autora: “Como se, justamente, o sistema de defesa consistisse em elidir todos os lugares psíquicos onde os traços mnêmicos das representações do Outro poderiam ser

registrados” (LAZNIK, 2004, p. 30). Através dessa leitura, é possível dizer que o autista teria, portanto, permanecido no lugar de pura necessidade, onde só lhe é possível satisfazer-se enquanto corpo fisiológico e biológico: comer, beber, dormir, etc. Falta-lhe, assim, que alguém (Outro), algum adulto, faça uma hipótese de sujeito neste corpo que não só é fisiológico e biológico, oferecendo-lhe um espaço que escute as suas demandas, saiba sobre elas e inicie todo o processo de Alienação que se caracteriza a porta de entrada para um dos Estádios do Espelho como foi apresentado anteriormente.

Comprendemos, portanto, o autismo enquanto aquele que se apresenta como uma fissura no processo de Alienação. Segundo este pressuposto, indagamos o papel da música enquanto aquela que, como uma sutura, possibilite a retomada do processo de Alienação e, em consequente, o da Separação, processos que, como foi apresentado anteriormente, são imprescindíveis na constituição de um sujeito de linguagem, um sujeito de desejo.

Assim, devido à característica que a voz materna apresenta com a música e ao fato da voz ser o objeto da pulsão invocante e necessária para a constituição do sujeito, debruçemos sobre a relação entre música e o autismo, uma vez que este denuncia uma falha no fechamento do circuito pulsional completo.

2.5.1 Música e o autismo

Azevedo (AZEVEDO, 2011) afirma que a arte musical possibilita ao sujeito criar a música a partir de um centro, centro este que lhe foi possibilitado previamente. Entendemos que a autora nos fala de um sujeito constituído, criativo e, por assim dizer, que utilizaria da música enquanto meio de criação de si mesmo e do mundo em que vive. No entanto, não é desse sujeito que buscaremos tratar neste trabalho. Não é, portanto, sobre o uso da música, enquanto ferramenta criativa, artística, como resultado de um movimento de sublimação.¹⁴

Seguindo este raciocínio, indaga-se como pensar a música a partir de um sujeito cuja típica constituição psíquica não foi possível? Em outras palavras, como pensar a música em sujeitos cuja constituição psíquica nos faz deparar com o autismo, aquele que apresenta uma

¹⁴ Termo psicanalítico que, segundo Laplanche & Pontalis (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004), é definido enquanto “processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetivos socialmente valorizados” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004, p. 495).

falha no fechamento do terceiro tempo do circuito pulsional conforme coloca Laznik (LAZNIK, 2009)?

Para responder a tais questões, encontramos em Azevedo (AZEVEDO, 2011) que o que está em jogo em qualquer arte e, por isso, na música também, é um lidar com o real através do simbólico, não sem convocar igualmente o imaginário. Essa característica da música abre espaço para uma perspectiva que nega olhar somente para o sintoma e busca se inclinar em direção ao sujeito que musicaliza de uma forma saudável. Além disso, no que diz respeito ao simbólico, Lacan fará a seguinte constatação:

É de fato assim que devemos entender o simbólico de que se trata na troca analítica. Quer se trate de sintomas reais ou atos falhos, ou o que quer que seja que inscreva no que encontramos e reencontramos incessantemente, e que Freud manifestou como sendo sua realidade essencial, trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da própria estrutura de linguagem. (LACAN, 1901-1981/2005, p. 23)

Diante do que nos apresenta Lacan e ao pensar as falas dos autistas, falas musicadas, compreendemos este “o que quer que seja” enquanto símbolos, enquanto jogo entre significante e significado e, diferente do que o autor diz sobre uma condição organizada na linguagem, nos deparamos com o enigma do autismo, escancarando uma linguagem que não condiz com o parâmetro de organização, mas que nos diz de um sujeito que verbaliza para fora, e, sendo para fora, verbaliza para um outro. Encontramos no movimento entre a criança autista e a sua terapeuta um espaço de troca analítica, no que a terapeuta se coloca num lugar atributivo, oferecendo atributos com busca em dar sentido aquelas palavras que, sem a escuta analítica, não significariam nada. Ao passo que a criança recebe estes atributos não de forma passiva, mas ativa como será demonstrado na Análise dos Dados. Partindo desse princípio, consideraremos as verbalizações musicais feitas por crianças autistas enquanto movimento saudável ao contrário de buscarmos numa classificação nosográfica, fechada e que rotularia o sujeito, sintomatologias para os seus comportamentos. Desse modo, como compreender o autismo a partir da música?

Em virtude de responder tal questão, levantemos a seguinte pontuação colocada por Sekeff (SEKEFF, 2007):

Tendo essas considerações em pauta pode-se dizer que, em termos psicológicos, o ritmo musical corresponde ao *gesto*, a melodia é a *palavra*, os

temas são os *personagens* e a harmonia é o *campo* de ação, espaço no qual se desenrola a trama musical.

Se, diante do que nos propõe Sekeff (SEKEFF, 2007), a melodia pode ser considerada palavra, podemos afirmar, com isso, que, na palavra expressa por um sujeito, existe melodia. Nesse sentido, focaremos a palavra como sendo, antes de tudo, extensão psíquica que engloba tanto questões simbólicas (significante/significado) quanto musicais (melodia). Em outros termos, encontramos na palavra expressa por um sujeito do inconsciente sua relação com a melodia, e colocamos esta relação em questão quando lidamos com uma formação de um sujeito específico, como o autista, e a sua relação com uma musicalidade singular.

Previamente, em outros itens desse mesmo trabalho, falamos da abertura que a voz no seu aparato melódico, ou seja, voz enquanto musicalidade, possibilita escutar aquilo que dela ressoa, em outros termos, aquilo “que se diz para além do que se intenciona dizer” e que diz respeito aos substitutos inconscientes de cada sujeito. Maleval dirá que a música surge como uma das possibilidades de uso da linguagem nos autistas. Consideramos necessário, neste momento, abriremos um espaço para trazer o que este autor vem a contribuir tanto na clínica quando no campo teórico, a questão da língua verbosa, a sua relação com o significante e o que isso nos possibilita falar sobre a voz e a música.

2.5.2 A teoria dos autistas verbosos

Em *Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas* (MALEVAL, 2012), Jean-Claude Maleval fala sobre o mundo da linguagem nos autistas e o que, para além da clínica de Kanner em 1943, sabe-se hoje sobre a tão confusa relação que estas crianças apresentam com a linguagem.

Desde que Kanner apresentou as onze crianças, uma coisa ficou certa sobre os autistas: eles não falam, são muitas vezes confundidos como surdos, e quando apresentam alguma relação com a linguagem esta relação se apresenta, porém, danificada. Lacan por sua vez coloca essa prejudicada relação com a linguagem em questão. Afirma que, diante de comportamentos onde essas crianças tapam os ouvidos, por exemplo, nos revelam o simples fato de que só se tapa os ouvidos diante a existência de algo falante e que necessita não ser ouvido. Assim, Lacan dirá que este comportamento tão frequente em autistas escancara a posição de que estes permanecem num estado “pós-verbal” pois, apresenta-se como uma proteção aquilo que é do verbo. É nesse sentido e através dessa descoberta que Lacan afirmará que o autista não é um ser sem linguagem, mas um ser sem palavras, como afirmaria a característica do mutismo

muitas vezes atribuída ao autista. Eles não são ausentes de palavras, são presença de *palavras verbosas*.

Para compreender o que o termo verbiagem busca designar, evoquemos Maleval (MALEVAL, 2012) ao dizer que:

O que é verbiagem senão um gozo solitário da língua? ⁵ Solilóquios incompreensíveis, monólogos não endereçados, até mesmo invenção de neologismos se revelam, com efeito, muito frequentes na clínica do autismo. Também é observável que certos autistas, não necessariamente de “alto funcionamento”, desenvolvem a faculdade de comunicar-se, adquirindo aptidões linguísticas próprias para fazer laço social. Ainda que consigam fazer-se entender, seu uso da língua se revela original. Por detrás da grande diversidade dessa clínica, que vai do mutismo ao domínio de uma língua comum, passando pela verbiagem, existiria uma constante? Parece que poderíamos levantar essa hipótese se levássemos em conta o funcionamento pulsional. (MALEVAL, 2012, p. 45-46)

Falar em pulsão é, como vimos no tópico anterior, falar de desejo e, por isso, falar de demanda. Autistas apresentam uma grande dificuldade de aceitar demanda de uma outra pessoa, pois, para aceita-la seria preciso que este aceitasse o gozo e desejo do Outro, sendo este desejo aquele que marcaria a diferenciação Eu-Outro. Como poderia o autista aceitar tão complexa questão se este demonstra não fazer demanda alguma à ninguém? É devido a essa dificuldade visível em apresentar qualquer relação de troca de afeto que os autistas apresentam dificuldades no campo mais primitivo do ser humano. Tornar-se possível perceber isto nas diversas recusas da entrada dos objetos pulsionais de troca, os distúrbios na área da alimentação muitas vezes relatados pelos pais como “do nada ele parou de comer isso, ou aquilo”, como também nas áreas de excreção, percepção sonora e visual, como devidamente são apresentadas por Maleval (MALEVAL, 2012).

Inicialmente, a percepção se compõe de estímulos incertos, ambíguos, à espera de interpretação; para que ela se organize, o sujeito deve-se interessar, uma escolha opera então, selecionando certos estímulos, negligenciando outros. Ele é comandado pelos investimentos libidinais, eles mesmos regulados pela extração dos objetos *a*. (MALEVAL, 2012, p. 46)

Segundo o autor, quando esse processo não se opera dessa maneira, encontramos várias incongruências nas percepções dos autistas. Lembremos nesse momento, que estamos falando de dificuldades perceptivas das quais não há nenhuma disfunção nos aparelhos auditivos e visuais. Maleval apresenta dados de estudos no campo da Psicologia Cognitiva que revelam

uma disfunção da informação e que, segundo ele, o gozo não se apresenta enquanto organizador da mesma. Em outras palavras, a questão da pulsão não é percebida nos autistas.

Veremos no tópico que se segue, comportamentos típicos de autistas. Entretanto, precisamos, antes que os mesmos sejam expostos, compreender o que estes comportamentos nos dizem em relação a posição subjetiva dessas crianças. Maleval (MALEVAL, 2012) ressaltava um desses comportamentos, a dizer, o de apontar. Segundo ele, esse comportamento é bastante comum em crianças de apenas 15 meses de idade, porém, é possível encontrá-los em crianças autistas com mais de cinco anos. Segundo a teoria lacaniana, o movimento de apontar designa não só o interesse pelo objeto que se aponta, mas que, ao apontar, a criança – seja um bebê de 15 meses seja uma criança autista de 5 anos – expressa um apelo ao adulto, ou à uma outra pessoa, o qual chamamos de demanda ao Outro. Essa demanda ao Outro ratifica principalmente a posição da criança enquanto faltante diante do Outro que, nesse caso, é aquele capaz de trazer o objeto de gozo para o *infans*. Entretanto, é visto nas crianças autistas a falta da troca de olhares, troca esta que salienta o reconhecimento do Outro como aquele que retém o poder de trazer o objeto demandado e o reconhecimento de si enquanto sujeito de falta. No entanto, esse é o olhar do qual o autista não apresenta. Estas dificuldades são as quais demonstramos que o autista apresenta disfunções no modo de gozo vocal e escópico sendo, respectivamente, referente à pulsão invocante (voz) e à pulsão escópica (olhar). Por essas disfunções é que entendemos os comportamentos de evitar o olhar pelos autistas como também o de tapar os ouvidos ou de não atender aos chamados.

Além disso, Maleval apresenta dados bastante pertinentes em relação a invasão do vocal pelo escópico:

Assim, na percepção de Daniel Tammet ¹², a invasão do vocal pelo escópico atribui cor às palavras. É mais frequente que as sinestésias tornem a percepção caótica. Elas atestam um transbordamento dos limites do gozo. Em contrapartida, a regulação destes confere ao sujeito a capacidade de inibir, negligenciar, deixar de lado certos elementos perceptivos; essa é uma das condições da construção de uma realidade partilhada. (MALEVAL, 2012)

É precisamente dessa realidade compartilhada que o autista apresenta dificuldades em vivenciar. Entendemos que, diante da presente citação, Maleval (MALEVAL, 2012) descreve o autista como aquele em que percebe o mundo por inteiro, de modo caótico onde se encontra um transbordamento do gozo. Esse transbordamento nos revela a maneira como a percepção do autista se organiza ao não ser organizada. É uma abundância de estímulos que nos remete à

percepção de um recém-nascido que se apresenta como sendo aquela que, a princípio, tenta dar conta de tudo que o mundo possa apresentar. Como acontece nos recém-nascidos, também os autistas precisam encontrar maturação na forma de perceber o mundo, só possíveis através da troca provida pela relação com o outro. Lacan fala sobre isso quando descreve o processo de Alienação onde a cuidadora, normalmente a mãe, se apresenta enquanto Outro, utilizando significantes para atribuir estados mentais, sentimentos e dar nome aquilo que, para o bebê, é vivenciado e sentido como uma abundância de estímulos. Freud em Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (FREUD, 1905/1996) descreve como a pulsão, encontrando apoio no instinto, se distancia deste e encontra maturação a partir do desenvolvimento do que ele chamou de fases da libido: auto-erótica, oral, anal-sádica, latência e genital.

Outra questão referente a linguagem também é apresentada pelo autor: a ausência da inversão pronominal que se caracteriza pela falta das crianças autistas de utilizarem o pronome Eu. De acordo com Maleval (MALEVAL, 2012), essa falta se dá devido à retenção do objeto pulsional voz não encontrada no campo do Outro. Aqui destaquemos o nosso interesse nesse trabalho de Dissertação: evoquemos o fato de ao encontramos, nas dificuldades enunciativas dessas crianças autistas, como demonstra a dificuldade com o uso dos pronomes pessoais Eu, a falha do autista em encontrar gozo no campo do Outro. Portanto, retomemos a teoria defendida nesse trabalho de que a criança autista teria sido acometida de uma falha no terceiro tempo do circuito pulsional, que se caracteriza pelo movimento do bebê em se fazer objeto de gozo do Outro tornando-se, por um lado, reflexo do seu próprio gozo, como bem apresentamos ao descrevermos o processo de Alienação desenvolvido por Lacan.

Além dessa dificuldade, encontramos nas produções ecológicas – bastante comuns nessas crianças – mais uma das dificuldades que compõe os distúrbios na linguagem daqueles com diagnóstico de autismo. Essas falas que soam como meras “repetições” nos revelam a mínima condição do autista: a falta da apropriação de um discurso que seja próprio do sujeito, ou seja, a falta do discurso do Eu, sendo preciso utilizar-se da fala do outro que se configura como uma fala de um não-eu. Isso nos mostra, mais uma vez, que o autista não está dentro do discurso do Outro, muito menos de um discurso do Eu, sendo esse o motivo pelo qual lhe é possível verbalizar palavras em eco. Entretanto, como bem pontuam Marcelli & Cohen (MARCELLI e COHEN, 2010), a ecolalia se caracteriza como sendo uma etapa do processo natural de aquisição da linguagem, sendo uma etapa própria de bebês entre 6-8 meses, como uma espécie de “melopeia relativamente homogênea e contínua” (MARCELLI e COHEN, 2010, p. 122). Isso corrobora com o dizer de Maleval sobre o fato de que “a inserção inicial da

linguagem, que se dá mais frequentemente por ecolalia, confirma que a posição subjetiva distanciada do Outro da linguagem não decorre de um fenômeno pontual” (MALEVAL, 2012, p. 48), necessitando, portando, de uma atenção mais aprofundada possível na clínica.

O que Lacan busca afirmar ao tratar da palavra verbosa dos autistas? Ao contrário da perspectiva que defende o autista como aquele que se posta fora da linguagem, Lacan demonstra que, na verdade, este se coloca como alguém imerso na linguagem. O autista, contudo, se coloca numa posição de defesa da linguagem. Os comportamentos difusos de linguagem apenas estão nos revelando uma maneira defensiva de lidar com ela, visto que, se na linguagem eles não estivessem, não haveria do que se defender. Maleval (MALEVAL, 2012) afirma que estas crianças que se tornaram autistas e que apresentam tamanhas dificuldades na linguagem foram num momento ulterior ao seu nascimento, geradas dentro de um “banho verbal” e que este seria motivo pelo qual o verbo o afeta. Isso se mostra presente pelo fato dessas crianças verbalizarem com o corpo, ou seja, tornarem o seu corpo enquanto recorte de linguagem. Aqui encontramos a marca do Real do corpo tomado enquanto palavra que, mesmo não sendo inserida no campo do simbólico, precisa ser enfrentado pelo autista. O que causa uma angústia tamanha capaz de impor ao autista um dispêndio de energia voltado para o distanciamento e regulamento desses objetos reais e ameaçadores.

Ainda sobre a retenção do gozo e a dificuldades dos autistas, Maleval (MALEVAL, 2012) retoma a importância que a voz e o olhar apresentam na estruturação psíquica e na constituição de um sujeito de linguagem:

A maior parte dos especialistas considera, não sem pertinência, que se trata de um déficit de tratamento de informação. Mas, por que esse déficit, já que está bem estabelecido que os órgãos sensoriais não estão comprometidos? É muito difícil apreender isso quando não se levam e conta a dimensão pulsional e a economia de gozo. Para ir ao essencial e dizê-lo de modo mais simples, a extração do objeto *a* funciona como um organizador da realidade, permitindo injetar-lhe. A retenção da voz e do olhar obstaculiza esse processo. Disso decorre, como diz D. Williams, que “os controles de volume e de luminosidade são de grande sensibilidade, desregulando-se facilmente, em particular, quando é preciso ‘absorver algo novo’”²⁰. (MALEVAL, 2012, p. 51)

Eis aí, como bem apresenta o autor, mais uma característica do comportamento autístico que nos revela a falta da inserção num campo do simbólico, campo da pulsão que busca o enlaçamento do sujeito com o Outro, para que depois este possa emergir com o seu diferencial, assim como já foi apresentado no tópico que discute a constituição do sujeito lacaniano.

Diante disso, várias teorias surgem para buscar conceber a lógica que perpetua a relação própria do autismo com a linguagem. Maleval vai responder que não existe um compromisso tão claro que possibilite compreender esses vastos arranjos com a linguagem. É possível que a mesma criança autista se apresente de maneiras variadas e em contextos variados, contextos estes que demandam a linguagem: em um local pode não dizer nada, em outro, diz cantando e em outro apresenta produções ecolálicas. Entretanto, concordamos quando o autor afirma existir, diante de tantas incertezas, algo que é constante. Esta constante se apresenta na retenção de gozo através do objeto da voz, sendo percebida enquanto uma recusa da voz enunciativa. Compreendemos tal recusa como a dificuldade que esse objeto voz faz em cunhar um ponto surdo, ou seja, em se fazer ressoar, impossibilitando a inserção do movimento pulsional invocante tão necessário para que haja uma captura do gozo do Outro. As consequências dessa recusa à voz é exemplificada nos diversos comportamentos aqui mencionados: ecolalia, mutismo, fala sem afeto, etc.

A criança autista que se utiliza da música está mais propensa à circunscrever suas emoções do que a criança autista que desenvolve uma língua intelectual (Asperger), de modo que são capazes de se enlaçarem com o social. Assim como o caso de *Alouette*¹⁵ demonstra uma íntima relação da criança autista com a música em prol de um meio de mandar uma mensagem aos pais, vemos em outras crianças também autistas, o mesmo movimento com a música. O que cada música significa, isso é estreitamente articulado com as vivências, história de vida e próprio de cada criança, sendo possível de ser compreendido somente a partir de uma análise bastante voltada à própria relação do autista com os seus pares.

Nesse sentido, apresentaremos o recorte do caso apresentado pelo autor, de Elly, o qual já foi mencionado anteriormente, visando uma melhor compreensão do que o autor visa explicar ao tratar do uso da música enquanto “escolha” autística frente a linguagem. O recorte se apresenta da seguinte maneira:

“Durante anos, relatam os pais de Elly, não sabíamos por que ela, aos quatro anos, cantava *Alouette* enquanto penteávamos os seus cabelos após lavá-los. Foi somente a partir do sexto ano, quando ela já falava bem melhor, eu nós descobrimos a relação: ‘Alouette’ equivalia a *all wet* (tudo molhado), palavras que aos quatro anos ela não dizia e não parecia entender. No entanto, era claro que ela havia captado os sons e estabelecido, através da música, uma relação que não podia fazer, ou não podia verbalmente. ”

¹⁵ Ver Maleval (2012, p. 53)

A palavra 'Alouette' é aqui pega na matéria sonora e utilizada em uma acepção própria do sujeito, apartada do Outro, já que foram precisos vários anos para que seus pais entendessem a alusão. Nesse exemplo, o fragmento significativo, 'Alouett/All Wet', tem sua origem em uma situação precisa, a lavagem dos cabelos. Essa vinheta clínica não é anedótica: ela ilustra uma propriedade notável nas primeiras expressões de sujeitos autistas descritas sob o termo "caráter permanente da situação de aprendizagem". (MALEVAL, 2012, p. 52)

Diante disso, podemos compreender que, até que Elly desenvolvesse outras formas de utilizar-se da linguagem, formas que fossem mais compreensivas aos seus pais, estes não conseguiriam encontrar um sentido para as expressões verbais da filha. Sobre isso, destaca-se o lugar "sem sentido atributivo" no qual os pais de Elly se encontram. Ela se esforça em busca de significar suas experiências enquanto que os pais se encontram aflitos por não encontrar um significado que esclarecesse a sua língua verbosa. Mais adiante, Maleval (MALEVAL, 2012) menciona uma passagem de D. Williams que fala sobre o movimento que as crianças autistas encontram ao produzir linguagens com uma voz "átona, mecânica", ressaltando que esta seria uma característica da qual o autista faz uso, como se anunciasse uma linguagem onde a parte musical desta estivesse dissociada de sentido.

Vemos, portanto, como a relação da música se apresenta com tantas possibilidades de trabalho clínico. Maleval (MALEVAL, 2012) busca enfatizar, com isso, que esses usos musicais tais como Elly ao utilizar-se de *Alouette* para expressar um desejo, são caracterizados como uma língua verbosa, língua que ainda se configura como aquela apartada do Outro do significante. Isso pois, como podemos ver na fala dos pais de Elly, essa língua verbosa é extremamente difícil para a compreensão daqueles que se encontram imersos no campo do simbólico e que puderam assumir a voz enunciativa na fala, tornando-se enquanto sujeitos de falta, sujeitos que buscam no Outro reviver o gozo primordial como é o caso dos pais de Elly. Em outras palavras, seus pais apresentaram dificuldades bastante significativas ao tentarem compreender a mensagem que a filha buscava escancaradamente lhes atribuir. Entretanto, os seus pais, enquanto sujeitos da falta e por isso, sujeitos onde o gozo vocal faz enunciado, puderam ressoar o objeto pulsional que é a voz, cunhado por um ponto surdo que dá movimento a pulsão invocante, colocando-os numa posição subjetivamente diferente da de Elly. Esse modo original de se colocar perante a linguagem tão característica dos autistas é explicada, mais uma vez, por Maleval quando este afirma que a retenção do objeto vocal tira a possibilidade da voz encontrar refúgio no sujeito, comprometendo a sua enunciação no campo do Outro. Sem aquilo

que remeterá ao gozo, o ser humano se resume ao modo do qual um computador faz uso da linguagem, através de ícones e signos.

Com a língua verbosa descrita por Maleval devidamente exposta, retomemos a questão da musicalidade e do ressoar no autista. Diante do arcabouço literário possibilitado pela psicanálise e apresentado neste trabalho, não sobra dúvidas nos seguintes pontos: (1) o autista utiliza-se da linguagem verbosa; (2) esta linguagem é uma linguagem onde à música falta sentido; (3) encontramos não uma música sem sentido, mas sim uma musicalidade; (4) musicalidade diz respeito ao significante e não ao sentido da música, remetendo à um movimento inconsciente, um movimento pulsional; (5) nesse movimento pulsional, temos a voz enquanto objeto por onde essa pulsão fará caminho; (6) encontra-se um porém no caminho pulsional, pois este objeto (voz) não foi esquecido, ensurdecido, comprometendo o emergir de um sujeito da linguagem. Assim, encontramos no autista, um sujeito verboso, onde o desenvolvimento do circuito pulsional invocante revela uma falha na sua última fase e que, por isso, impossibilita a voz de ser ressoada. Vemos no caso de Elly que os pais não entendem o que ela verbaliza até que está cresça e “aprenda a falar melhor”, como também até que os pais supusessem nela um sujeito de linguagem.

Além da língua verbosa, Maleval ressalta a língua funcional bastante presente nos autistas descritos por Asperger. É caracteriza por ser uma língua aprendida e copiada do que é observado no mundo, faltando-lhe, contudo, sua dimensão afetiva. É como o recorte que Maleval apresenta do que expõe Temple Grandin relata ao tentar explicar como percebe a sua linguagem:

Recentemente assisti a uma conferência em que uma socióloga afirmou que os seres humanos não falavam como os computadores. Nessa mesma noite, durante o jantar, contei a essa socióloga e a seus amigos que o meu modo de pensamento se parecia com o funcionamento de um computador, e que eu podia explicar esse processo, etapa por etapa. Eu fiquei um pouco perturbada, quando ela me respondeu que era pessoalmente incapaz de dizer como os seus pensamentos e as suas emoções se conectavam. Quando ela pensava em alguma coisa, os dados objetivos e as emoções formavam um todo [...] Em meu espírito, eles estão sempre separados. ⁵⁵ (Gradin, 2006, *apud* Maleval, 2012, p. 64)

Não se configura interesse para este trabalho aprofundar-se nas características e descrições que a língua funcional possibilita. Entretanto, faz-se necessário apresentar como a questão da música se encontra, também na língua funcional, de maneira pertinente à presente pesquisa. Grandin, no mesmo livro, afirma que a única coisa que não responde às formas de

organização da linguagem descritas por ela anteriormente é quando esta se depara com um trecho de música. Grandin ressalta que, no que diz respeito à música, não é possível transformá-la em ícones ou símbolos, tal qual encontramos nos processamentos de computadores e em dicionários, por exemplo. Maleval dirá que isto vem a confirmar, mais uma vez, a característica peculiar que a música tem, uma vez que “o tratamento da onda sonora, na qual se ancora a língua verbosa, não é da mesma ordem e pode operar sem cortes” (MALEVAL, 2012, p. 62). O que vem a possibilitar o uso da música pelos autistas como uma experiência não tão ameaçadora como a linguagem falada.

Diante disso, é pertinente afirmarmos a importância da música com o modo verboso que o autista encontra para falar. Nesse sentido, como articulá-la com o que a teoria vem dizer que, para se tornar sujeito de fala é preciso que a voz ressoe?

Retomemos, mais uma vez, Maleval quando este afirma que estas crianças autistas seriam, antes de tudo, crianças “verbosas” e que as tantas formas de linguagem apresentadas por elas como mutismo, ecolalias, canções e verbiagens só serão possíveis de existir caso “a voz enunciativa não seja implicada” (MALEVAL, 2012, p. 52). Significa dizer que a criança autista não cede ao Outro da voz, ou seja, não se deixa ser capturado por ela. Assim, não há ressoamento da voz, nem esquecimento e nem ensurdecimento da esma, já que a voz não teria sido, antes de tudo, invocada. Para o autor, o autista teria dois caminhos pelo qual desenvolveria a sua linguagem: através da música ou, como bem vemos nos casos de Asperger, desenvolvendo uma linguagem intelectual e aceita, de certa maneira, pela sociedade.

Nos encontramos, mais uma vez, corroborando com a perspectiva que entende que na constituição de uma criança autista teria havido uma falha no terceiro tempo do circuito pulsional, falha esta que remete ao “se fazer objeto de desejo do Outro”, ou seja, “se fazer objeto de pulsão do Outro”. Com o acontecimento dessa falha, a criança autista não ressoa a voz o que caracterizará esse modo particular de se relacionar com a linguagem. Assim, no autismo, consideraremos que essa voz não ressoa e que este teria permanecido no lugar onde somente as suas necessidades fisiológicas e necessárias para sua sobrevivência biológica eram satisfeitas. Isso significa dizer que não há a criação de um “ponto surdo” (VIVÈS, 2009) o qual possibilitaria cunhar um vazio necessário para dar contorno ao movimento pulsional. Ademais, ressaltamos que o uso dos termos voz e pulsão remetem estritamente ao conceito de pulsão invocante psicanalítico.

Por conseguinte, consideraremos que essas crianças autistas permaneceram na posição de necessidade e não de demanda, pressupostos apresentados anteriormente. Sabemos, contudo, que algumas crianças são colocadas na posição de objeto de desejo, mas que estas, por algum motivo, não conseguem permanecer nessa posição por muito tempo (Laznik, 2009). Portanto, compreendemos que para que haja demanda, é preciso que este tenha entrado como objeto de desejo do Outro e depois, com o processo de separação, tornar-se sujeito de desejo, sujeito de linguagem como nos lembram autores como Vivès (VIVÈS, 2009), Laznik (LAZNIK, 2004) e Maleval (MALEVAL, 2012).

Por fim, este trabalho se ancora na hipótese de que é através da música que estas crianças conseguem, não de modo criativo, mas constitutivo, fazerem ensurdecer essa voz. Nesse sentindo, a música irá, primeiramente, invocar estes sujeitos para o campo da demanda, do desejo e, assim, do simbólico. Isso que é possível ser invocado precisa capturar o sujeito, para que ele possa tornar-se surdo a essa voz, assim como o canto das sereias para Ulisses (HOMERO, 2009), canto que tudo sabe, tudo pode e por onde todos passam, mas que não podem ser escutadas, pois aquele que os escuta terminará afundado por ela como bem alerta a Deusa e feiticeira Circe:

Pois bem; atende agora, e um deus na mente
 Meu conselho te imprima. Hás de as sereias
 Primeiro deparar, cuja harmonia
 Adormenta e fascina os que as escutam:
 Quem se apropinqua estulto, esposa e filhos
 Não regozijará nos doces lares;
 Que a vocal melodia o atraí às veigas,
 Onde em cúmulo assentam-se de humanos
 Ossos e podres carnes. Surde avante;
 As orelhas aos teus com cera tapes,
 Ensurdeçam de todo. Ouvi-las podes
 Contanto que do mastro ao longo estejas
 De pés e mãos atado; e se, absorvido
 No prazer, ordenares que te soltem,
 Liguem-te com mais força os companheiros.
 (HOMERO, 2009, p. 133-134)

Azevedo (AZEVEDO, 2011) nos fala do poder que a música tem de retirar o sujeito de uma “surdez” do seu próprio desejo. Contudo, vemos que, no caso dos autistas, estes precisam, primeiro, resgatar aquilo que não foi possível enquanto bebês: deixarem que a música invoque essa voz alienante do Outro, para somente assim, poder se fazer ensurdecer da mesma que será possibilitado através do trabalho terapêutico. Ao mesmo tempo, a música possibilita a entrada

no campo do simbólico e, junto à psicanálise, enquanto prática invocante, encontramos a abertura da qual o sujeito poderá, como bem diz a autora, “musicar a vida” (AZEVEDO, 2011). Veremos, portanto, na musicalização de uma criança autista, as suas palavras como unidades que dizem respeito a uma melodia musical e os significantes que não puderam ser ressoados da voz enunciativa (do Outro) e que, por isso, estariam aprisionando estas palavras na sua rigidez e repetição (ecolalia). Além disso, serão observadas suas relações com a terapeuta que propõe se emprestar como aquela que buscará sentido às suas verbalizações musicais.

3 MÉTODO

Nesta investigação, foi realizado um Estudo de Caso que, segundo Nasio (2001), consiste em um método que teria três funções: a função didática, a função metafórica e a função heurística. A função didática do caso consiste em sua capacidade de transmitir ao leitor conceitos teóricos de uma maneira prática. Assim, segundo o autor, o leitor vai da “*cena à ideia, do concreto ao abstrato*” (NASIO, 2001, p. 13); em outros termos, a partir da leitura de um caso prático pode-se visualizar melhor alguns conceitos teóricos e elaborar outros.

No que se refere à função metafórica, o autor defende, pensando nos grandes casos da psicanálise, que, muitas vezes, o caso estabelece uma relação tal, com o conceito que se torna metáfora dele e diz: “é frequente (...) a observação clínica e o conceito que ela ilustra estarem tão intimamente imbricados, que a observação substitui um conceito e se torna metáfora dele” (NASIO, 2001, p. 16). Dessa maneira, podemos ver, por exemplo, “o caso Schreber” que se tornou metáfora da psicose.

Finalmente, o autor destaca a função heurística do caso. Essa função se refere à capacidade que um caso possui de ser gerador de novos conceitos, o que vai além de suas funções didática e metafórica. Assim, diz o autor: “Às vezes a fecundidade do caso é tão frutífera, que vemos proliferarem novas hipóteses que enriquecem, adensam a trama da teoria” (NASIO, 2001, p. 17).

Diante do que foi discutido acima, podemos justificar a utilização dos estudos de caso nesta pesquisa. Podemos dizer que, na medicina, o caso remontaria um sujeito anônimo que é representativo de uma doença; entretanto, nesta investigação, lançamos mão da concepção psicanalítica do caso, a fim de tentar compreendê-lo nos seus aspectos mais singulares.

3.1 PARTICIPANTES

O sujeito desta pesquisa foi escolhido com base nos registros em vídeo, já transcritos e impressos, constituindo um Banco de Dados pertencente ao CEMPI, os quais foram cedidos pela pesquisadora responsável. Participou desta investigação um sujeito cujo nome fictício é Nando que, aos 11 anos, participava de sessões de terapia em grupo no Centro Médico Psicopedagógico Infantil - CEMPI especializado no atendimento a crianças e adolescentes diagnosticados com Transtorno Invasivo de Desenvolvimento. Essa instituição dispunha de uma equipe de profissionais das seguintes especialidades: psicologia, psiquiatria, terapia ocupacional, pedagogia e fonoaudiologia, utilizando a psicanálise como ferramenta teórico-

prática, tanto para a compreensão, quanto para a terapêutica do autismo. O grupo era composto por duas terapeutas e quatro crianças diagnosticadas autistas, do sexo masculino e com idade entre nove e onze anos no início das gravações, pertencentes a uma camada socioeconômica pouco favorecida e que foram encaminhadas à referida Instituição para fins de acompanhamento em grupo e individual. Ressalta-se o fato de que todos os registros foram devidamente autorizados pelos pais das crianças, pela Instituição e pela investigadora que os organizou.

Desse modo, como critério para a escolha do participante do estudo, além do fato de ter recebido diagnóstico de autismo infantil –, de acordo com os critérios da classificação de transtornos mentais e de comportamento (CID 10) – foi considerado o fato de apresentar manifestações verbais, sobretudo, expressões melódicas presentes nas atividades denominadas Atelier de Aprendizagem e falas que eram significativas e que apresentavam relação com essas expressões. Além dessas atividades, outras eram propostas, durante o período de atendimento, tais como: Grupo de Psicomotricidade, Atendimento Individual e acompanhamento da família. O caso será apresentado levando em consideração a história de vida do sujeito e, para isso, serão transcritos recortes de falas dos responsáveis (mãe e pai), de pessoas próximas (irmã e Edson) e da terapeuta da criança. Tais recordes foram recolhidos durante os atendimentos individuais a pessoas da família estabelecidos como parte do tratamento do sujeito, realizados pela(s) a(s) terapeuta(s) do CEMPI.

3.2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS

- Registros de sessões de terapia em grupo digitados no editor de texto Word.
- Prontuário da Instituição onde o participante era atendido, no caso de haver necessidade de informação complementar através de algum dado da história de vida da paciente.
- Anotações – realizadas pela pesquisadora que forneceu os dados – com base nos atendimentos individuais de pessoas da família do menino.
- Transcrições de registros em vídeo de sessões de terapia (individual e em grupo). Tais registros em vídeo foram feitos, semanalmente, durante aproximadamente três meses, perfazendo um total de dez sessões com duração média de quarenta minutos, constituindo, portanto, um amplo registro. As filmagens foram autorizadas pelos responsáveis pelos meninos e, por eles, disponibilizadas para fins de pesquisa.

3.2.1 Análise dos dados

A análise das verbalizações referentes ao participante diagnosticado autista foi submetida aos seguintes procedimentos:

I – Leitura inicial, repetida e exaustiva, dos registros longitudinais, ou seja, aquilo que os autores chamam de *leitura flutuante* – baseado, por certo, no conceito de atenção flutuante da psicanálise – com o objetivo de uma primeira familiarização com os dados.

II – Escolha da criança que será acompanhada neste estudo.

III – Seleção das manifestações musicais (melódicas) do sujeito escolhido.

IV – Seleção dos fragmentos de “diálogo” (com as terapeutas) que contêm os dados selecionados no item II.

V – Realização de uma (nova) leitura repetida do *corpus*, seguindo um percurso tanto retroativo (para trás), como proativo (para diante) e tomando como ponto de referência cada fragmento de diálogo que contém as manifestações musicais do participante, anteriormente, selecionado.

Vale notar que nessa etapa (V), pretendeu-se dirigir a escuta, predominantemente, às palavras presentes nas produções verbais cantadas (melódicas) do sujeito a partir do que a teoria apresentada, neste trabalho, define como tal, bem como em outros tipos de produções verbais apresentadas durante as sessões em que as produções melódicas ocorreram, tanto da criança quanto da(s) terapeuta(s) que se dirigem a ela. Com isso, tem-se o intuito de verificar, tanto se alguma(s) palavra(s) se repete(m), bem como se existe relação entre essa(s) palavra(s), e outras palavras produzidas pelo menino ou pela(s) terapeuta(s).

Para finalizar, destacamos que, nessa análise, foi evitada a consideração do autista marcada pelo rótulo diagnóstico e pelas posturas daí decorrentes, procurando atender à proposta de abordar as questões referentes ao autismo por meio de uma lente positiva, o que nos faz desviar do caminho traçado pela negatividade, pela ausência e pela exclusão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 O QUADRO CLÍNICO DE NANDO ¹⁶ ¹⁷

Nando nasceu no dia 2 de Maio de 1989. Pertencente a uma classe social baixa, ele é o caçula de três filhos dos seus pais, tendo como irmãos mais velhos um menino e uma menina. Sua mãe é dona de casa e o seu pai, trabalhador de uma lanchonete. Buscou o atendimento no CEMPI devido ao encaminhamento do psiquiatra de uma outra Instituição, tendo sido atendido pela primeira vez no CEMPI aos 3 anos e 10 meses de idade, no dia 21 de Março de 1994. Foram requisitados os seguintes tratamentos: Grupo de Psicomotricidade iniciado em Fevereiro de 1995 e terminado no final de 1996, Grupo Atelier de Aprendizagem desde Março 1994 até quando estes dados foram filmados e Atendimento Individual com acompanhamento da família¹⁸. Durante as filmagens, Nando foi atendido individualmente, além dos atendimentos em grupo com outras crianças autistas. Vale salientar que os Dados apresentados foram colhidos pela profissional responsável quando Nando já tinha 11 anos de idade. Por isso, as informações contidas no Quadro Clínico e as falas coletadas a partir das entrevistas com os pais, irmãos e Edson ocorreram no decorrer do tempo em que esteve sendo atendido no CEMPI. Não iremos, deste modo, apresentar dados de atendimentos anteriores às filmagens, o que nos impossibilita de fazermos suposições acerca do que ocorreu nestes atendimentos.

Nas entrevistas e atendimentos aos pais e familiares, foram possíveis destacar algumas falas e comentários sobre o desenvolvimento de Nando durante os anos de atendimento no CEMPI. Logo no início, Março de 1995, o pai de Nando fala do que ele entende ou conhece do “problema” do filho e descreve como foi a gravidez e como são os comportamentos mais comuns que ele pode observar dentro de casa.

Homem é mais perigoso para ela... é um perigo ... mais perigoso foi o parto de Fernando. Não tinha nem mais fê nele (quando estava na incubadora) ... passou 8 dias” (Pai – s/ data)

¹⁶ Nome fictício, criado pela pesquisadora responsável pelas gravações e transcrições que constituem o Banco de Dados utilizado. “Nando” refere-se a seu apelido pelo qual ele é, predominantemente, chamado durante as filmagens.

¹⁷ Não constam informações quanto ao vínculo que Edson tem com Nando, nem como estes se conhecem. Sabemos, contudo, que Nando chama-o algumas vezes durante os atendimentos no CEMPI, revelando-se como alguém relevante na vida da criança.

¹⁸ Não há informações quanto a duração desses atendimentos individuais da família.

Aqui, Nando aparece no discurso do Pai como uma ameaça à saúde de sua esposa. O pai de Nando revela que chegou a “perder a fé” quando este se encontrava necessitado de atenção e cuidados, sendo colocado numa incubadora por quase uma semana. Segundo ele, Nando teria um problema e o fato dele ser um perigo para a mãe não caracteriza como sendo o único problema, pois, como é possível ver nos próximos relatos, o menino, desde sua concepção, veio como tentativa de resolver uma questão: possibilitar que a sua mãe não tenha mais filhos. Ora, o grande problema está aí, pois, para que ela consiga alcançar o seu desejo de não mais procriar, terá que engravidar de Nando. Seria Nando o problema? Vejamos como o Pai descreve nas seguintes palavras:

“O problema dele apareceu com mais ou menos dois meses, ele nasceu com 8 meses, foi prematuro. Ela sofreu na gravidez dele. A mãe passou mal e nós socorremos ela. Foi feita uma Cesária. Ele ficou na incubadora com aparelhos e tomando soro por alguns dias. Saiu com um aparelho para se alimentar. De 15/15 dias, voltava ao hospital. A mãe com 8 meses de gestação, teve pressão alta e caiu no chão. Já com 4/5 meses, a médica já falava que ela tinha pressão alta. Quanto ao problema dos nervos, eu notei que tinha problemas a partir de mais ou menos 3 anos de idade. Passava o tempo todo na frente da TV, balançava os braços e não ficava parado” (Pai – 14.03.1995)

Quanto à gravidez, a mãe revela: *“tive ele para ligar as trompas” (07.03.1995).*

O balançar dos braços descritos pelo pai também foram trazidos de novo na fala da mãe com mais de um ano depois da conversa, revelando que os comportamentos estereotipados ainda persistiam. Segundo esse relato da mãe, a vizinha teria percebido algo diferente em Nando quando este ainda tinha apenas 2 anos de idade e indicado à família que o levassem para ser avaliado no Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP). Não há registro se Nando foi atendido no IMIP nessa época, sabemos, contudo, que este foi encaminhado por um psiquiatra dessa mesma instituição e por isso, em algum momento perto dos seus 4 anos, Nando foi sim ao IMIP. Ademais, a mãe ressalta o filho como alguém muito “agoniado”, pois chorava e puxava os cabelos. Quanto à amamentação, a mãe de Nando diz que este foi amamentado até um ano de idade e que depois, em suas próprias palavras, ele ficou “engunhando”¹⁹. Em outro momento (18.08.1999), a mãe revela que os irmãos teriam “vergonha de andar com ele” devido aos comportamentos de balançar as mãos.

¹⁹ Termo que designa a sensação de náuseas, ânsia de vômito e nojo de algo.

Em relação ao desenvolvimento linguístico de Nando, o seu prontuário descreve que este não conseguiu ser atendido por uma fonoaudióloga no IMIP por falta de vagas, sendo encaminhado para os serviços do Hospital Geral Otávio de Freitas (HGOF). Está em acompanhamento por uma fonoaudióloga desde outubro de 1994 e, segundo a mãe, Nando teria melhorado “um pouco” o seu vocabulário (06.02.1995). Segundo o Pai de Nando, ele teria falado com um ano de idade, mas teria parado. Existe uma pessoa da família de Nando que não foi possível identificar o seu parentesco, mas que aparece nos dados de relatos familiares de Nando como Edson. Segundo ele, Nando está com o vocabulário muito reduzido, diz que as vocalizações espontâneas foram diminuídas bastante e que estaria se isolando mais (05.09.1995), uma opinião bem detalhada, específica e crítica que nos faz sugerir que este talvez seja algum profissional que tenha tido contato com Nando.

É possível perceber muitas contradições quanto ao desenvolvimento da fala de Nando pois, em determinado momento, a mãe relata que Nando “fala tudo” depois que entrou no CEMPI, enquanto que encontramos relatos de outros parentes como o pai, o tio paterno e esta pessoa chamada Edson, de que esta melhora não fora observada por eles. No dia 21.07.1998, quando Nando tinha oito anos, a análise da terapeuta ressalta que Nando “comunica-se verbalmente, com pobreza de vocabulário e de construção de frases e apresenta dificuldades na articulação de fonemas. É capaz de se utilizar do pronome pessoal EU, embora também se refira a si mesmo na terceira pessoa ou pelo nome-próprio”.

Outros dados sobre o comportamento de Nando são ressaltados especialmente pelos pais. Segundo o pai, Nando não usa o banheiro – mesmo havendo muitos na casa – ainda que ele esteja todo sujo. Ele ressalta que, além dos movimentos de balançar os braços e as mãos, Nando chega a bater nas pessoas ao invés de brincar com elas (Pai - 14.03.1995).

Aos 8 anos, é ressaltado pela terapeuta que Nando tem a tendência de agredir principalmente as meninas, cuspidando nelas. Entretanto, quando ele está em sofrimento, não hesita em buscar conforto. Segundo ela, Nando “reage com choro e muito sofrimento frente a algumas frustrações, chegando a ficar com um olhar vago. Sinais de ansiedade, agitação e inquietude, com agressões a outras crianças” (21.07.98). Além disso, segundo ela, aos 8 anos, Nando é capaz de reconhecer e atribuir alguns estados mentais aos outros, tais estados, contudo, não foram revelados.

A partir dos oito anos, os relatos sobre Nando são muito semelhantes. Frequentemente os pais se queixam de sua agressividade, sua agitação e como os comportamentos dele estão

afetando a dinâmica familiar. Segundo a mãe, Nando não dorme muito e por isso, não a deixa dormir. Em relação à sua higiene, a mãe relata que “às vezes, eu tenho nojo de pegar em Fernando, porque ele não pede para ir no penico, ele pega no cocô” (Mãe - 08.1998). Descreve um “choro calado” possível de ser visto ao olhar para Nando. Até indaga a possível existência de algum remédio para o Nando, visto que ele pode estar contente num momento e, em outro, apresentar este “choro calado” (Mãe - 01.11.2000).

É destacada a relação de Nando com a fezes. Segundo relatos das terapeutas, Nando defeca na cueca, pega as fezes com as próprias mãos e passa por todo o corpo. É observado o comportamento da mãe como o de agitação e enjoo. Segundo a terapeuta, foi dito pela D.Rita que todos da casa sentem nojo de Fernando. Devido ao nojo, todos os utensílios de alimentação da casa são separados: os de Fernando e os dos pais e irmãos.

Quanto às brincadeiras, várias anotações são feitas voltadas para o desenvolvimento e engajamento de Nando durante os anos. Segundo a terapeuta responsável pelo Banco de Dados, aos 10 anos, Fernando evolui no que diz respeito às brincadeiras, sendo rico na construção de elementos e podendo fazer maior deslocamento dos personagens, além de demonstrar diferenciar cada vez mais EU do OUTRO (F. terapeuta, 07.2000).

Diante das falas dos familiares, não é comum na vida deles, elogiar Nando. Segundo relato da irmã, Nando não deveria nem tentar entrar numa escola visto que ele “não vai aprender nada, só vai aperrear” (Irmã – sem data, 1998). Segundo a mãe, uma vez uma senhora da escola paroquial disse que não se pode comparar Nando com os outros irmãos e, em relação a isso a mãe ressalta “Nando é fogo, é parada.” (06.08.1998). Aqui, Nando já tem 8 anos de idade e nunca foi à escola. A mãe diz querer achar uma escola o quanto antes, pois Nando dá muito trabalho, mas não sabe como fazer, já que nem tomar banho ele sabe. Diz que quanto mais ele cresce, pior e que ele só faz chorar.

Fernando pede toda hora para ir ao colégio, pede aos irmãos para levarem ele para o colégio. A família do pai está revoltada comigo, porque não coloquei ainda o menino na escola. Dizem que os grandes estão, porque o menor não está. A irmã do pai de Nando diz que ele também tem o direito de estudar (Mãe – 01.11.2000).

Eu já vivo esgotada com dois grandes e esse aí (no momento em que Fernando faz xixi na roupa). Eu penso em deixar tudo com o pai. Era melhor morrer (Mãe – 06.02.1995)

Para diferenciá-lo dos dois irmãos, a mãe de Nando chama os irmãos de “os grandes” e ele “o menor”. Para ela, Nando faz coisas desagradáveis ao passo que “os grandes” não. Num determinado momento, não se sabe a data, a mãe de Nando relata:

Eu não queria engravidar ... eu estava querendo ele para ligar ... foi bom, por uma parte, porque liguei. A médica disse que era uma gravidez de alto risco e, com 8 meses de gestação, ia salvar ou um ou outro. Eu disse que queria salvar os dois. Na maternidade, a enfermeira disse que eu ia ficar mais um tempo, porque se fosse pra casa, morria os dois. Ele não nasceu, ele foi tirado ... a médica falou que ele era normal. Era para salvar eu, porque a pressão estava alta. (Mãe – sem data)

Aos 6 anos de idade, a mãe entra no CEMPI com Nando no colo. Nando demonstra fazer de tudo para se soltar dos braços da mãe e esta pergunta “Solto ele?”. Segundo a análise da terapeuta, a mãe “parece segurar um animal” (Mãe -15.10.1996).

Em 1998, a mãe disse que, ao ter a última filha, quis ligar, mas que o médico disse que era preciso mais outra gestação para isso. Nas palavras da mãe: “por isso engravidei para ligar” (06.08.1998)

Quando olho para ele, vejo a diferença dele para os outros. Eu só queria ficar com S. e C., mas veio ele, né? Queria um filho só para ligar. Foi o médico que disse para que eu tivesse um outro filho para ligar. Eu gosto dele, eu cuido dele, eu reclamo com os meninos quando batem nele. Eu gosto de ver o que ele faz aqui, para a Sra. ver o que é que ele faz em casa” (Mãe – 17.03.99)

Tendo sido constituído esse esboço de quadro clínico, passemos à discussão do qual são recortados vários fragmentos que constituem episódios. Destacamos que os episódios recortados não serão expostos atendendo a uma ordem cronológica dos eventos, pois, ao lidarmos com o inconsciente, nos inserimos naquilo em que o funcionamento psíquico não responde a uma lógica cronológica, diferente do modo como o funcionamento psíquico consciente se organiza.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS

A partir da leitura do *corpus* – de que dispomos nesta pesquisa – constituído pelas verbalizações de Nando em sua relação com a terapeuta (em sessões individuais), ou com as terapeutas e outras crianças (em sessões de grupo) –, alguns aspectos dessas verbalizações, ao

que tudo indica, merecem destaque, considerando o nosso objetivo. A título de ordenar a leitura e orientar a discussão, agrupamos, então, esses aspectos nos quatro itens que se seguem:

1) A ecolalia como uma posição ocupada diante da linguagem

Nas sessões registradas, Nando apresentou movimentos corporais estereotipados – como, por exemplo, fazer *flapping* nas mãos, balançar o corpo –, algumas vezes, emitiu vocalizações ininteligíveis e outras, ficou em silêncio.

Em vários momentos, o menino repetiu (de forma imediata ou diferida) fragmentos da fala do outro. Essa manifestação verbal da criança se *encaixa* nas definições e conceitos tão comuns na literatura sobre o tema da linguagem no autismo (ecolalia), na qual se indicam, por exemplo, as marcas de *imutabilidade*, de *rigidez* e de *inflexibilidade*, conforme ilustram os episódios a seguir:

N= Nando

B = Binho

Fg = Fagner

W = William

F = Terapeuta

A = Terapeuta

R = Terapeuta

Episódio 1 – Nando, 11 anos e 1 mês (08.05.01)

N – Cadê, papai?

F – Papai está lá fora, esperando por você!

Vamos, lá?

(Tem uma menina do lado de fora, olhando também por entre os furos do combogó acompanhando toda a cena.)

F – Olha Nando, a menina tá te olhando, vendo você nu

Bora, Nando, tou esperando!

N – *Bora, bora, rapaz*

Bora, bora, rapaz

Bora, bora, rapaz (fala com um timbre e uma modulação de voz, que não são seus)

Quer não! (fala com o timbre e a modulação habitual)

(Ao falar “quer não”, sacode a cueca para longe, sorrindo).

F – Quem é que fala assim contigo? Teu pai?

Episódio 2 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

(Nando olha para a câmara, mexendo na areia com a pá. Enche o balde.)

A – Olha, Nando, tem gente me chamando, oh?

N – *gente chamando.*

A – Tá vendo!

Episódio 3 (29.05.01 – Nando: 11 anos e 1 mês)

(Binho esvazia a tal caixa por completo e sorri)

N – Oh, pra aí!

Oh, pra aí!

F – A caixa do atelier tabajara...!

Fazendo apelo a Vivès (VIVÈS, 2009), podemos escutar, nas manifestações verbais (em destaque), que o menino é tomado pela voz do outro. Conforme ressalta Maleval (MALEVAL, 2012), ao reproduzir o discurso do outro, Nando estaria tomando distância do discurso do sujeito de desejo, ou melhor, estaria tomando distância do discurso que tenha origem no significante do Outro. Para esse autor, o grande desafio para o autista de utilizar o pronome pessoal só vem corroborar essa proposta.

Com fundamento em Azevedo (AZEVEDO, 2011), a ecolalia estaria nos revelando uma dificuldade que o autista apresenta de fazer ressoar o significante do Outro, significante que, como destaca a teoria lacaniana, surge através do se fazer ensurdecer (VIVÈS, 2009) de a voz materna.

Para Maleval (MALEVAL, 2012), o autista não se encontra fora da linguagem, mas desta se defende, visto que ela é vista como uma ameaça para o sujeito. Como já foi apresentado na fundamentação teórica deste trabalho, esse autor nos fala que a relação do autista com a linguagem é uma relação peculiar que surge a partir da constância em reter o objeto de gozo

vocal e, como consequência disso, fazendo-o recusar a assumir a voz enunciativa, o que vem a ser confirmado através dos diversos mecanismos que apresenta: mutismo, ecolalias, falas sem afeto, etc.

Nessa perspectiva, a ecolalia nos revela uma determinada posição ocupada pelo autista diante da linguagem. No entanto, é importante notar que as terapeutas, por meio de suas interpretações, procuram colocá-lo na posição de um sujeito de demanda e de desejo, o que se torna especialmente visível em vários momentos, por exemplo: quando, diante da reprodução de Nando, *Bora, bora, rapaz*, F. indaga: Quem é que fala assim contigo? Teu pai? (Episódio 1), quando, diante da reprodução de Nando, *gente chamando*, A. exclama: *Tá vendo!* (Episódio 2) ou, quando diante da manifestação do menino, *Oh, pra aí!*, F. complementa: *A caixa do atelier tabajara...!* (Episódio 3).

Neste aspecto, é importante abrir um parêntese para ilustrar a diferença entre essa posição implicada na escuta e na interpretação das terapeutas – mesmo em se tratando de ecolalia – e a posição em que os pais de Nando o colocam, quando expressam:

“Quando a gente olha para Nando, ele está com aquele choro calado, era bom um remédio para ele não ficar assim. Às vezes, ele está contente e, de repente, sai aquele choro calado” (Mãe – 01.11.00)

“Homem é mais perigoso para ela... é um perigo ... mais perigoso foi o parto de Fernando. Não tinha nem mais fé nele (quando estava na incubadora) ... passou 8 dias” (Pai – s/ data)

“O problema dele apareceu com mais ou menos dois meses, ele nasceu com 8 meses, foi prematuro. Ela sofreu na gravidez dele. A mãe passou mal e nós socorremos ela. Foi feita uma Cesária. Ele ficou na incubadora com aparelhos e tomando soro por alguns dias. Saiu com um aparelho para se alimentar. De 15/15 dias, voltava ao hospital. A mãe com 8 meses de gestação, teve pressão alta e caiu no chão. Já com 4/5 meses, a médica já falava que ela tinha pressão alta. Quanto ao problema dos nervos, eu notei que tinha problemas a partir de mais ou menos 3 anos de idade. Passava o tempo todo na frente da TV, balançava os braços e não ficava parado” (Pai – 14.03.1995)

Não se pretende aqui fazer um confronto entre os dois tipos de interpretação, em virtude das grandes diferenças entre os interpretes – que não nos cabe aprofundar – e entre as situações em que se encontram. Acrescente-se a isso, o fato de que o tempo decorrido entre a obtenção

de elementos que compõem o quadro clínico do menino e as gravações das sessões de terapia de que dispomos não nos permitiriam tal confronto. O nosso objetivo foi apenas destacar a diferença entre escutar a criança como um sujeito de demanda e de desejo, ainda que em situações pouco favoráveis, como é o caso da ecolalia, e escutá-la do ponto de vista de uma rigidez, de uma imutabilidade, de um não sujeito.

No primeiro caso, trata-se de escutar, na ecolalia, um apelo de Nando, considerando a posição assumida por Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999), Cavalcante (CAVALCANTE, 2001) e Maleval (MALEVAL, 2012). Desse modo, as terapeutas estariam elevando o menino ao lugar de um suposto sujeito de desejo, possibilitando que suas produções verbais surtam efeito e encontrem sentido a partir do momento em que elas se emprestam como boas entendedoras do som. Isso as torna o que Cavalcante (CAVALCANTE, 2001) chama de *sujeito interpretante*, por meio do qual a criança poderia encontrar uma direção para uma subjetivação. Por fim, é importante lembrarmos o que fala Melgaço (MELGAÇO, 2001) sobre a intervenção do psicanalista, considerando-a como aquela que se faz necessária no momento em que se constata, pela escuta analítica, que há uma falha instaurada impedindo a condição do sujeito de se tornar Sujeito (inconsciente).

Convém destacar, contudo, que, em vários momentos das gravações, diversas produções de Nando parecem constituir fortes indicadores de sua mudança de posição diante da linguagem como é o caso das onomatopeias.

2) A captura de Nando pela musicalidade: as onomatopeias

Destacou-se no *corpus* de Nando a presença maciça de onomatopeias – conforme ilustram os episódios abaixo – que aparecem, por exemplo, como sons semelhantes ao choro, à voz de animais, a tiros com arma de fogo. Vale notar, contudo, a dominância dos sons que imitam o choro (hum, hum, hum).

Episódio 4 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01.)

(Nando se acocora de novo no centro do pátio.)

N – *Cabra chorando, quer me bora!*

F – Ah! Cabra tá chorando também, quer ir embora?

N – É!

F – Nossa!

N – *Chore, F.! (ordem)*

F – Eu sou a cabra?

N – *Chore! (ordem)*

F – Sou eu que tou chorando ou a cabra?

N – É!

F – Quem é?

N – *Chore, F.! (ordem)*

F – Eu?

N – *Hum, hum, hum*

F – Hum, hum, hum

Hum, hum, hum.

Episódio 5 - Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

F – Oh, Nando, mas por que Piu piu e Frajola tão chorando, hein?

E por que eles querem ir embora?

N – *Canta, bum bum bum, Castelo Ratimbu! (ordem)*

[...]

(Nando fica agora de “perfil” para a câmera. Acocora-se e mexe na peneira e na pá. Levanta-se e faz xixi.)

F – Oh, Nando, o que ...?

Xixi aí, Nando! Mas olha só, tu sabe que xixi é no banheiro! Por que tu fizesse isso, aqui?

N – Uuh!

F – Hum?

N – *Cabra, hééé!*

F – Cabra?

N – É!

F – Quem é que diz isso pra tu?

N – *Béééé!*

F – Ah, é a cabra, é?

N – É!

F – Béééé!

N – *Béééé!*

F – Béééé!

Episódio 6 – Nando, 11 anos e 1 mês (22.05.01)

A – Eita, que parece que Bárbara vai ganhar essa corrida!

N – Chorando!

A – Virge, que Bárbara tá chorando?

N – *Bambambam!*

A – Bambambam!

Bambambam!

Bambambam! (música de vitória do Brasil – Ayrton Senna)

E o motorista está agitando os braços!

(Nando corre pela sala, agitando os braços para o alto.)

Episódio 7 – Nando, 11 anos 1 mês (29.05.01)

(Os dois arrumam a sala, colocando tudo dentro da grande caixa. Ele retira o boneco soldado de sua boca, olha para ele e diz:)

N – *pei, pei, pei, pei, pei, pei, pei ... pei*

[...]

(Nando pega um bichinho do chão e o coloca na caixa.)

N – *Cu, cu, cu, cu, cu!*

R – O que é aquilo?

O que é aquilo, Nando?

Que bichinho era aquele?

Hein?

F – Era um bichinho, era R.?

R – Era um bichinho, era uma galinha, ele fez o som da galinha, F.!

[...]

(Nando pega outro bichinho.)

N – *Mooomm ... Boi!*

Episódio 8 – Nando, 11 anos e 3 meses (03.07.01)

(B. bate palmas. W. faz um movimento de giro, segurando o seu próprio balanço pela corda, batendo, em seguida (de propósito), no balanço de Nando.)

F – É o carrossel!

W – Opa!

B – Eeeeh! (batendo palmas)

N – *Tantanranran!*

Carrossel!

[...]

N – Desenhar! (olhando para o papel e, depois, para F., ainda fazendo o gesto de ascender o fósforo na caixa).

F – Pegando o palito? (expressão de incompreensão, colocando as mãos na cintura)

Fg – Bora lavar o cabelo!

W – Me dê!

F – Não tou entendendo nada! (expressão de incompreensão, colocando as mãos na cintura)

N – Encendiando! (olhando para F.)

Fg – (fala algo incompreensível)

F – Ah?

N – Encendiar! (olhando para abaixo)

F – Incendiar? (expressão de surpresa).

W – Me dê a bola!

(Nando agora não só faz tal gesto (expresso anteriormente), como também faz-de-conta que está jogando o palito aceso, queimando o desenho.)

N – *Tchuuuu!* (jogando o palito aceso e queimando o papel)

F – Tu vai tocar fogo, aí???

W – (fala algo incompreensível)

N – *Tchuuuu!* (olhando para F.)

F – Virge Maria!

N – Virge! (sorrindo)

Tcuuu! (olhando para o papel)

W – Ah, ah, ah! (sorrindo)

Fg – Aaaaah!

Aaaaah! (gritando)

N – Tchuuuu!

Aah! (olhando para o papel, com o soldado na mão)

F – Tchuuuuuuuu! (levantando os braços, como se o fogo tivesse tomado grandes proporções)

Episódio 9 – Nando, 11 anos e 4 meses (07.08.01)

(B. coloca a bola detrás da sua cabeça, encostando-se na mesma que, por sua vez, está apoiada na parede lateral (esquerda) da sala, olhando e sorrindo na direção de Nando.)

? – (fala algo incompreensível)

N – *Pei, pei, pei!*

[...]

(B. continua olhando e sorrindo para ele.)

B – Ah, ah!

De acordo com Houaiss (2001, p. 2067), as onomatopeias consistem na “formação de uma palavra a partir da reprodução de um som natural a ela associada. São signos motivados, isto é que possuem uma relação objetiva – e não apenas arbitrária com aquilo que significam (por evocação)”.

Trata-se, portanto de um tipo de produção cuja principal marca é a sonoridade, a tentativa de imitar sons produzidos por seres vivos ou objetos existentes na realidade. Por sua vez, tal imitação requer uma certa fidelidade à linha melódica e ao ritmo para que possa se aproximar dos sons existentes. Ao analisar o poema *O Relógio*²⁰ de Vinícius de Moraes, Idalgo (IDALGO, 2011) destaca que o *tic tac* reproduz o mais próximo possível o som do relógio e a repetição dessa onomatopeia, ao longo do texto, acaba fazendo da sonoridade uma grande brincadeira. Assim, “Esse é um dos recursos expressivos mais usados nas poesias infantis, pois concentra a melodia, a harmonia e o ritmo da frase, servindo para produzir esse efeito especial.” (IDALGO, 2011). Trata-se, portanto, de um efeito de *musicalidade* ou de eufemia.

Vale notar que a insistência desse tipo de produção nas verbalizações do menino poderia indicar que, nesses momentos, ele seria capturado pela sonoridade, pela musicalidade da voz, ou melhor, pela melodia e pelo ritmo dos sons, implicando assim uma mudança de posição em relação à ecolalia. Supomos, então que tal captura estaria funcionando como uma evocação da musicalidade da voz materna, o que produziria vários efeitos no que toca a relação do menino com a linguagem. Essa suposição está fundamentada em vários autores, como Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999). Segundo este autor, conforme já colocado, o exercício da pulsão invocante tem uma causalidade externa, na voz do outro (nesse caso, a voz da mãe) que, em sua dimensão de musicalidade, afeta a criança, gerando o que podemos chamar de um movimento em círculo: às expressões vocais da criança, a mãe dirige sua fala, cuja voz faz retornar na criança, sua musicalidade (melodia e ritmo), formando um contínuo. Desse modo, pode-se dizer que o ponto de apelo das vocalizações da criança (lalações, balbucios, incluindo

²⁰ “Passa, tempo, tic-tac/ Tic-tac, passa, hora/ Chega logo, tic-tac/ Tic-tac, e vai-te embora/ Passa, tempo/ Bem depressa/ Não atrasa/ Não demora/ Que já estou/ Muito cansado/ Já perdi/ Toda a alegria/ De fazer/ Meu tic-tac/ Dia e noite/ Noite e dia/ Tic-tac/ Tic-tac/ Tic-tac...” (MORAES, 2014)

os gritos e choros) encontra um destinatário, um bom entendedor do som, e podemos dizer que esse caráter de bom entendedor se aplica, reciprocamente, à mãe e à criança.

De início, podemos indicar esses efeitos (relacionados, sobretudo à onomatopeia de choro: Hum, Hum, Hum) com apoio no próprio testemunho das terapeutas que, como é apresentado no episódio seguinte, se colocam como boas entendedoras do som que Nando expressa:

Episódio 10 – Nando, 11 anos e 1 mês (29.05.01)

(Nando chuta a bola, novamente, para o alto, imprimindo uma trajetória de curva.)

R – Eita?

N – *Macaco Hum Hum*

A – Acabe o hum hum?

N – É?

A – Ma-ca-co Hum Hum!

N – Ah?

[...]

F – Que história de Macaco Hum Hum é esse? É essa?

(Nando olha pra F. e depois para A.)

A – Ah, se lembra não?

Que tinha um bocado de figura, aqui...

F – Ah!

A – que Fernando começou com história de ... de ... não, não tinha ...

não conseguia conversar com a gente ...

não conseguia...

N – *Macaco Hum Hum!* (*dirige o olhar para A.*)

A – estabelecer nenhuma ...

N – *Macaco Hum hum!*

A – relação com a gente

(Nando se dirige a A., acompanhando a conversa.)

A – Aí, ele começou a dar nome ... de repente, ele disse Macaco Hum Hum
e aí eu repeti. Aí, ele gostava que eu repetisse: Macaco Hum Hum!
Ah, eu também não compreendo, não, Macaco Hum Hum!
É outra coisa que eu não compreendo, mas deu certo, não foi?
Foi tudo a patir daí, não foi?

N – *Macaco Hum Hum!*

[...]

(Nando olha espantado para A., parando de bater com a bola no chão.)

Episódio 11 – Nando, 11 anos e 1 mês (29.05.01)

(Nando olha espantado para A., parando de bater com a bola no chão.)

A – Foi-se embora!

N – *Macaco Hum Hum!*

A – Foi ...

N – *Chorando ... Macaco Hum Hum!*

A – Macaco ... chorando?

Eita, como será ...?

N – Foi prá casa!

A – Foi prá casa?

N – Foi!

(Nando para de bater a bola.)

A – E ele foi chorando, foi?

N – Foi prá casa!

(Nando bate com a bola no chão.)

A – Foi prá casa, chorando?

N – Ah?

A – Foi?

N – (silêncio)

(Nando sorri, batendo com a bola no chão.)

A – Eu acho ... eu acho uma delícia quando tu ...
 vejo um sujeito compreendendo as coisas, sabia?
 Mostrando como compreende ...

F – Agora, também uma coisa que eu não entendo sabe, A!
 Todos os personagens de Fernando choram ...

A – E vão embora!

F – E vão embora!

Eu queria entender isso!

Por que essas pessoas estão chorando?

Por que estas pessoas estão querendo ir embora?

Tão querendo ir embora prá onde?

(Nando para de bater com a bola no chão e olha para F. Depois, retorna a bater com a bola.)

A – Quem foi embora?

N – *Macaco Hum Hum!*

Por sua vez, ao que tudo indica, o maior efeito provocado pela onomatopeia (hum, hum, hum) consistiria em que o termo *chorar* se destacou em nossa escuta, ou melhor, ele se tornou especialmente visível pela insistência com que se repete nas verbalizações de Nando. Podemos dizer, então, que o apelo contido nessa onomatopeia se atualiza por meio do que chamamos, na Introdução, de *índice do apelo (chorar)*.

3) *Chorar*: um índice do apelo

É importante realçar que o “significante” *chorar*, pela sua insistência, domina as manifestações verbais do menino ao longo do *corpus* de que dispomos, ressoando de forma marcante em nossa escuta. Assim, podemos dizer que esse “significante” constitui o *índice do apelo* de Nando, tomando, como ponto de partida, a concepção de *apelo musical* (DIDIER-WEILL, 1999). Também não parece demais repetir que as terapeutas desempenham um papel fundamental em sua busca por colocar Nando no lugar de sujeito de desejo, na medida em que se prestam como boas interlocutoras, como ressalta Wajntal (WAJNTAL, 2001), ou como boas entendedoras do som, nas palavras de Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999). Nessa posição,

as terapeutas supõem as verbalizações de Nando como produções que expressam um pedido, um apelo, tornando-as uma demanda.

No entanto, a ressonância desse “significante” (*chorar*) ocorre de diferentes formas as quais tentaremos agrupar, para melhor abordá-las:

- a) O “significante” chorar convoca uma pessoa, um animal, um objeto (bonecos, por exemplo) ou um personagem de histórias infantis. Convém destacar que, também é convocado o “significante” *eu*. Chamaremos todas essas figuras – que são colocadas no lugar daquele (ou daquilo) que exerce a ação de *chorar* – de *personagens*, na medida em que eles passam a fazer parte da cena criada por Nando e pelas terapeutas (com sua interpretação), como ilustram os episódios a seguir:

Episódios 12 – Nando, 11 anos 1 mês (08.05.01)

N – Abrir chuveiro, F.!

(F. o ajuda a abrir o chuveiro. Fica apenas com a cabeça debaixo da água. Evita que a água escorra pelo restante do corpo. Depois de se molhar por alguns instantes, fica defronte do chuveiro ligado, com a cabeça baixa, apresentando “flapping” das mãos. Nestes momentos, fica extremamente absorto nos movimentos do seu corpo. Dirige-se a F. e diz:)

N – *Scoobydoo, Sasicha*

F – Scoobydoo e Salsicha?

Ah, Nando, você está lembrando daquele dia, aqui no pátio, quando a gente desenhou o Scoobydoo fazendo cocô. O que eles estão fazendo agora?

N – *Chorando!*

F – Chorando?

Por que, Nando?

N – *Chorando, chorando*

(Nando sorri, com “flapping” nas mãos e balanceio do corpo.)

F – Ah, que pena!

Aaaaah, aaaaaah, aaaaaah

(F. imita um choro e Nando sorri com vontade.)

N – *Chorando!*

(Nando pega uma folha do jambeiro caída no chão. Fica extremamente atento ao movimento da folha decorrente do balançar estereotipado que imprime a mesma. F. se dirige a janela da sala de reunião, quando Nando faz o mesmo e termina escutando uma música que vem da sala de musicoterapia.)

N – Festa!

F – Festa, Nando?

N – Capoeira, maracatu!

F – Eita Nando, será que tu tá se lembrando daquela festa, que veio o maracatu tocar aqui no pátio. Muitos meninos tocando e dançando, aqui. Acho que tu gostou bastante daquele dia, não foi?

N – Foi!

(F. se senta no grande carretel. Ele se aproxima e diz:)

N – *Maria João, Beterraba!*

F – Quem, Nando?

Maria, o quê?

N – *Maria João, Beterraba ... Novela Uga, Uga!*

F – Ah, Maria João e Beterraba!

Por que tu se lembrou deles, agora, Nando?

N – *Chorando*

F – Chorando?

Eles também estão chorando?

Por quê, Nando?

(Nando sorri bastante. Neste momento, Nando se encontra atrás de F., acocorado no carretel.)

Episódio 13 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

(Nando se encontra no centro do pátio, sob o sol, acorocado, mexendo numa pá, peneira e balde. Olha para a câmara. Coloca areia com a pá dentro da peneira. Depois, limpa este reservatório. Mexe com as mãos na areia.)

F – Oi, Nando

N – *Piu piu, Frajola*

F – Piu piu, Frajola?

N – É!

F – Quer que tem Piu piu e Frajola?

N – *Chorando, me bora*

F – Chorando, foram embora?

N – *Piu piu, chorando!*

(Nando se levanta e baixa a cueca.)

A – Ah, Nando, aí não!

N – *Chorando!*

(Nando mexe na pitoca e ajeita a cueca.)

[...]

F – Você que quer ir embora ou é o Piu piu e Frajola que querem ir embora?

N – *Chorando, Piu piu!*

F – Eles estão chorando?

[...]

(Nando fica em pé com as mãos cruzadas na frente do corpo, olhando para a câmara.)

F – Cadê teu pai?

N – *Piu piu e Frajola, quer ir embora!*

Chore, F. ! (ordem)

F – Hum, hum, hum.

Hum, hum.

Eu to chorando!

(Nando fica em pé de braços cruzados, vendo F. “chorar”.)

F – Mas por que eu to chorando, Nando?

N – *Chore, F. ! Piu piu e Ajola!*

F – Hum, hum, hum!

N – *Quer me bora!*

F – Hum, hum, hum.

Eu quero ir embora!

Eu quero ir embora!

(Nando balança os braços no ar (movimentos estereotipados) e se acocora. Dá um sorriso.)

N – Ah, ah, ah!

[...]

(Nando abre a boca.)

F – Ah, ah!

Tu tá rindo, é?

N – *Castelo Ratimbu!*

F – Ah, quem é que tá rindo? É você...?

N – *Não, Zequiinha*

F – Ah! Zequinha do Cas...

N – *Zequinha, chorando!*

F – Ah, tá chorando?

N – *Do Castelo Ratimbu.*

Vou me bora!

F – Tá ... tá chorando, também, Zequinha?

Ele também tá...

N – *Chore, chora!* (ordem)

F – Ele também quer ir embora?

N – *Chore, F.!* (ordem)

F – Hum, hum, hum

Eu quero ir embora!

Eu quero ir embora!

(Nando mexe com a areia, juntando-a entre as mãos. Depois, despeja-a na peneira. Retira a areia e mexe nela, de novo, com as próprias mãos. Ele sorri.)

[...]

N – *Beterraba, Ma ... Beterraba chorando, quer me bora!*

F – Também, Nando?

N – Ah?

F – Mas esse povo todinho chorando?

N – *Chora, Beterraba, F.!* (ordem)

F – Hum, hum, hum.

Eu to chorando!

Oh, Nando, sou eu que tou chorando ou é Beterraba?

N – *Beterraba, chora!* (ordem)

F – Hum, hum!

N – *Quer me bora!*

F – Eu quero ir embora!

Quero ir embora pra onde, Nando?

N – Passear!

F – Passear?

Passear!

[...]

(Nando se acocora de novo no centro do pátio.)

N – *Cabra chorando, quer me bora!*

F – Ah! Cabra tá chorando também, quer ir embora?

N – É!

F – Nossa!

N – *Chore, F.!* (ordem)

F – Eu sou a cabra?

N – *Chore!* (ordem)

F – Sou eu que tou chorando ou a cabra?

N – É!

F – Quem é?

N – *Chore, F.!* (ordem)

F – Eu?

N – *Hum, hum, hum*

F – Hum, hum, hum

Hum, hum, hum.

N – *Tio Chico, Família Ada*

F – Ah, e eu pensei que era do teu papai, que tu tava falando!

Teu papai tá conversando ...

N – *Tio Chico, chorando, ibora!*

F – Iche, tá todo mundo choran...

N – *Chore, titio Chico, F.!* (ordem)

F – Hum, hum, hum!

Eu quero ir embora!

(Nando, acocorado, sorri.)

N – *Tio Chico, chorando, ibora!*

F – Iche, Maria.

Esse povo todinho chorando, querendo ir embora!

- b) *Chorar* convoca outros “verbos”, como *ganhar* e expressões, como: *quer ir embora* (*quer me bora*) que, também, aparece insistentemente e *foi pra casa*.

Episódio 14 - Nando, 11 anos e 1 mês meses (22.05.01)

(Nando corre pela sala, atravessando-a, empurrando o carrinho de bebê. Quando chega do outro lado da sala, faz o caminho inverso)

A – E deu a largada!

N – Vai ganhar!

A – Eita, que parece que Bárbara vai ganhar essa corrida!

N – *Chorando!*

[...]

(Nando corre pela sala, agitando os braços para o alto)

N – Ganhou!

A – Ganhou, ele ganhou a corrida!

N – ... *chorando, Babra!*

Episódio 15 – Nando, 11 anos e 1 mês (08.05.01)

N – Beterraba, Maria!

F – Beterraba, Maria!

N – *Beterraba, Ma ... Beterraba chorando, quer me bora!*

F – Também, Nando?

N – Ah?

Convém notar que a expressão *quer ir embora* (*quer me bora*) aparece insistentemente ao lado de chorar, conforme mostra o episódio 13.

Episódio 16 – Nando, 11 anos e 1 mês (29.05.01)

A – Macaco ... chorando?

Eita, como será ...?

N – Foi prá casa!

A – Foi prá casa?

N – Foi!

- c) Destaca-se, também, a insistência desse *índice do apelo* (*chorar*), assumindo uma forma e uma prosódia (entonação) específicas, tendo sido interpretado pelas terapeutas como uma pedido/ordem/imperativo dirigido ao outro para que chore, ao qual elas respondem com a onomatopeia (hum, hum, hum) que provoca, por vezes, o riso do menino. Parece importante realçar que, nessas produções de Nando – juntamente com a interpretação das terapeutas –, torna-se especialmente visível a dimensão de apelo implicada no “significante” chorar.

Episódio 17 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

(Nando fica em pé com as mãos cruzadas na frente do corpo, olhando para a câmera.)

F – Cadê teu pai?

N – *Piu piu e Frajola, quer ir embora!*

Chore, F. ! (ordem)

F – Hum, hum, hum.

Hum, hum.

Eu to chorando!

(Nando fica em pé de braços cruzados, vendo F. “chorar”.)

F – Mas por que eu to chorando, Nando?

N – *Chore, F. ! Piu piu e Ajola!*

F – Hum, hum, hum!

Episódio 18 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

(Nando abre a boca.)

F – Ah, ah!

Tu tá rindo, é?

N – Castelo Ratimbu!

F – Ah, quem é que tá rindo? É você...?

N – Não, Zequiiinha

F – Ah! Zequinha do Cas...

N – Zequinha, chorando!

F – Ah, tá chorando?

N – Do Castelo Ratimbu.

Vou me bora!

F – Tá ... tá chorando, também, Zequinha?

Ele também tá...

N – Chore, chora! (ordem)

F – Ele também quer ir embora?

N – Chore, F.! (ordem)

F – Hum, hum, hum

Eu quero ir embora!

Eu quero ir embora!

(Nando mexe com a areia, juntando-a entre as mãos. Depois, despeja-a na peneira. Retira a areia e mexe nela, de novo, com as próprias mãos. Ele sorri.)

- d) *Chorar* se liga, de algum modo, a outras palavras, por meio de condensação²¹ – *Choel* = *Chorou*+*Noel*; *Gonhou* = *Chorou*+*Ganhou*; *Fernambra* = *Fernanda*+*Abra* – ou por meio da substituição de uma palavra por outra, numa cadeia verbal que aparece repetidamente próxima ao “significante” *chorar*: *quer me banho*, em que *banho* substitui *bora* (*embora*) na cadeia *quer(o)ir bora*; *quer pra cabra*, em que *cabra* substitui *casa*, na cadeia *quer(o)(ir) pra casa*.

Episódio 19 – Nando, 11 anos e 2 meses (19.06.01)

F – Coém, coém!

N – *Papai choel!*

²¹ Vale notar que apareceram, nas verbalizações de Nando, várias formas verbais, possivelmente, resultantes de condensação de palavras que não possuem relação clara com *chorar*, como é o caso de: *Babueta*; *Cacassel*; *Cominhão*.

F – Ah?
 N – *Papai oel!*
 F – Papai noel?
 N – Sim!
 F – O que é que tem papai noel?
 N – *A festa de papai noel! (aponta para dentro do Cempi)*
 F – A festa de papai noel?
 N – Sim!

Episódio 20 - Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

A – Joga pra mim!
 Pra aí, não!
 N – *Gonhou, chorando!*
 A – Tá chorando?
 N – Vai?
 A – Por que, jogador?
 N – (fala algo ininteligível)

Uma certa semelhança sonora entre *Gonhou* e *Chorou* nos indica a possibilidade de condensação entre os dois termos (*ganhou* e *chorou*), considerando também que, no episódio acima, esse termo (*gonhou*) aparece junto de *chorando*. Convém notar ainda que o *Ganhou*, em alguns momentos, apareceu próximo à forma verbal *Chorando* (como, por exemplo, no episódio 14).

Episódio 21 – Nando, 11 anos e 4 meses (07.08.01)

(B. novamente diminui o ritmo, contornando a cabeceira (do fundo) da mesa, indo caminhar rente à parede lateral (esquerda) da sala. Nando que acaba de contornar a tal cabeceira da mesa, vindo logo atrás de B., diz:)

N – *Fer-naaan-bra! (olhando para a câmera)*
 [...]
 N – *A-bra!*

(Nesse caso (Fernambra), o abrir o portão (do Cempi) estaria ligado a ir pra casa ou ir embora que, por sua vez, aparece insistentemente ao lado de chorar (chorando), como se pode ver em vários dos episódios transcritos.)

Episódio 22 – Nando, 11 anos e 3 meses (03.07.01)

(W. está com a mão na boca, olhando para cima, onde as cordas estão enroladas. B. começa a empreender um movimento contrário, tentando desenrolar as cordas dos dois balanços, agarrado a Nando.)

N – *Nanganhou!* (Olhando para F.)

F – Foi?

Quando?

B. ganhou?

B – Foi embora ... !

N – Foi eu!

F – Foi tu?

Podemos, ainda, citar a condensação: *Nanganhou* (*Fernanda*²² + *ganhou*) que, embora não esteja claramente ligada a *Chorar*, de algum modo, se relaciona a essa forma verbal, desde que, conforme já foi referido antes, *chorando* aparece também ligado a *ganhou*.

Episódio 23 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

(Fg. toma banho e sorri)

N – *Quer me banho!*

A – Venha tomar banho!

(Fg. molha Nando com o balde. Molha-o de novo. Nando bate na cabeça).

Episódio 24 – Nando, 11 anos e 1 mês (15.05.01)

N – Quer pra casa!

F – Ah?

N – *Quer pra caabra!*

F – A cabra quer ir para casa?

N – É!

Pareceu-nos, ainda, importante recortarmos o episódio abaixo;

Episódio 25 – Nando, 11 anos e 3 meses (03.07.01)

N – Desenhe papai oel tá chegando {chorando?}!

Fg – Aaaah!

(Fernanda olha para os meninos que estão jogando bola)

F – O que? (dirigindo-se a Nando)

Destaca-se, nesse episódio, a cadeia *Papai Noel, chamando*, em que *chamando* parece substituir *chorando*, na cadeia *Papai Noel, chorando*.

²² O segmento *Nan* não poderia estar se referindo a *Nando*, uma vez que se trata de um nome fictício.

Podemos propor que, de um modo geral, a mudança de posição indicada, nos três tipos de agrupamento, seria representada pela ressonância do significante *chorar*. Estamos usando aqui o termo ressonância de acordo com autores do campo da psicanálise como, por exemplo, Azevedo (AZEVEDO, 2011), Vivès (VIVÈS, 2009), Maleval (MALEVAL, 2012), Porge (PORGE, 2012), conforme colocado na Fundamentação Teórica.

Lembremos que Azevedo (AZEVEDO, 2011) alerta para o fato de que a ressonância não deve ser confundida com consonância ou complementariedade, concebendo-a, então, como a característica que possui um elemento de reverberar sobre si mesmo e, também a possibilidade de resposta simultânea entre dois elementos, mantendo-se a heterogeneidade de cada parte. Assim, inclui-se nessa noção de ressonância, a repetição insistente do termo *chorar* (*índice do apelo* de Nando), na medida em que se trata de uma repetição com diferença. Em outras palavras, conforme mostram os episódios anteriormente agrupados, esse termo retorna em diferentes formações verbais, relacionando-se a outros termos (ou expressões) ou se condensando com outros termos.

Podemos então evocar a noção de eco formulada por Porge (PORGE, 2012) como um momento estrutural (um estádio), na trajetória de constituição do sujeito. De acordo com essa noção, o eco seria tanto a ressonância de fragmentos da fala do outro (a mãe) nas manifestações verbais da criança, como a reverberação de um fragmento sonoro sobre si mesmo e sobre outros fragmentos, nessas manifestações infantis. Um dos casos dessa reverberação são as quase homofonias²³ que Porge ilustra por meio de formações verbais presentes na fala delirante do Presidente Schreber (1975, citado por Porges, 2012): Santiago - Carthago, Chinesentum – Jesum-Christum. Lembremos que Maleval (MALEVAL, 2012) ilustra a homofonia, citando o caso de Ely, uma criança com diagnóstico de autismo que canta a música Alluette, todas as vezes em que seus pais lhe dão banho. Assim, esse significante (*Alluette*) ressoa em *All Luette* (todo molhado) que, do ponto de vista sonoro, é idêntico ao nome da música, diferenciando-se na escrita.

Supomos, então, que o termo *chorar*, em sua insistência nas manifestações verbais de Nando, ressoa sobre si mesmo, reverberando em outros termos (ou expressões), produzindo como efeito aproximações entre termos ou partes de termos. Nessa ressonância ou eco, o que se destacou em nossa escuta foi o seu caráter de heterogeneidade, de singularidade, conforme se pode notar nos episódios agrupados antes. Por sua vez, podemos dizer que tal singularidade, que marca o *chorar* como *índice do apelo* de Nando, teria feito com que os termos se

²³ Não é necessário que a homofonia seja completa, mas que haja uma semelhança entre os sons das palavras.

movimentassem, ou melhor, teria provocado mudanças de posição do menino em relação à linguagem, deslocando-o, nesses momentos, daquela posição marcada pela ecolalia. Dizendo de outro modo, nesses momentos, por meio do eco de uma palavra sobre si mesma, reverberando-se sobre outras palavras, o menino teria se deslocado de seu aprisionamento ao eco da sonoridade da fala do outro.

Não podemos, enfim, esquecer que a onomatopeia do *chorar* (hum, hum, hum), em sua dimensão de musicalidade (melodia e ritmo), teria capturado Nando, dando lugar a vários deslocamentos aqui discutidos, conforme testemunham as próprias terapeutas²⁴:

A. - Ah, eu também não compreendo, não, Macaco Hum Hum!

É outra coisa que eu não compreendo, mas deu certo, não foi?

Foi tudo a partir daí, não foi? (Episódio 10)

²⁴ Vale destacar que a riqueza desse *corpus* nos permitiria seguir mais de um eixo de análise como, por exemplo, a questão da insistência de ir embora, ligada à insistência de abrir o portão da Instituição (olhar para o portão, ou a ele se dirigir) para sair, bem como a questão complexa do pronome pessoal *eu* e dos verbos na primeira conjugação *quero* e de sua negação *quero não*. No entanto, dada a impossibilidade de seguirmos nessas várias direções, num trabalho de Dissertação, tivemos que optar, neste trabalho, por um eixo – aquele que nos afetou mais fortemente – constituído pela insistência marcante da forma *Chorar*. Pretendemos, entretanto, em trabalhos posteriores, dar continuidade a essa análise, focalizando outros aspectos do *corpus* de Nando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise e discussão do caso, chamou-nos a atenção a considerável frequência com que as estereotípias e ecolalias surgem nas manifestações de Nando. Retomemos, então, o que diz Maleval sobre o fato de que “a inserção inicial da linguagem, que se dá mais frequentemente por ecolalia, confirma que a posição subjetiva distanciada do Outro da linguagem não decorre de um fenômeno pontual” (MALEVAL, 2012, p. 48), necessitando, portando, de uma atenção, a mais aprofundada possível, na clínica. Nesses momentos, portanto, Nando estaria assumindo uma posição marcada por um distanciamento em relação aos significantes, ou melhor, uma posição marcada pelo aprisionamento à sonoridade da voz que Catão (CATÃO, 2011) denomina *puro som*.

No entanto, como foi mostrado, em meio às manifestações ecolálicas do menino, ocorrem a movimentação, circulação e transformação de “palavras”, ocorrências que indicam mudanças de posição. Em outros termos, nesses momentos, Nando teria saído da posição que implica um aprisionamento ao puro som da voz, posição esta que não é, contudo, ultrapassada uma vez que ele volta a assumi-la por meio de retornos à ecolalia.

Destacamos, então, os momentos em que essa circulação parece ocorrer na fala de Nando, no *corpus* de que dispomos: realçamos, portanto, aquelas cenas em que se fizeram presentes, as onomatopeias (sobretudo a que imita o choro) e/ou o termo *chorar*. Esse realce nos faz assumir a hipótese, com base em Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999) e em Scarpa (2005) do papel fundamental desempenhado – na trajetória linguística da criança – pela musicalidade da voz materna em que continuidade e descontinuidade são indissociáveis. Nesse sentido, diríamos, ainda com fundamento nesses autores, que a musicalidade como marca predominante das produções onomatopeicas – que, repetidamente, aparecem no *corpus* –, remeteria, de algum modo, à sonata materna, ou mesmo, que se trataria de um retorno dessa sonata, numa condição diferente. Lembremos que, tanto nas onomatopeias, como na fala materna dirigida ao bebê (a exemplo dos *manhês*), a marca de musicalidade se torna especialmente visível.

Essa indicação, por sua vez, desfaria também o paradoxo colocado no início: *como é possível propor que a musicalidade da voz poderia constituir uma via de encontro entre a*

criança autista e os significantes, se acabamos de assumir a proposta psicanalítica segundo a qual a criança deve esquecer a musicalidade para passar à fala?

Assim, o *hum hum hum* ao se ligar, ao convocar o “significante” *chorar*, que insiste nas verbalizações do menino, parece indicar uma possibilidade de saída da posição de aprisionamento ao som, ou melhor, uma possibilidade de esquecimento do puro som. Em virtude dessa repetição insistente, propusemos, então, que o *chorar* se constituiria como um *índice do apelo*, conforme já destacamos, desde a elaboração do Projeto desta Dissertação (Melo, 2013). É importante lembrar que, partindo da noção de *apelo musical* de Didier-Weill (DIDIER-WEILL, 1999) concebemos a repetição de uma palavra (provavelmente ainda não significante) como sendo um índice do apelo. Como já foi dito, entendemos que, para esquecer a musicalidade da voz, o índice do apelo deveria se subtrair da massa sonora, ligando-se a outros índices, ligação esta que os transformaria em significantes. No entanto, para que a insistência do índice do apelo, isto é, para que a repetição de uma “palavra” pudesse ter algum efeito significante, supõe-se que deveria ser recebido por um *bom entendedor* (DIDIER-WEILL, 1999).

Lembremos que, na discussão do caso, a ressonância do chorar, ao dar visibilidade a uma circulação e transformação de “palavras”, fornece-nos indicações de uma via de esquecimento do som puro, ou de uma via de constituição de um ponto surdo. Lembremos, também a esse respeito, que vários autores falam em um momento de passagem, ou momento intermediário. Sobre isso, evoquemos Catão (2011, p. 9), para quem “a passagem da voz de som puro a som para, com perda do gozo da voz e constituição de um ponto surdo”, tornam possível o movimento na rede de significantes, isto é, a fala. Para Porge (PORGE, 2012), haveria um momento intermediário, um momento de passagem do grito ao apelo e à palavra, que esse autor denomina *estádio de eco* (anterior ao *estádio de espelho*) ao qual o autista teria ficado preso. Não parece demais repetir que o grito deve se transformar em apelo, isto é, deve ser interpretado pelo outro (um bom entendedor) como um apelo. Diz Catão:

Para bom entendedor basta o silêncio, o grito, a repetição sonora, o monossílabo, a palavra, que sabemos ser sempre meia. Pois a despeito da posição de exclusão ativa do Outro que o autista sustenta, o voto do analista é de que algo escape dessa boca que ainda nem bem assim se sabe. (CATÃO, 2011, p. 9)

A esse respeito dissemos anteriormente que as terapeutas procuravam dar sentido às várias manifestações de Nando (incluindo as manifestações ecológicas), colocando-o na posição

de um sujeito de demanda e de desejo, diferentemente da mãe que, na sua escuta, coloca-o na posição de um organismo guiado por necessidades. Considerando o quadro clínico esboçado antes, parece significativa, conforme o relato da mãe, a condição do nascimento de Nando que foi gerado para que ela pudesse ligar as trompas, de acordo com a exigência do médico que a atendia.

Retomando Porge (PORGE, 2012), diríamos, então, que o autista teria ficado preso ao eco da fala do outro (a mãe) e que somente por meio do eco de uma palavra sobre si mesma ou sobre outras palavras, nas manifestações verbais do menino, poderia se constituir um caminho pelo qual ele chegaria à fala, caminho este que teria, no seu início, um retorno da musicalidade da voz materna. No entanto, trata-se apenas de uma suposição, fazendo-se necessário, ainda, um longo percurso de investigação para que se possa chegar a uma base mais sólida para essa proposta.

Para finalizar, fazemos referência ao fato de que o significante *chorar* também se faz presente na fala da mãe: “um choro calado”. Essa mãe revela, então, uma dificuldade extrema de expressão afetiva em relação a Nando e de atribuir sentido a seus comportamentos “vergonhosos”. Podemos dizer que esse “choro calado” surge nas ecolalias do menino e, somente através das terapeutas, que supõem um sentido nesses ecos da fala do outro, Nando consegue chorar. Um chorar que se atualiza em tantos personagens trazidos por ele, levando-nos a indagar: Quem chora no dizer de Nando? Supomos que não seriam os personagens, mas o próprio sujeito “calado”, um sujeito que não pôde ter, em um simples grito, o seu intérprete que o configurasse em apelo.

Portanto, a escuta e a intervenção clínicas, possibilitaram reconhecer Nando como alguém que detém uma “narrativa” que havia sido, até então, rejeitada, abrindo caminho para que ele deixe de se confundir com um “choro calado”, ofuscado e passe a *chorar, apelar, desejar, falar*.

REFERÊNCIAS

- ANDRÈS, M. O Outro. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 385-387.
- ASSOUN, -L. **O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- AZEVEDO, R. M. **A voz e a invocação para musicar a vida: ressonâncias entre música e psicanálise** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Psicanálise em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, 2011.
- BALBO, G.; BERGÈS, J. **Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transativismo**. Porto Alegre: CMC, 2002.
- BALBO, G.; BERGÈS, J. **Psicose, autismo e falha cognitiva na criança**. Porto Alegre: CMC, 2003.
- BANDIM, J. M. **Autismo: uma abordagem prática**. 1ª ed. ed. Recife: Edições Bagaço, 2010.
- BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. A psicanálise depois de Freud. In: BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. **Lacan. Teoria do sujeito. Entre o outro e o grande outro. Apresentação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 138-169.
- CAMPOS, H. **Ideograma, lógica, poesia, linguagem**. São Paulo: Edusp, 1994.
- CAMPOS, H. O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua: Freud, Lacan e a estrutura. In: CESAROTTO, O. (.). **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2011. p. 169-188.
- CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo**. São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- CATÃO, I. Com a palavra, o autista, Curitiba, 09 Setembro 2011. Disponível em: <<http://www.apccuritiba.com.br/artigos/ed-23-com-a-palavra-o-autista/>>.
- CAVALCANTE, M. A fala atribuída: vozes que circulam no discurso materno. **Letras de hoje**, Setembro 2001. 585-591.
- CAVALCANTI, , A. E.; ROCHA, P. S. **Autismo: Clínica Psicanalítica**. 3 ed. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- CAVALCANTI, A. E.; ROCHA, P. S. **Autismo: construções e desconstruções**. 3 ed. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Larousse-Artes Médicas Sul, 1995. 208 p.

CRESPIN, G. A clínica precoce: o nascimento do humano. In: CRESPIAN, G. **A clínica precoce: o nascimento do humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 28-45.

CRESPIN, G. A clínica precoce: o nascimento do humano. In: CRESPIAN, G. **A clínica precoce: o nascimento do humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 28-45.

D'AGORD, M. R. D. L. As estruturas do discurso: o uso do esquema L em psicopatologia. **Lat. Am. Journal of Fund. Psycopath. Oline**, p. 87-100, 2009.

DE LEMOS, C. T. G. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. **Interações**, São Paulo, V, jul-dez 2000. 53-72.

DIDIER-WEILL, A. **Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DOR, J. **Introdução à Leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOR, J. Lacan: uma concepção estrutural e topológica do inconsciente. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 267-271.

FERNALD, A. For-moht-old infants prefer to listen to motherese. **Infant Behavior and Development**, p. 181-195, 1985.

FERREIRA, S. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: CAMAROTTI (ORG.), M. C. **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 97-104.

FERREIRA, S. O manhês e o impossível da língua. In: LAZNIK, M. C.; COHEN, D. **O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa**. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 243-251.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996. p. 119-217.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1914. p. 77-108.

FREUD, S. O instinto e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 1914-1916/2010. Cap. 2, p. 51-81.

FREUD, S. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II) (1915-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, v. XV, 1916/1996. 89-240 p.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Cap. 2. ISBN 978-85-359-1606-5.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIKOVATE, C. G. Atenção autismo não é raro: leia o relato a baixo. **Dra. Carla Gikovate web site**, 2009. Disponível em:

<<http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>>.

GOMES, E. E. A. **Hipersensibilidade auditiva em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Pediatria, Porto Alegre: [s.n.], 2003.

GRINKER, R. R. **Autismo: um mundo obscuro e conturbado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

HOMERO. **A Odisséia**. São Paulo: EBooksBrasil, 2009.

IDALGO, A. Análise estilística do poema "O Relógio" de Vinícius de Moraes. **Recanto das Letras**, 05 Julh. 2011. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3076218>>. Acesso em: 2013.

JERUSALINSKY, A. Psicose e Autismo na infância: Uma questão de linguagem. Nov/1993. Ano IV n. 09. **Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Artes Ofícios**, Nov. 1993. ISSN 09.

KANNER, L. Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo. In: KANNER, L., et al. **Autismos**. Recife: Editora Escuta, 1943/1997. p. 111-170.

KAUFMANN, P. R.S.I. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 459.

KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, 11, 2000.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, J. **Nomes-do-pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1901-1981/2005. p. 9-53.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1948/1998. p. 104-126.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998. p. 96-103.

LACAN, J. Discurso de Roma. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953/2003. p. 139-172.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura de personalidade. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960/1998. p. 653-691.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/2008.

LAPLANCHE, D.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAZNIK, M.-C. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Álgama, 2004.

LAZNIK, M.-C. Prefácio. In: CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca**: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2009. p. 11-18.

LIMA, A. Recursos Linguísticos e paralinguísticos na clínica fonaudiológica do autismo. **Universidade Católica de Pernambuco Pró-Reitoria Acadêmica Mestrado em Ciências da linguagem**, 2007. 144.

LIMA, A. N. F. D. Recursos linguísticos e para linguísticos na clínica fonaudiológica do autismo. **Universidade Católica de Pernambuco Pró-reitoria acadêmica mestrado em ciências da linguagem**, 2007. 144.

LIMA, A. N. F. D. Recursos Linguísticos e paralinguísticos na clínica fonaudiológica do autismo. **Universidade Católica de Pernambuco Pró-Reitoria Acadêmica Mestrado em Ciências da linguagem**, 2007. 144.

MALEVAL, J.-C. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. **Autismo(s) e atualidade**: uma leitura lacaniana. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. p. 45-70.

MARCELLI, D.; COHEN, D. A psicopatologia da linguagem. In: MARCELLI, D.; COHEN, D. **Infância e psicopatologia**. Tradução de Fátima Murad. 8. ed. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 6, p. 121-124. ISBN ISBN 978-85-363-2397-8.

MELGAÇO, R. G. A intervenção do psicanalista na clínica bebê/pais. In: CAMAROTTI (ORG.), M. C. **Atendimento ao bebê**: uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 185-195.

MORAES, V. D. O Relógio. **Vinicius de Moraes**, Rio de Janeiro, 04 Fev. 2014. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-relogio>>.

NASIO, -D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NASIO, J.-D. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

POMMIER, G. **Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse**. Paris: Flammarion, 2004.

PORGE, E. **Voix de l'écho**. Toulouse: Éditions érès, 2012.

QUEIROZ, T. C. D. N. A entrada da criança na linguagem se faz numa estreita relação com o seio. In: QUEIROZ, T. C. D. N. **Do desmame ao sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 147-170.

QUEIROZ, T. C. D. N. **Do desmame ao sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ROCHA, P. S. Rumo à Ítaca. In: ROCHA, P. S. (. .); AL., E. **Autismos**. Recife: Escuta, 1997. p. 15-26.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARPA, E. M. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, p. 19-27, 2005.

SEKEFF, M. L. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Unesp, 2007.

TREVARTHEN, C. et al. **Children with autism: diagnosis and interventions to meet their needs**. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 1998.

VILA, C.; DIOGO, S.; SIQUEIRA, S. Autismo e Síndrome de Asperger. **Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes**, Portimão, Portugal, 2009.

VIVÈS, J.-M. A pulsão invocante e os destinos da voz. **Psicanálise & Barroco em revista**, p. 186-202, 2009.

WAJNTAL, M. As manifestações precoces das patologias do contato afetivo. In: CAMAROTTI (ORG.), M. C. **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 159-160.

WINNICOTT, D. Da preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. **Da psiquiatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1956/1978. p. 491-498.

WINNICOTT, D. **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.